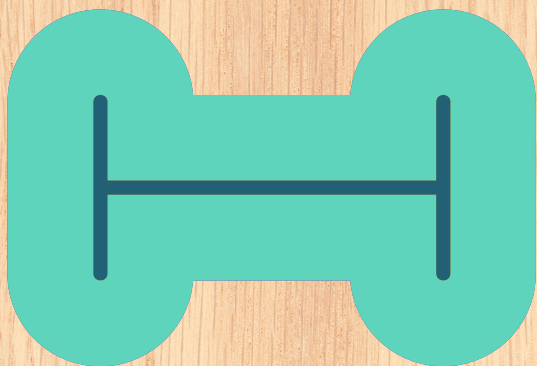
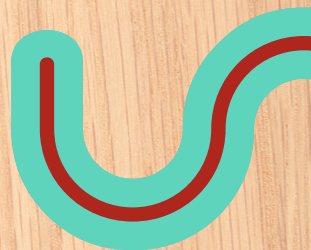
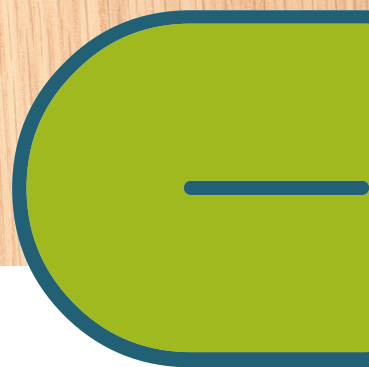
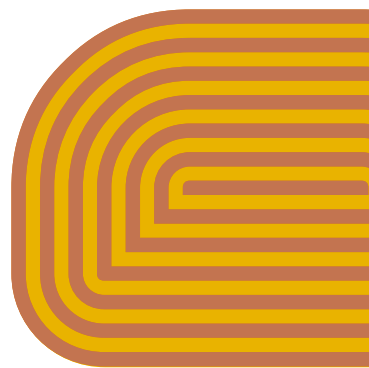




BRINQUEDOS DO BRASIL

Invenções de muitas mãos



Serviço Social do Comércio | Departamento Nacional

BRINQUEDOS DO BRASIL

Invenções de muitas mãos

Rio de Janeiro
Sesc | Serviço Social do Comércio
Departamento Nacional
2018

SESC | SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO NACIONAL

Antonio Oliveira Santos

DEPARTAMENTO NACIONAL

DIREÇÃO-GERAL

Carlos Artexes Simões

DIRETORIA DE EDUCAÇÃO

Claudia Fadel

PUBLICAÇÃO

CONTEÚDO

GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO

Cynthia Maria Campelo Rodrigues

EQUIPE TÉCNICA

Anna Paula Jannuzzi Gasparri

Claudia Santos de Medeiros

Gilvania Ferreira Porto

PESQUISA E TEXTO

Adriana Klisys

ESTAGIÁRIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Rebeca de Castro

Vanessa Cristina Mazoto Samuel Nunes

PRODUÇÃO EDITORIAL

DIRETORIA DE COMUNICAÇÃO

Pedro Hammerschmidt Capeto

SUPERVISÃO EDITORIAL

Jane Muniz

DIREÇÃO DE ARTE

Ruth Lima

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

TUUT

FOTOGRAFIA

Laura Jeunon

COPIDESQUE

Clarisse Cintra

REVISÃO

Madalena Parisi Duarte

ARTE-FINALIZAÇÃO E PRODUÇÃO GRÁFICA

Celso Mendonça

ESTAGIÁRIA DE PRODUÇÃO EDITORIAL

Juliana Marques

©Sesc Departamento Nacional, 2018
Av. Ayrton Senna, 5.555 – Jacarepaguá
– Rio de Janeiro/RJ – CEP: 22775-004
Telefone: (21) 2136-5555
www.sesc.com.br

Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei nº 9.610 de 19/02/1998.
Distribuição gratuita, venda proibida.

Sesc. Departamento Nacional.
Brinquedos do Brasil : invenções de muitas mãos /
Sesc, Departamento Nacional. –
Rio de Janeiro : Sesc, Departamento Nacional, 2018.
243 p. : il. ; 26,4 cm.

ISBN 978-85-8254-068-8.

1. Brinquedos educativos – Confecção.
2. Brincadeiras. 3. Artesãos – Brasil. I. Título.

CDD 371.33

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a colaboração de todos os Departamentos Regionais do Sesc e convidamos a todos a continuarem a pesquisa e o empenho para que o brinquedo artesanal faça parte do currículo escolar, por uma escola na qual a autoria infantil também se manifeste na construção de seus próprios brinquedos. Deixamos aqui, também, nosso especial agradecimento aos artesãos e artesãs que não desistem de sonhar brinquedos para embalar a infância e acordar a humanidade.

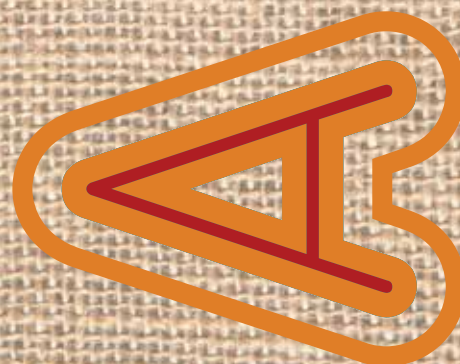
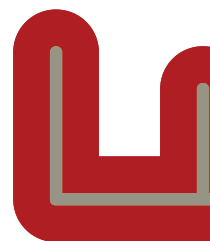
ESCOLAS PARTICIPANTES NOS SEGUINTE DEPARTAMENTOS REGIONAIS

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Roraima, Rondônia, Santa Catarina, Sergipe, São Paulo e Tocantins.

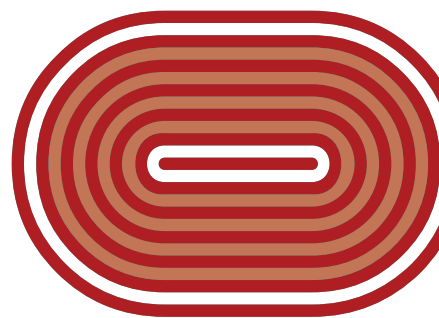
Tomando um dos principais papéis da escola para a infância, que é o da produção de conhecimento e de cultura por meio do lúdico, o Sesc leva a sério o brincar e apresenta o livro *Brinquedos do Brasil: invenções de muitas mãos*, uma publicação que convida à memória, à criação e ao prazer de brincar, veiculada pelas mãos de artesãos de todo o Brasil. São piões, carrinhos, bonecas e engenhocas que poderão levar professores, crianças e outras pessoas pelos caminhos do saber popular, suas tradições e a construção de uma narrativa tecida pelos fios da cultura infantil.

Seja bem-vindo ao mundo dos brinquedos artesanais brasileiros e suas possibilidades na escola!

DEPARTAMENTO NACIONAL DO SESC

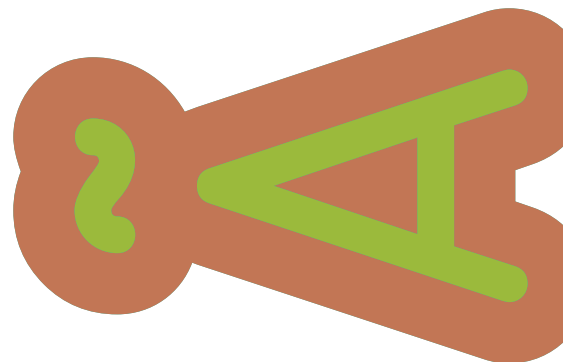


W

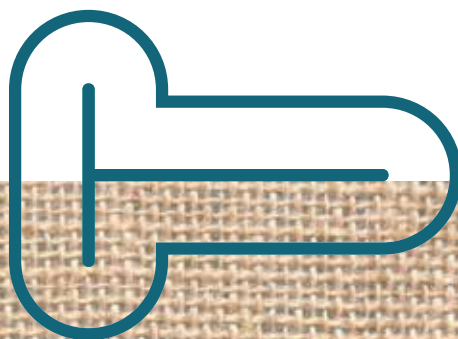


Z

A



m



S

- 10** **INTRODUÇÃO**
- 14** **FAZ DE CONTA: MUNDO
MINIATURA DA REALIDADE**
- 16** **MOBÍLIAS DE ARAME E LÃ**
Paulo Socha | MA
- 18** **BONECAS E MANDALA
DE BONECAS DE PANO**
Maria de Lourdes Alves | PB
- 22** **BONECAS ABAYOMI**
Lena Martins
(Waldilena Serra Martins) | RJ
- 26** **CASINHA DE BONECA DE
MADEIRA COM MOBÍLIA**
João de Cerqueira Silva | PI
- 30** **CASINHA DE PAPEL**
Jaime Correia Biliatário | BA
- 34** **ANIMAIS DE BALATA**
José Batista de Aragão | AC
- 38** **PARQUINHO DE DIVERSÕES
DE FLANDRES**
Juracy José Gomes | BA
- 42** **FAZ DE CONTA: MUNDO
MINIATURA DA FICÇÃO**
- 44** **BONECOS DO SÍTIO DO
PICA-PAU AMARELO**
Lala Martinez Corrêa
(Maria do Rosário Martinez Corrêa) | SP
- 50** **BONECOS FANTÁSTICOS DE MADEIRA**
João Mauricio Neiva Gilson
e Marigilda Machado Borba | RJ
- 56** **MÁQUINA VOADORA
E ANIMAIS ALADOS**
Gandhy Piorski | CE
- 60** **FAZ DE CONTA: MUNDO
MINIATURA PARA SE LOCOMOVER
NA TERRA, NA ÁGUA E NO AR**
- 62** **CARRINHOS DE VÁRIAS DÉCADAS**
Luiz Eicardi | SP
- 66** **CAMINHÃO DE TORA**
Vasco (Francisco de Assis
da Silva Vasconcelos) | RO
- 68** **JIPE, AVIÃOZINHO E
HELICÓPTERO DE BURITI**
Renato da Silva Moura | TO
- 72** **CARRINHO DE CORRIDA, PRANCHA
DE WINDSURF E JANGADA**
Guara (Guaracy da Costa Silva) | RR
- 76** **AVIÃOZINHO DE CAIXA DE MADEIRA
E AVIÃOZINHO DE PAPELÃO**
Magão (Ronaldo Batista de Sales) | RN

- | | | | |
|-----|--|-----|---|
| 80 | FAZ DE CONTA DE MAMULENGOS,
MARIONETES E FANTOCHES | 118 | BRINQUEDOS DE HABILIDADE
E DESTREZA |
| 82 | BONECO JANEIRO
Mestre Miro (Ermírio José da Silva) PE | 120 | CORRUPIO
Divino Jesus Moreira de Pinho GO |
| 86 | FANTOCHES DE PERSONAGENS
DO BOI DE MAMÃO
Mónica Marcon SC | 124 | PETECA
Magali Aparecida Ono MS |
| 90 | BONECOS DE CAIXA DE FÓSFOROS
Joba Tridente PR | 128 | PERNA DE PAU E ESQUI DUPLO
João Carlos Nascimento Mogarte RS |
| 94 | TEATRO DE BONECOS
Juliana Bollini SP | 130 | ESTILINGUE (BALADEIRA)
Ricardo Silva
(Demestre da Silva Bezerra) AC |
| 100 | FAZ DE CONTA QUE CORREMOS
O MUNDO POR MUITAS LÉGUAS | 134 | SOBRE RODAS |
| 102 | CAVALO PANTANEIRO
Micheli Sierra MT | 136 | CAMINHÃO ITINERANTE
João Luiz de Souza Silva SE |
| 106 | CAVALO DE BALANÇO
Manoel Severino dos Santos DF | 140 | CARRINHO DE ROLIMÃ, CARRINHO
DE MÃO E BRINQUEDO DE EMPURRAR
Carlos Antonio Alves MG |
| 110 | CAVALINHO DE CAULE
DE PÉ DE MILHO
Divino Jesus Moreira de Pinho GO | | |
| 114 | CAVALO DE MIRITI
Valdeli Costa Alves PA | | |

144 **BRINQUEDOS DE MIRITI**

146 **MÓBILE DE PÁSSAROS**
Raimundo do Socorro Vasconcelos | PA

150 **COBRA ARTICULADA, TATU
ARTICULADO E BARQUINHO DE MIRITI**
Vamilson Costa Alves | PA

154 **COME-COME, ALIMENTANDO,
RIBEIRINHO NA CANOA, BOTO
ARTICULADO, SOCA-SOCA,
SERRA-SERRA E DANÇARINOS**
Valdeli Costa Alves | PA

160 **ENGENHOCAS**

162 **CARRO BATE-BATE E GALINHAS**
Paulo Socha | MA

166 **MANÉ-GOSTOSO**
Mestre Miro (Ermírio José da Silva) | PE

170 **MANÉ-GOSTOSO E CATA-VENTO
BONECOS NO PILÃO**
Mestre Zezinho (José Cícero da Silva) | AL

174 **VIOLATA**
Kaju e Junai (Leonardo Coutinho de Souza
e Luiz Gonzaga Araújo e Costa Júnior) | DF

178 **PIÃO GIGANTE À MANIVELA**
Dim
(Antônio Jader Pereira dos Santos) | CE

182 **ENGENHOCA DE MANIVELA**
Alberto Bernardo
(Carlos Alberto Bernardo de Souza) | CE

186 **ENGENHOCAS DE EMPURRAR**

188 **PÁSSARO BATE-BATE, CAVALO ALADO,
HELICÓPTERO E MONOCICLISTA**
Dim
(Antônio Jader Pereira dos Santos) | CE

192 **JACARÉ**
Mestre Miro (Ermírio José da Silva) | PE

196 **JACARÉ E BORBOLETA DE EMPURRAR**
João Luiz de Souza Silva | SE

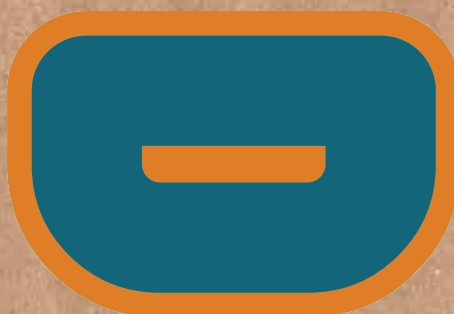
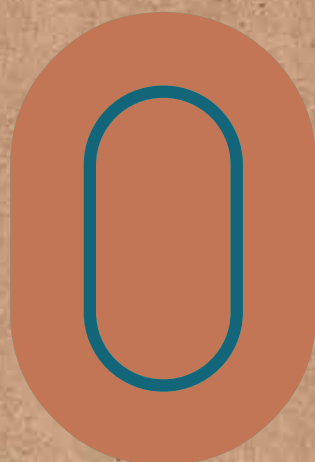
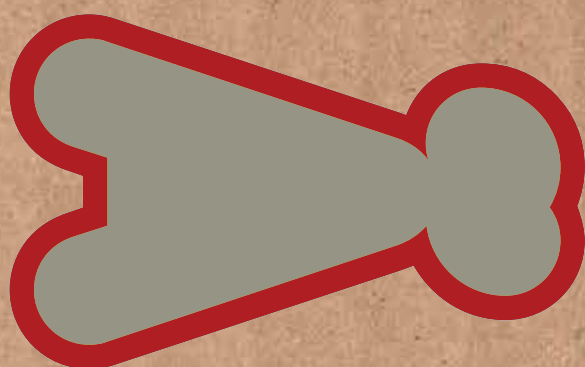
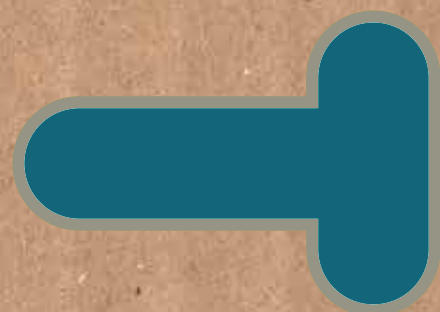
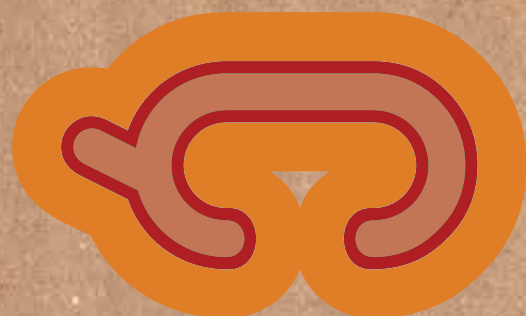
200 **PÁSSARO BATE-BATE**
Paulo Socha | MA

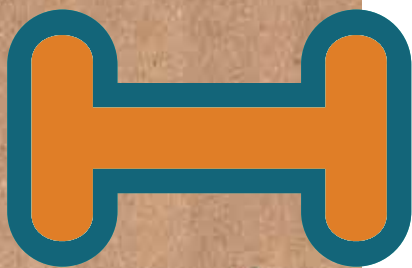
204 **ENGENHOCA DE EMPURRAR**
Carlos Antonio Alves | MG

208 **BRINQUEDOS PARA VER O BELO**

210 **CALEIDOSCÓPIO ACQUA, LINEA,
POP STAR, POB BOX, POP
ACQUA, TETRIS E ALEGRIA**
Heidi Xavier | PR

- 216** **ANTIGAMENTE BRINCAVA-SE
ASSIM, HOJE TAMBÉM!**
- 218** **CARRO DE LATA DE ÓLEO
E DE SARDINHA COM RODA
DE CHINELO HAVAIANA**
Ricardo Silva
(Demestre da Silva Bezerra) | AC
- 220** **CARRO DE BOI E BONECOS DE
SABUGO DE MILHO, CARRO DE BOI DE
MADEIRA E CARRINHOS DE SUCATA**
Divino Jesus Moreira de Pinho | GO
- 226** **PIÕES DO BRASIL**
Vários artesãos do Brasil
- 236** **FICHA DOS ARTESÃOS**





O livro *Brinquedos do Brasil: invenções de muitas mãos* faz parte do projeto de formação lúdica do Sesc – Administração Nacional, Gerência de Educação, uma iniciativa que promove ciclos de conferência sobre o papel dos jogos, brinquedos e brincadeiras, além de estimular a reflexão sobre a escolha do acervo e de propostas a ele relacionadas na Educação Infantil.

O presente material traz indicação de brinquedos de todas as regiões do Brasil, contatos dos artesãos que os conceberam, bem como curiosidades e formas de uso. A ideia é que os brinquedos artesanais façam parte da escola, ampliando as possibilidades do brincar e a construção de brinquedos pelos professores, crianças e comunidade educativa.

O Sesc, em ação conjunta com a Caleidoscópio Brincadeira e Arte de Formação e Escrita, viabilizou a construção deste conteúdo. Os Departamentos Regionais do Sesc nos ajudaram na pesquisa dos artesãos.

Temos um verdadeiro tesouro nacional composto das mais variadas engenhocas que não está presente nas escolas: brinquedos de miriti, mamulengos, brinquedos de lata, panelinhas de barro, bolas de borracha da região amazônica, bichinhos de balata (resina vegetal), bonecas de pano, petecas de palha ou de buriti.

Se a escola é lugar de aprofundamento da cultura, cabe ampliar a oportunidade de realizar atividades com brinquedos de norte a sul do país, feitos com uma diversidade de materiais, texturas, cores, cheiros e a especial qualidade de trazer a marca forte de quem os produziu.

Parece urgente arejar a discussão de um currículo para a Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, que considere o brincar em sua diversidade e riqueza de propostas: a interação, o espaço e os recursos lúdicos (brinquedos industrializados, artesanais, materiais não estruturados que se prestam à brincadeira). Incrementar a qualidade do brincar na escola é também cuidar do elo entre crianças, brinquedos e brincadeiras.

A criança não brinca numa ilha deserta. Ela brinca com as substâncias materiais e imateriais que lhe são propostas. Ela brinca com o que tem à mão e com o que tem na cabeça. Os brinquedos orientam a brincadeira, trazem-lhe matéria. (BROUGÈRE, p.105, 1995).¹

A qualidade desta matéria pode ser diversa: madeira, folhas de flandres, pano, fibras naturais, bucha, couro, sabugo de milho, sementes etc. Com tanta variedade, por que ficar só nos brinquedos plásticos? Ao optar por um único material para oferecer à sensibilidade infantil, acabamos massificando e plastificando a brincadeira. É preciso buscar brinquedos que surpreendam as crianças sob muitos aspectos.

¹ BROUGÈRE, G. *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez, 1995.

A opção por privilegiar neste livro o brinquedo artesanal não é à toa. Seu processo de construção transparente é generoso ao incentivar a autoria na construção dos brinquedos, acionando a capacidade de pensar, sentir e agir. Conhecer como se faz brinquedos é desvincular o brincar do consumo, é uma forma de descobrir-se criador e não dependente de uma indústria de divertimento para poder brincar.

A delicadeza e a aparente fragilidade do brinquedo feito pelo artesão ou pela criança é fortaleza, é qualidade de invencioneiro, trazem fortes traços da identidade de quem o faz. Ao brincar com um conjunto de panelinhas de barro feitas manualmente, as crianças vão perceber que umas são diferentes das outras e que é preciso cuidado com o material, que é frágil e pode quebrar facilmente. A criança que só conhece o brinquedo de plástico tem uma relação de menos delicadeza, uma vez que um tipo de material como este parece não pedir cuidados.

Se considerarmos que o brincar é uma experiência sensível, faz toda a diferença para o aguçamento da sensibilidade termos brinquedos com características diferentes: plástico, pano, madeira, ferro, porcelana, fibra natural, palha, bambu, elementos da natureza etc. E, sobretudo, que tais brinquedos sejam modelos que inspirem a criação.

Ao olharmos atentamente um grupo de crianças, veremos que elas estão o tempo todo inventando brinquedos. Cabe a nós, educadores, valorizar esses gestos criativos e dar condições de ampliá-los, seja disponibilizando materiais, compartilhando saberes ou possibilitando que os diversos informantes da cultura lúdica – artesãos, adultos, crianças – possam se unir para estimular a criação de brinquedos.

O livro *Brinquedos do Brasil: invenções de muitas mãos* é um convite a refletir sobre a escolha do acervo lúdico e propostas de criação de brinquedos pelas crianças, considerando o seu potencial cultural, educativo e relacional. Do mesmo modo que um bom leitor lê bons livros, um bom brincante conhece boas brincadeiras, bons jogos e bons brinquedos. E neste ponto estamos bem servidos no Brasil!

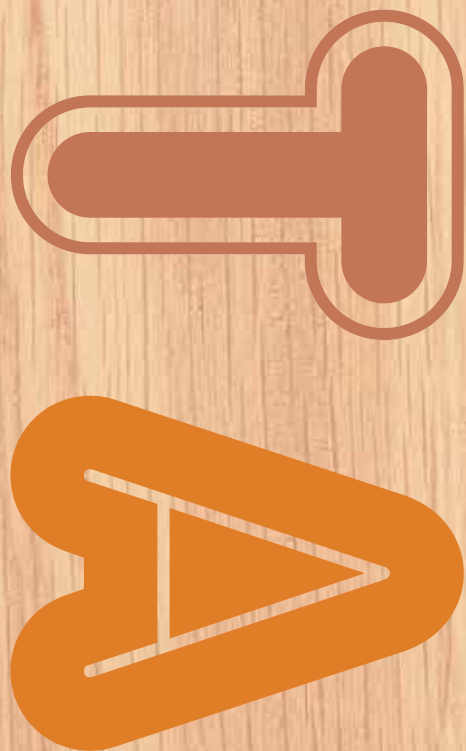
Seria impossível abarcar tanta diversidade de brinquedo, por isso fizemos uma seleção, o que já será suficiente para aguçar a curiosidade pelo tema:

- › Faz de conta: mundo miniatura da realidade
- › Faz de conta: mundo miniatura da ficção
- › Faz de conta: mundo miniatura para se locomover na terra, na água e no ar
- › Faz de conta de mamulengos, marionetes e fantoches
- › Faz de conta que corremos o mundo por muitas léguas
- › Brinquedos de habilidade e destreza
- › Sobre rodas
- › Brinquedos de miriti
- › Engenhocas
- › Engenhocas de empurrar
- › Brinquedos para ver o belo
- › Antigamente brincava-se assim, hoje também!
- › Piões do Brasil

Esperamos que a pesquisa seja ampliada e que os brinquedos artesanais possam fazer parte do acervo escolar.

Boa viagem lúdica (lúcida!) ao universo dos brinquedos do Brasil!

FAZ DE CONTA:
MUNDO MINIATURA
DA REALIDADE



MOBÍLIAS DE ARAME E LÃ
Paulo Socha | MA

BONECAS E MANDALA
DE BONECAS DE PANO
Maria de Lourdes Alves | PB

BONECAS ABAYOMI
Lena Martins
(Waldilena Serra Martins) | RJ

CASINHA DE BONECA
DE MADEIRA COM MOBÍLIA
João de Cerqueira Silva | PI

CASINHA DE PAPEL
Jaime Correia Biliatário | BA

ANIMAIS DE BALATA
José Batista de Aragão | AC

PARQUINHO DE DIVERSÕES
DE FLANDRES
Juracy José Gomes | BA





A realidade é um grande motor da imaginação, e o inverso também é verdadeiro. Por isso, nunca é demais brincar de faz de conta.

O faz de conta é alimentado pela cultura, afinal a criança brinca com o que conhece. Quanto mais ampla for a sua cultura, mais amplo será o faz de conta. Uma criança que assiste a um espetáculo de circo, seja ao vivo, na TV ou no cinema, ganha elementos para incluir em sua brincadeira os muitos papéis dos artistas circenses: palhaço, bailarina, malabarista, trapezista etc. Do mesmo modo, quando vai à feira com seus familiares, quando assiste a uma reportagem sobre astronautas no espaço, quando partilha do conhecimento de um outro povo ou assiste a uma orquestra, está, por tabela, alimentando o seu faz de conta. O vasto conhecimento do mundo real amplia sua imaginação.

Brincar com o mundo miniatura da realidade é um convite para atuar no mundo, sentir-se participante, compreender melhor sua organização e ainda inventar novas formas de interação.

Ao brincar com miniaturas de parques de diversão, pessoas, animais, casas e outros tantos brinquedos, a criança vai organizando o mundo a sua maneira. É comum, ao observarmos as crianças, notá-las empenhadas na organização da brincadeira. Passam horas arrumando casinhas e organizando fazendinhas com animais, pedrinhas, gravetos e folhagens. Esses contextos devem ser incentivados na escola. Assim, se reparamos o interesse das crianças em trazer elementos naturais para a brincadeira com os animais miniaturas, por que não disponibilizar caixas baixas ou gavetas com areia fina ou terra para essas brincadeiras e, em alguns casos, até mesmo bacias de lama ou água?

O aprofundamento do faz de conta em que a criança é uma verdadeira regente de seu mundo miniatura se dá tanto na possibilidade da constância da brincadeira como no seu aprimoramento ao experimentar interagir com a matéria e com os sentidos que os mundos material e simbólico trazem para a brincadeira. Quanto mais a escola compartilhar da cultura, mais diversidade e profundidade poderá ter o universo simbólico da criança.



MOBÍLIAS DE ARAME E LÃ

Paulo Socha | MA

Para mais informações do autor, ver pp. 163 e 201.

Paulo Socha, fotógrafo, inventor de brinquedos e instrumentos musicais é um artista versátil. Quando viaja, consegue levar um mobiliário inteiro em sua bagagem que ocupa o mínimo espaço. Basta um pouco de fio de arame, alicate e lã. Além do talento para trabalhar em madeira fazendo brinquedos e engenhocas, é habilidoso em fazer aqueles que precisam de um mínimo de material, como é o caso das mobílias de arame e lã, tecnologia passada de geração em geração. Ainda bem que há representantes que cuidam desse legado e seguem transformando o conhecimento desse fazer quando dão o seu toque pessoal na criação de novos brinquedos.

A delicadeza das mobílias em miniatura, feitas com estrutura de arame galvanizado encapadas e preenchidas com fios de lã colorida é um convite não só à brincadeira mas também ao enriquecimento da experiência perceptiva e sensitiva.

Uma criança ao manipular uma das mobílias pode desvendar o mistério de sua construção, é como se o talento das mãos que a conceberam acompanhasse a brincadeira.

Uma das perguntas que deve passar sutilmente pela cabeça de uma criança é sobre a origem e seu modo de confecção: quem os fez, como o autor teve a ideia de juntar os materiais para formar o que criou e como ela poderia fazê-los também.

Nesse sentido, é um brinquedo generoso quanto ao compartilhamento dos segredos de sua confecção, pois seu processo de construção é transparente, podendo ser confeccionado com facilidade por qualquer pessoa.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Inspirando-nos nas mobílias em miniatura para brincadeiras de casinha, podemos propor que as crianças confeccionem também suas mobílias para brincar com miniaturas, usando materiais que podem ser desde caixas pequenas de papelão, embalagens, tocos de madeira até estrutura de arame encapado; neste último caso, contando com ajuda adulta.



BONECAS E MANDALA DE BONECAS DE PANO

Maria de Lourdes Alves | PB

As bonecas de pano, estilo bruxinha, como as da mandala de Dona Lourdinha, são muito comuns em todo o nordeste brasileiro. Conhecidas também como “nordestinas”, “bruxinhas” e “bonequinhas da vovó”, estas últimas receberam o nome por terem sido feitas no tempo das avós.

Dona Maria de Lourdes, 69 anos, conhecida como Lourdinha, aprendeu a fazer boneca com sua mãe quando era criança, que, por sua vez, aprendeu com a avó. Seu sonho, agora, é que sua neta de 4 anos siga a tradição e possa ser também uma bonequeira de mão cheia. Para isso, mantém os mesmos ensinamentos dos antepassados: dá vazão à curiosidade da neta sobre o ofício, convidando-a para ajudá-la naquilo que é possível como, por exemplo, encher o corpo das bonecas costuradas com tecido.

Quando era pequena, gostava de brincar de casamento de bonecas e até hoje faz casal de noivos. Seu irmão e ela reuniam os vizinhos para o grande evento da festa de casamento das bonecas e juntos preparavam um cozido de galinha em panelinha de barro e o comiam em pratinho de boneca.

Hoje a brincadeira se transformou. A menina virou bonequeira e estilista de roupas de boneca. Há 39 anos faz questão de caprichar no visual de seus modelitos, porque acha que o mais gostoso da criação é a roupa; como ela mesma diz, “é o destaque da boneca”. Também gosta de variar no tipo de cabelo: cacheado, liso, crespo, curto, comprido.

Suas bonecas começaram a fazer sucesso depois que recebeu uma encomenda para decorar o Salão de Artesanato Paraibano, em 2006. Fez dez bonecas de pano de 1,10 metro de comprimento, vestidas de moça, com muitos babados, e uma mandala com mais de 58 bonecas pequenas que foram a grande atração da feira de artesanato.



POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Podemos nos inspirar nas mandalas de bonecas de Dona Lourdinha para propor às crianças que as façam com bonecas de papelão ou de pano para embelezarem a escola. Dá para ter mandala de bonecas, desde que sejam feitas outras bonecas a mais para estarem livres, leves e soltas na brincadeira!

Uma boa opção é fazer um dia de confecção de bonecas e bonecos, com pais e filhos juntos. Panos, retalhos, linha, lã, agulha e mesmo tinta ou caneta de tecido são materiais imprescindíveis. Além disso, uma boa pesquisa sobre os tipos de bonecas feitas no Brasil pode ajudar ainda mais a inspirar novas criações. E quem sabe o cozido de galinha da festa de casamento das bonecas de Dona Lourdinha não inspire também uma confraternização com algum quitute especial?





BONECAS ABAYOMI

Lena Martins (Waldilena Serra Martins) | RJ

A boneca Abayomi, que hoje é uma marca registrada, tem sua origem nas mãos de Lena Martins, maranhense que mora no Rio de Janeiro há 55 anos.

Alimentada pela experiência, como artesã, das tradicionais bonecas bruxinhas de pano e de bonecas de palha de milho sem cola e sem costura, criou em 1987 um jeito particular de fazer bonecas negras de pano, sem usar linha, agulha, tampouco cola, utilizando uma técnica apurada de nós e amarrações para estruturar e dar acabamento às bonecas feitas com sobras de retalhos de panos e malhas, sem nenhuma estrutura de arame ou madeira.

Logo outras mulheres se juntaram a ela, aprendendo a técnica das bonecas de retalhos superpostos, nós e amarrações e, no ano seguinte, estava constituída a Associação Abayomi.

A palavra Abayomi é um nome próprio da língua Iorubá. Muitas crianças africanas quando nascem recebem este nome, que significa encontro precioso: abay = encontro e omi = precioso, também traduzido como “meu presente”, “meu momento”.

A escolha intencional em fazer exclusivamente bonecas de pano negras, com acabamento estético impecável, tem a ver com o passado de militância da autora no Movimento das Mulheres Negras, que procurava na arte popular um instrumento de valorização da identidade afro-brasileira. “Fazer bonecas Abayomi é minha militância poética”, diz Lena.

Suas bonecas, que variam de 2 cm a 1,50 m, representam figuras do cotidiano, personagens de circo, da mitologia, orixás, manifestações folclóricas e culturais, ganhando até verbete de enciclopédia e temática de teses de mestrado:



- › *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*; Nei Lopes – Editora Selo Negro – RJ 2004.
- › Dissertação de mestrado: *Abayomi: O design nas amarrações dos fios femininos na bandeira de uma cooperativa* – PUC-Rio, 2006, Luciana Grether de Mello Carvalho.
- › Dissertação de mestrado: *Experiência Abayomi – Cotidianos coletivos, ancestrais, femininos, artesanando empoderamentos* – UFF – Faculdade de Educação – 2008 – Niterói – Sonia Maria da Silva.

Ainda em 2011, Lena lançou seu primeiro livro todo ilustrado com tecido e bonecas Abayomi. A narrativa trata de uma conversa levada ao balanço de uma rede, com uma criança que está aprendendo a falar, inspirada na vivência que teve com sua neta de 3 anos de idade, que hoje completa 18 anos: *Vida que Voa*, Lena Martins, ilustrações de Carolina Figueiredo, Luciana Carvalho e Lena Martins, Editora Escrita Fina, RJ, 2011.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Ter bonecas negras e também de diferentes culturas na escola é uma maneira de valorizar a diversidade cultural, incluindo na brincadeira algo que deveria ser natural nas relações: o afeto, o encontro precioso (abay = encontro e omi = precioso) das diferenças.

A opção de Lena pelas bonecas negras tem marca em sua trajetória e na observação de que existia, no Brasil, pouca preocupação no que diz respeito ao cuidado estético com as bonecas negras; e não só isso, também havia escassa produção delas. De 27 anos para cá, a situação melhorou por conta de iniciativas como as de Lena e outras tantas, mas ainda é preciso investir para que as escolhas de acervo lúdico nas escolas possam contemplar melhor a diversidade cultural.

Nesse sentido, procurar ter bonecas negras que não sejam estereótipos ou que não sejam feitas na mesma forma das bonecas brancas, como as grandes indústrias de brinquedos fazem, de certo modo é tratar de valorizar as diferenças como qualidade e não com visão preconceituosa, alimentada pela época da escravidão, que quis fazer acreditar na existência de culturas inferiores e superiores. Todos nós só temos a ganhar e crescer com este encontro efetivo, tão vital e precioso para a formação pessoal e social da Humanidade.



CASINHA DE BONECA DE MADEIRA COM MOBÍLIA

João de Cerqueira Silva | PI

As primeiras casinhas de bonecas começaram a aparecer em meados do século XVII, nos países do norte da Europa, e registravam o modo de moradia da nobreza da época.

Essas reproduções de casas em miniatura eram tão fiéis ao modelo que demoravam, por vezes, mais de ano para ficar prontas, contando com todos os acessórios: pratos, porcelanas, lustres, candelabros, tapeçaria, quadros, mobiliário etc. Eram tantos detalhes que algumas dessas casas tinham até mesmo roda de fiar de madeira, com roca de marfim em miniatura! Esses tesouros de adultos eram tão bem cuidados que as crianças mal podiam chegar perto.

Para a felicidade das crianças, as casas em miniatura passaram a ser feitas em massa, perdendo a quantidade de detalhes fiéis ao original e ganhando mais a função de uso para brincadeira que para objeto de decoração ou coleção. E, assim, as crianças puderam desfrutar deste brinquedo. Claro que ainda há colecionadores e museus de casas de bonecas espalhados pelo mundo, mas as crianças puderam se aproximar delas enquanto brinquedos e não apenas como objeto de apreciação.

E hoje em dia vários artesãos se prontificam a realizar o sonho de brincadeira de meninas e meninos, como é o caso do Sr. João de Cerqueira Silva, que constrói casinhas de boneca com mobília completa (armário, sofá, mesa, cadeira, cama, guarda-roupa, fogão etc.)

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

É interessante as crianças conhecerem a história da criação das casas de bonecas e se inspirarem nelas para fazer a sua própria decoração da casa.

Grande parte das casinhas de bonecas feitas para crianças são de madeira e sem nenhuma pintura. A garotada pode ser convidada a pintá-las, decorá-las à sua moda. E por que não construir as suas próprias casinhas de vários andares, juntando caixas de papelão resistentes ou caixas de frutas e legumes de madeira? Pode também fazer móveis colando retalhos de madeira, decorando com tinta ou colando algum tecido.

E para servir de inspiração, seria divertido ver como os adultos se ocupavam tanto com detalhes de casas em miniatura em tempos passados, como é o caso do arquiteto Sir Edwin Lutyens, que fez a famosa casa em miniatura Queen Mary's Dollhouse (de 3 metros de altura). Construída entre 1921 e 1924, é uma réplica perfeita da moradia da família real inglesa. Um verdadeiro documento histórico e arquitetônico da época, com tanto detalhe que tem até água corrente passando por canos em miniatura e luz elétrica. A casa está em exposição no Castelo de Windsor, na Inglaterra.

Quem se interessar pelo assunto pode consultar *O grande livro das casas de bonecas*, de Faith Eath, com fotografias de Matthew Ward, ed. Civilização, Portugal. De qualquer modo, a internet é uma boa fonte de pesquisa de imagens; basta digitar palavras-chave, como “museu da casa de boneca”, em várias línguas, para encontrar referências para as crianças conhecerem a história deste brinquedo:

- › Dollhouse museum (inglês)
- › Puppenhaus museum (alemão)
- › Museo de casa de muñecas (espanhol)
- › Maison de poupées musée (francês)





CASINHA DE PAPEL

Jaime Correia Biliatário | BA

Desde que se aposentou do Departamento de Correios, o Sr. Jaime Biliatário começou a fazer artesanato com embalagens de salgadinho, latas de alumínio, garrafas PET, jornal, entre outros materiais. Retomou o gosto que tinha pelas aulas de artes no ginásio para se dedicar a esse trabalho. Hoje, ministra cursos em creches e participa semanalmente de uma feira de artesanato realizada numa praça do município de Santo Antônio de Jesus, que reúne cerca de 40 artesãos, todos participantes do Projeto Quinta do Artesanato. Este é uma iniciativa da prefeitura por intermédio da Secretaria de Agricultura, Indústria, Comércio e Meio Ambiente, que tem valorizado artesãos do município e dado oportunidade de compras para o público.

Para fazer sua casa de 35 × 40 cm, que apelidou de Sítio Arizona por ter sido inspirado num filme ao qual assistiu, o Sr. Jaime prepara vários canudos feitos com folhas de revista, principal matéria-prima de seu brinquedo. Além de papel, usa tesoura, cola e papelão para fazer a base da casa. Depois de pronta, dá uma demão de verniz para durar. Com a estrutura dos canudos, cria também as cadeiras, mesas e qualquer outra mobília para a casinha de boneca.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Essa técnica de fazer canudos de papel com revistas e jornais pode inspirar a construção de muitos outros brinquedos. Vale experimentar com as crianças as possibilidades, tanto para brinquedos miniatura como para outros maiores nos quais possam entrar. Elas podem fazer, por exemplo, estruturas duplas de jornais, emendar umas às outras com fita adesiva e criar, assim, diferentes formas: cubos, bases hexagonais, octogonais e multiformes, que servirão para diferentes brincadeiras de faz de conta.

Podem, ainda, confeccionar diferentes objetos para as suas brincadeiras: bolas e escudos de papelão, espadas de jornal, coroas e braceletes feitos com a estrutura dos canudos. A plasticidade desse material permite que se façam diferentes usos dele, e nada melhor do que encontrar, na fértil imaginação infantil, novos empregos e possibilidades, instigando-as a criar seus brinquedos de jornais, revistas e papelão.

As criações podem ser fotografadas para compor a memória das invenções feitas para brincar e para servir de inspiração às novas criações.





ANIMAIS DE BALATA

José Batista de Aragão | AC

O Sr. José Batista de Aragão trabalha há 62 anos com balata, que é o látex (espécie de goma elástica) extraído de uma árvore chamada balateira, comum nas florestas da região Norte do Brasil, da mesma família da seringueira. Essa seiva natural é extraída por meio de ranhuras no tronco da árvore, que fornecem uma espécie de leite de borracha. É então defumada em fornalha à lenha, o que dá uma cor marrom-avermelhada, de textura mais consistente e pronta para que com ela sejam modeladas miniaturas de animais característicos da fauna brasileira: tatu, jacaré, arara, jabuti, jacu, mutum, sapo, tamanduá, peixe-boi, pirarucu, boto cor-de-rosa, macaco, cobra, búfalo da Ilha de Marajó etc. Quando os animais ficam prontos, desprendem um cheiro característico desse processo de defumação da borracha.

Pela maleabilidade do material e por ter características semelhantes às do couro, a balata foi apelidada de couro vegetal ou couro ecológico. E hoje, aos 77 anos, o Sr. Aragão é um especialista na arte de utilização da balata e dá curso dessa sabedoria amazônica até em outros países.

Além dos animais de balata, é possível fazer bolas, sapatos, galochas, bolsas e mesmo outras tantas miniaturas, como figuras humanas e objetos de decoração, moldando a balata à mão ou colocando-a em formas com desenhos do que se quer produzir.

Normalmente, esses produtos feitos de balata precisam ser conservados em local fresco para terem durabilidade, pois estão acostumados com o clima da floresta. Quando são levados a outros Estados, pode acontecer, com o tempo, de os produtos feitos com essa matéria-prima ficarem esbranquiçados; se isso ocorrer, é só passar silicone, gel ou spray para conservar melhor o material, evitando rachaduras.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Brincar com brinquedos artesanais, com formas, texturas e cheiros diferentes dos convencionais e dos brinquedos industrializados com estética globalizada e padrões muito semelhantes, é por si só um exercício de sensibilidade diferenciado. Isso faz com que as crianças também entrem em contato com a diversidade natural e cultural de seu país, na medida em que, ao brincar, também estão entrando em contato com a fauna brasileira, além da oportunidade de terem experiências táteis e sensíveis com um material tão precioso e raro em nosso próprio país e praticamente ausente nas escolas brasileiras. Afinal, se fizermos uma pesquisa para ver quem conhece brinquedo de plástico e de balata, certamente o primeiro ganha em disparada.

Para compor a brincadeira com este brinquedo-essência feito de seiva de árvore, nada melhor que agregar outros materiais da natureza. Por que não convidar as crianças a comporem cenários com pedrinhas, gravetos, folhagens, terra e água, para que seus animais de brinquedo encontrem um ambiente natural propício ao desenvolvimento de suas tramas lúdicas?





PARQUINHO DE DIVERSÕES DE FLANDRES

Juracy José Gomes | BA

O Sr. Juracy há 42 anos faz em sua oficina 13 modelos de brinquedos de parque de diversões, dentre eles: roda-gigante, carrossel, chapéu-mexicano, gira-gira, carrinho de sorvete, pipoca, brinquedo-sombrinha etc. Sua matéria-prima para a criação é a folha de flandres, uma chapa de ferro e aço muito fina, revestida com estanho. Recortada, trabalhada com ferramentas especiais e soldada, ganha diversas formas.

Antigamente, quando o plástico não imperava, lembra o Sr. Juracy, muitos produtos eram feitos com folha de flandres: candeeiro, regador, bacia, rala-coco, forma de bolo, cortadores de bolacha, pandeiro etc. Como costuma dizer, trabalhar com flandres é atividade antiga; por isso, tem a preocupação de que novas gerações aprendam o ofício, a fim de que os brinquedos de flandres continuem a habitar as brincadeiras infantis e a alma de gente grande que não esquece as raízes.

Brincando com a ideia de vias de extinção do brinquedo de flandres, outrora muito mais comum no Brasil que nos dias de hoje, o Sr. Juracy fez um cartão de visita com o nome “Juracy Parque”, com um desenho de roda-gigante e outro de dinossauro, em alusão ao filme Jurassic Park, de Steven Spielberg.

Este artesão de 76 anos faz sua parte para que os brinquedos não se tornem “jurássicos” e se orgulha do tanto de crianças e adultos que têm os seus brinquedos no Brasil e no exterior. Entre eles, dois filhos baianos muito especiais: Caetano Veloso e sua irmã, escritora e compositora, Mabel Velloso.

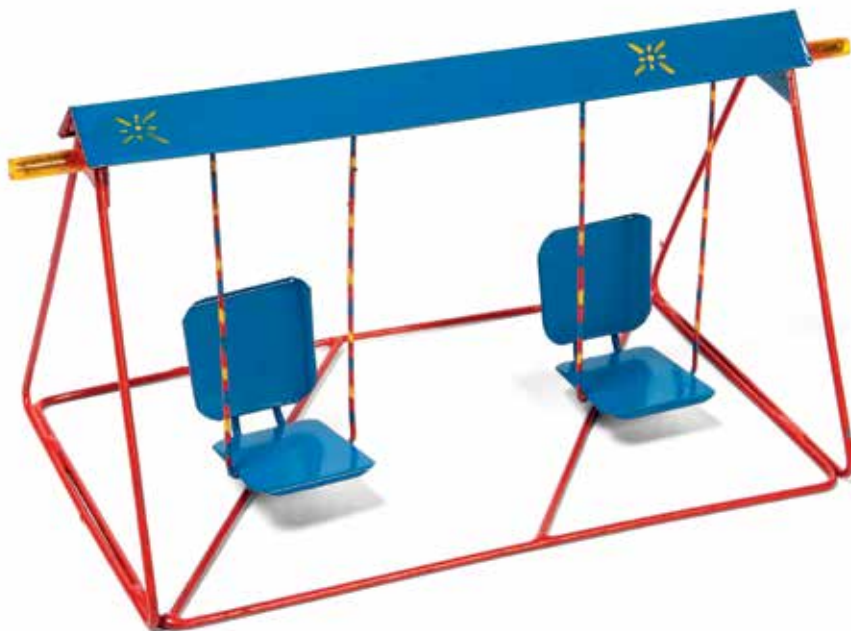
Quando iniciou este ofício, o Sr. Juracy fazia carrinhos, trenzinhos, aviões, mas a concorrência da indústria de brinquedos plásticos era tamanha que para continuar vivendo da profissão de artesão teve a ideia de fazer parquinhos que não fossem confeccionados industrialmente. E deu certo. Fez e continua a fazer milhares de parques de diversão, tendo confeccionado até um em tamanho diminuto para uma colecionadora de miniaturas que mora em Salvador.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

O Sr. Juracy costuma dizer que a criança de hoje, que fica grudada no computador, tem um tipo de brinquedo que dita o que ela tem que fazer:

É o brinquedo que brinca com a criança, e não a criança que brinca com o brinquedo. Já no caso dos brinquedos artesanais, como o parquinho de diversões, é o contrário – é a criança que aciona o brinquedo e não fica apenas obedecendo aos comandos que o computador impõe a ela. Em minha opinião, os brinquedos artesanais não deveriam sair da vista dos meninos, porque são naturalmente educativos, sua natureza é simples e a criança se interessa e quer saber como funcionam. Veja só o caso de um brinquedo que criei: a sombrinha que gira feita com seis paletas bem equilibradas, que diminuem o atrito, fazendo com que o brinquedo demore a parar quando acionado. Isso tem a ver com a força centrífuga e deixa as crianças encantadas; aliás, não só elas, vi muitos adultos brincarem com a sombrinha e, na sequência, olharem o fundo do brinquedo para ver se tem motor embaixo, pois quase não acreditam que um simples impulso inicial com as mãos possa fazer com que ela demore um minuto e meio girando. Além da beleza que é ver um brinquedo desses ao formar um círculo colorido em movimento, tem a física do movimento!

A reflexão de alguém que há 40 anos vê o brilho nos olhos de encantamento de adultos e crianças com seus brinquedos singelos, e por isso mesmo essenciais, nos convida a pensar na força que eles têm no imaginário e nas brincadeiras infantis. Ter brinquedos como os de flandres nas escolas e não deixá-los ser jurássicos é, sobretudo, valorizar a diversidade de convivência dos brinquedos industrializados com os artesanais, não um em detrimento do outro.



BONECOS DO SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO

Lala Martinez Corrêa

(Maria do Rosário Martinez Corrêa) | SP

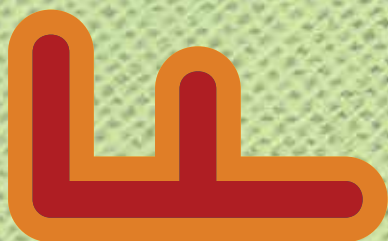
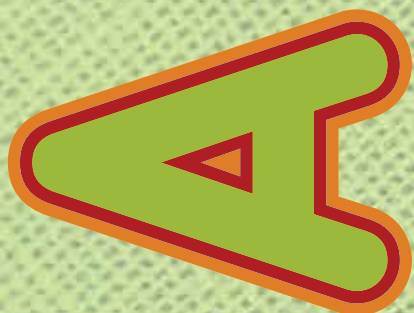
BONECOS FANTÁSTICOS DE MADEIRA

João Mauricio Neiva Gilson

e Marigilda Machado | RJ

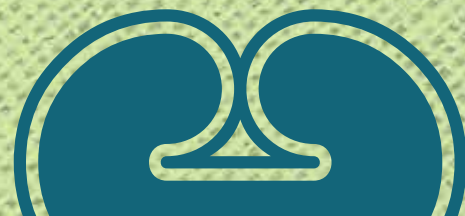
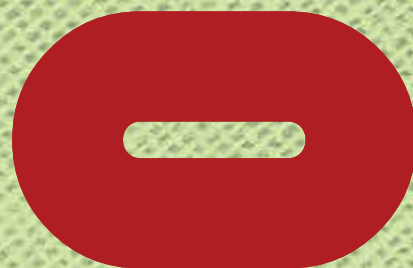
MÁQUINA VOADORA E ANIMAIS ALADOS

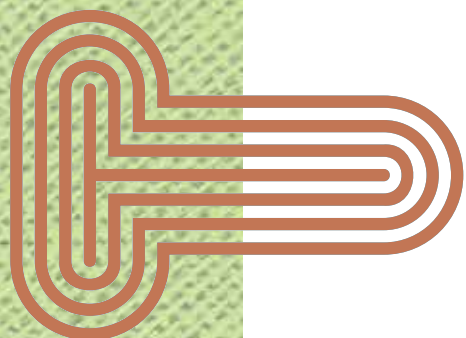
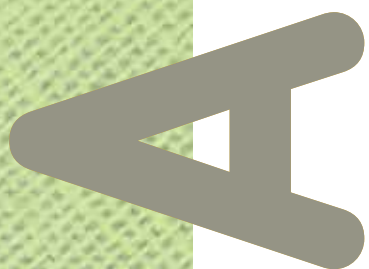
Gandhy Piorski | CE



FAZ DE CONTA:

MUNDO
MINIATURA DA
FICÇÃO





Em geral, no acervo lúdico das escolas estão presentes brinquedos miniaturas relacionados apenas ao mundo da realidade. Nem sempre os brinquedos ligados ao mundo da ficção estão presentes: bruxas, sacis, fadas, dragões, unicórnios, fantasmas e outros tantos seres imaginários acabam fazendo parte do universo infantil via literatura e não por intermédio dos objetos brinquedos em si em forma de objetos.

Brinquedos miniaturas que dão margem à fantasia deveriam povoar muito mais o acervo lúdico das escolas, pelo óbvio motivo de possibilitarem largamente viver a imaginação.

As crianças podem improvisar brinquedos desenhando personagens, colando-os sobre caixas, fazendo bonecos de papel, criando cenários para seus personagens, como florestas encantadas, vales profundos, castelos mal-assombrados, casas futuristas. Ótimos recursos para a criação desses cenários são sobras diversas de marcenaria, tecelagem, tapeçaria etc. As sobras irregulares ajudam na criação de cenários sugestivos, deixando que a imaginação complete o resto.

Ao criar bonecos e cenários, a criança tem autonomia para desenvolver seus próprios enredos, animar seus personagens e exercitar sua profunda imaginação pela linguagem da brincadeira, que é sua principal ferramenta de criação.

Os livros que remetem ao universo fantástico, como os contos de fadas, lendas e mitos, são todos muito bem-vindos para alimentar o faz de conta mundo miniatura da ficção. Não à toa, fazem parte deste livro os personagens clássicos de Monteiro Lobato, precursor no Brasil da literatura fantástica.



BONECOS DO SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO

Lala Martinez Corrêa (Maria do Rosário Martinez Corrêa) | SP

A personagem Emília, criada por Monteiro Lobato em 1920, no livro *A menina do narizinho arrebitado*, é a boneca de pano mais famosa do país e não poderia ficar de fora deste livro de Brinquedos do Brasil. Para representar a boneca e outros personagens do pioneiro da literatura infantil brasileira, temos a artesã Lala Martinez Corrêa, 73 anos, nascida em Araraquara, interior de São Paulo.

Na entrevista para este livro, Lala diz:

Sempre gostei de bonecas, desenhei, pinteí, gostei de bordar e costurar. Quando criança, ganhava trapinhos, inventava roupas de bonecas e fazia minhas bonecas. Nunca segui um molde pronto, sempre fiz meus moldes de boneca; faço do meu jeito, a olho, vou descobrindo no caminho, modificando, e o resultado é uma gostosa surpresa.

Depois de adulta, trabalhei também com cerâmica e isso me ajudou a fazer melhor minhas bonecas hoje, porque a modelagem dá a noção da tridimensionalidade. A boneca até parece uma escultura! Eu a faço em duas partes: o modelo básico são dois panos lisos, desenhados no formato que se deseja e depois costurados e enchidos com pano. Feita essa etapa, é a vez de “modelar” a boneca com a agulha. Vou colocando paninhos, trapinhos, acrescentando, tirando, apertando, esticando aqui e ali. Esta é a melhor parte, quando vamos dando nossa personalidade à boneca, criando sua roupa, fazendo seu corpo do nosso jeito. Gosto de desenhar a boneca no papel antes de sair para o tecido. O desenho me ajuda a planejar o formato. E isso desde criança: quando tomava banho, me enchia de sabonete e ficava desenhando no meu próprio corpo os modelos de roupa de minha mãe. Fazia botões no pulso, preguinhas do vestido nos ombros e cintura, passava horas no banho me costurando!

É uma brincadeira e tanto criar modelos de roupa para boneca! Quando criança, ganhava bonecas de celuloide, que vinham sem roupa. Então, tinha que aprender a fazer as roupas para vesti-las e, ao brincar com os tecidos, acabei descobrindo como costurar bonecas de pano e isso não tem um jeito certo. Em matéria de costura, sempre digo a quem está aprendendo e acha que errou: você não errou, criou apenas um ponto novo! Podemos até iniciar as crianças pequenas com agulhas grossas, dessas sem ponta, para ensaiarem suas primeiras costuras.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

É bastante instigante o fato de as crianças se apropriarem do universo ficcional das histórias infantis por meio de suas brincadeiras de faz de conta. Nesse sentido, vale compartilhar a leitura em capítulos de títulos de Monteiro Lobato, como *Reinações de Narizinho* (1931), *Caçadas de Pedrinho* (1933), *O Pica-Pau Amarelo* (1939) e *Memórias de Emília* (1936).

No enredo do autor, Emília é costurada por Tia Nastácia para a menina Narizinho. Seria bom aproveitar o mote da história para combinar com as crianças de desenharem moldes de bonecos: Emílias, Sacis, Cucas, Viscondes de Sabugosa, a fim de que, sozinhas ou com seus familiares, possam costurar e dar acabamento às suas criações, vestindo a boneca, pintando seu rosto, enfim, imprimindo sua marca no novo brinquedo.







BONECOS FANTÁSTICOS DE MADEIRA

João Maurício Neiva Gilson e Marigilda Machado | RJ

João Maurício Neiva Gilson, engenheiro eletrônico de profissão, criou o seu primeiro brinquedo para presentear o filho, feito com peças completamente articuladas com elástico resistente, à prova da investigação curiosa de qualquer criança.

Até então, Maurício nunca havia pensado em fazer brinquedos, mas começou a observar o interesse enorme do filho e de outras crianças pelo mecanismo do boneco articulado. E foi dessa observação que nasceu a ideia de fazer brinquedos profissionalmente, abrindo a Magoobrinquedos, cujo nome vem de seu apelido de infância: Magoo.

A produção acabou crescendo e foram surgindo muitos outros personagens, provocando aumento também na demanda de trabalho. Hoje, conta com uma equipe de 10 funcionários, voltados para a montagem da linha de brinquedos em escala maior.

Seus brinquedos são feitos com materiais naturais, utilizando aproveitamento de matéria-prima: madeira de demolição e retalhos de couro de fábrica de casacos.

Ao criar sua série de bonecos articuláveis, gosta de estudar a anatomia deles e brincar com as articulações, marca de seus brinquedos desde o primeiro projeto. Assim, quando se puxa o olho de seu boneco ET, vem a orelha e vice-versa; o nariz do boneco Pinóquio cresce ao ser puxado; o Dragão tem tantas articulações que seus movimentos desafiam qualquer ginasta olímpico!

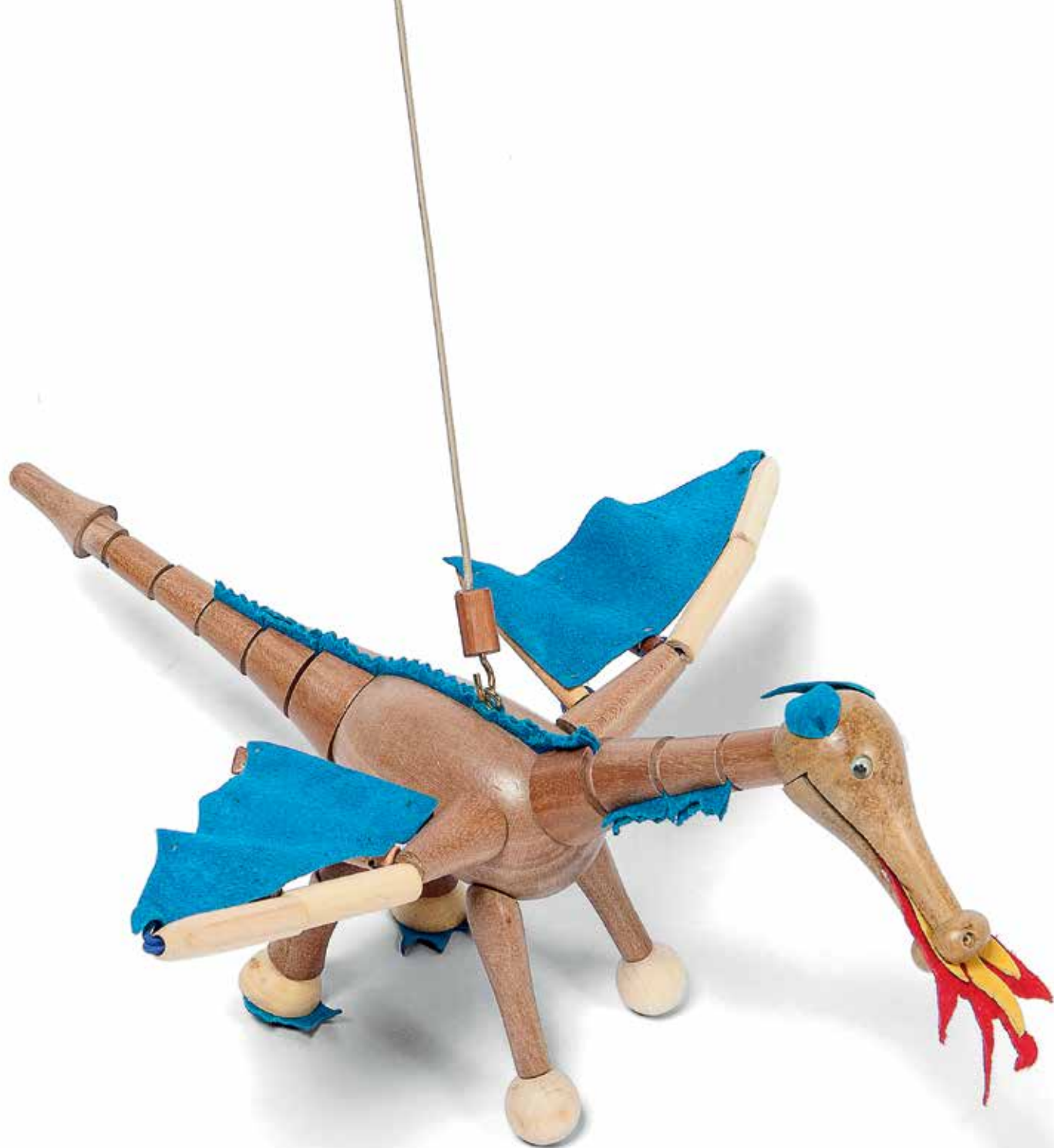
POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Entre os bonecos articuláveis criados por Maurício, há uma série deles mais relacionados ao universo ficcional, como: Dragão, Cavaleiro Cervantes, ET Etcetera, Robô Byte e Robô Bit, Sereia, Ícaro etc. Brincar com esse universo é alimentar o imaginário das crianças, que pode ser ainda mais enriquecido na escola se compartilharmos leituras de adaptações de clássicos como Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, no qual foi inspirado o boneco Cavaleiro Cervantes. O escritor Monteiro Lobato reconta as aventuras desse cavaleiro errante, numa versão mais acessível para as crianças. E assim a literatura alimenta o brincar e vice-versa.

Nas mãos das crianças, os personagens miniatura ganham inusitados enredos num universo em que tudo é possível, pois não se restringe ao mundo real.

Sem dúvida, uma escuta atenta dos diálogos infantis criados durante suas brincadeiras imaginárias ajudará os adultos a entenderem melhor a respeito da natureza do pensamento sincrético da criança, caracterizado pela mescla de fantasia com realidade. Isso pode inspirar educadores a serem “caçadores de diálogos imaginários” e a se aventurarem na escrita de crônicas da vida cotidiana escolar, no que diz respeito aos improvisos lúdicos infantis tão incríveis e tão pouco registrados nas escolas brasileiras.









MÁQUINA VOADORA E ANIMAIS ALADOS

Gandhy Piorski | CE

Entendo a imaginação como nossa natureza mais sutil, como uma força que nos plasma e constantemente nos absorve num tempo de transcendência. Posso ver que as crianças, em um determinado período da infância, apreendem seus melhores conteúdos pela imaginação (informação verbal).¹

A frase de Gandhy Piorski resume bem seu entendimento acerca do brinquedo e da forma como faz brinquedos para crianças. Sua máquina voadora foi feita numa época em que estava pesquisando engenhocas com mecanismos. Seu invento literalmente dá asas à imaginação, como a inusitada máquina-inseto que bate as asas e faz o piloto movimentar cabeça e braços quando o brinquedo é deslocado por suas rodas. A movimentação desse brinquedo imaginário movimenta as ideias de qualquer criança! Como diz o próprio Gandhy, “chama a imaginação a ocupar o brinquedo miniatura”, este pequeno universo da imaginação gigante.

¹ Citação fornecida pelo artista Gandhy Piorski.

A beleza do brinquedo onírico, esculpido em madeira e pintado à mão com a vivacidade dos sonhos, é um componente que torna bela a brincadeira. Os gestos de quem fez a máquina voadora estão presentes e evidentes, também chamando a sensibilidade para brincar com esse fator. Um diálogo sutil entre o autor que brincou de trazer ao mundo o brinquedo e a criança que sabe, como ninguém, fazê-lo crescer na sua imaginação.

Um brinquedo com caráter tão autoral, de certa forma, nos convida a lembrar que não estamos sós em sua descoberta; alguém o concebeu para dividi-lo conosco e com outros parceiros de brincadeira.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Vale a pena dedicar um tempo para pesquisar na internet acerca do trabalho do artista, filósofo e pesquisador de brinquedos Gandhi Piorski, para partilhar com ele formas de se encantar com o universo lúdico.

Interessado em conhecer a essência do brinquedo de tradição popular e universal, Gandhi estudou por um ano, no Museu do Brinquedo de Sintra, em Portugal, a estética, os materiais e mecanismos utilizados nos brinquedos ao longo do tempo nas culturas. Voltou de lá animado com a ideia de investigar o tesouro de brinquedos e brincadeiras das crianças do sertão e do litoral cearense. Para tanto, sua fonte principal foram os melhores consultores e especialistas na área lúdica – as próprias crianças. O resultado de tudo isso tem sido compartilhado em vídeo e mostras realizadas em museus.

Podemos nos inspirar nas exposições de brinquedos de crianças que Gandhi tem organizado para recriá-las na própria escola. Será um grande prazer para as crianças poder brincar de confeccionar e depois montar uma exposição interativa para compartilhar com os pais e a comunidade.

Admirador da riqueza do brinquedo criado pela própria criança, Gandhi Piorski também faz seus brinquedos de gente grande com alma de menino. São todos de uma sensibilidade que encanta não só aos pequenos, mas também às crianças que habitam nos adultos. Boa parte de seus brinquedos e esculturas lúdicas foi compartilhada em exposições individuais em vários museus de arte no Brasil e em Portugal.

A seguir, alguns links para alargar as possibilidades de ingresso no universo dos brinquedos:

- › gandhy.net
- › abrinquedoteca.com.br/pdf/Entrevista_Gandhy_Piorsk.pdf
- › projetoBira.com/videos/boi-de-pedra/
- › secult.ce.gov.br/noticias/o-ceara-desvendado-atraves-dos-brinquedos
- › www.mapadobrincar.com.br
- › gandhy.net/reportagens/reportagem8.htm

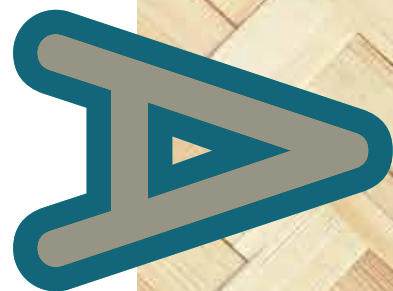
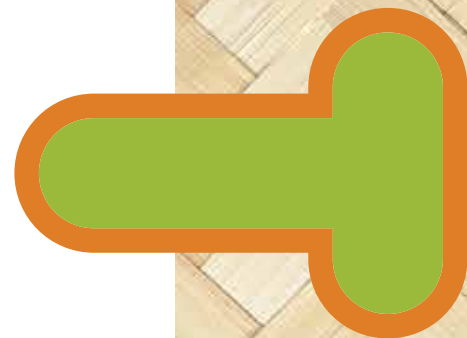


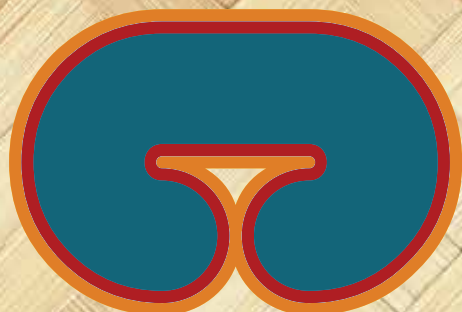
FAZ DE CONTA:

MUNDO MINIATURA PARA SE LOCOMOVER NA TERRA, NA ÁGUA E NO AR

O sonho da humanidade de percorrer longas distâncias em tempos cada vez mais curtos levou-a a domar cavalos selvagens, criar automóveis, trens, barcos, aviões e até mesmo foguetes. Como não poderia deixar de ser, todas essas construções da humanidade fazem parte do mundo miniatura dos brinquedos. Poder brincar de se transportar faz parte da grande viagem fantástica na qual a imaginação caminha por este mundo afora, fazendo de uma poça imenso leito de rio; de um pedaço de chão uma rodovia transamazônica, ou do ar de nosso entorno o infinito espaço sideral.

Sabendo dessas possibilidades de tantas viagens sem sair do perímetro da escola, por que não reservar bacias grandes, piscina de plástico ou qualquer recipiente capaz de comportar rios, lagos e oceanos imaginários para tudo o que flutua poder estar na água? Ainda disponibilizar madeiras para muitas pontes e pistas, chão de terra para percursos de *rally* e outros tantos materiais para compor contextos instigantes para as brincadeiras de se locomover pela água, terra e ar? Vamos ampliar os horizontes, viajar com os pequenos em sua imaginação?





CARRINHOS DE VÁRIAS DÉCADAS
Luiz Eicardi | SP

CAMINHÃO DE TORA
Vasco (Francisco de Assis
da Silva Vasconcelos) | RO

**JIPE, AVIÃOZINHO E
HELICÓPTERO DE BURITI**
Renato da Silva Moura | TO

**CARRINHO DE CORRIDA, PRANCHA
DE WINDSURF E JANGADA**
Guara (Guaracy da Costa Silva) | RR

**AVIÃOZINHO DE CAIXA DE MADEIRA
E AVIÃOZINHO DE PAPELÃO**
Magão (Ronaldo Batista de Sales) | RN



CARRINHOS DE VÁRIAS DÉCADAS

Luiz Eicardi | SP

A criação de carrinhos de brinquedo é inspirada no design de carros originais produzidos numa determinada cultura, em alguns casos; e, em outros, antecipa futuros modelos. Engana-se aquele que acha que a criação é maior no desenho de carros ainda inexistentes!

Para fazer uma réplica de um carro de verdade, é preciso muita observação, bem como talento para criá-lo com materiais bem diferentes dos usados em modelo original, como faz o Sr. Luiz Eicardi, de 85 anos. Ele produz carrinhos de todas as décadas, inclusive trens, locomotivas, bondinhos e ônibus elétrico, feitos basicamente de madeira, e utilizando outros materiais como acrílico, plástico e ferro.

Seu talento vem de longa experiência. Trabalhou 66 anos como funileiro, consertando automóveis. Há mais de 20 anos encontrou uma nova maneira de trabalhar com carros: passou a fazer carrinhos de brinquedo. Vende-os na feira de artesanato do Largo da Freguesia do Ó, em São Paulo, aos domingos. E boa parte de seus carrinhos já rodou milhares de quilômetros, indo parar em outros estados e países.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Brincar com réplicas de carros antigos leva a criança a um tempo que não é o dela, e que carrega consigo uma história. E isso a conduz ainda mais para a brincadeira que acontece fora de um tempo cronológico, no tempo do faz de conta, do “Era uma vez...”.

O fato de o brinquedo ser uma réplica de um original feito artesanalmente também a leva a um modo mais cuidadoso de se relacionar com ele. Esse cuidado no brincar deve ser esperado não só por parte dos educadores que trabalham com as crianças, mas também do próprio artista que os cria.

Ao ser informado de que seus carrinhos entrariam para uma exposição de brinquedos em escolas no Brasil todo, o Sr. Luiz exclamou, espontaneamente: “Sabe que é até uma judiação esses carrinhos nas mãos de criança!” Referia-se ao eventual descuido com sua criação, que leva de um a três dias para ficar pronta. Em um primeiro momento, qualquer educador seria levado a supor, então, que este não é um brinquedo apropriado para estar nas mãos de crianças, mas analisando sob a perspectiva de que elas precisam cuidar de seus pertences e dos pertences coletivos da escola, para que tenham uma continuidade em seu desfrute, aí, sim, faz sentido ter brinquedos que exigem uso diferenciado e delicadeza no trato, o que é até muito necessário numa época de quase domínio absoluto de brinquedos plásticos que podem cair das alturas sem se quebrar.

Deixar de ter brinquedos mais artesanais tão interessantes quanto os carrinhos que abrem porta-malas, motor e com eixos ligados à direção que se mexem, por medo de que se quebrem, não parece uma decisão educativa acertada. Afinal, a criança precisa lidar com brinquedos que a levem à delicadeza de seu uso e experimentar uma sensibilidade própria de sua interação com eles.





CAMINHÃO DE TORA

Vasco (Francisco de Assis da Silva Vasconcelos) | RO

Francisco de Assis da Silva Vasconcelos (Vasco) aprendeu a fazer carrinhos com 9 anos de idade. Gostava de brincar de puxá-los; por isso, quando começou a fazer brinquedos profissionalmente nunca deixou de colocar um gancho para prender uma linha ou barbante em seus automóveis.

O Sr. Vasco começou a criar carrinhos quando se aposentou. Lembrando-se de como era fazer os seus brinquedos de infância – carrinhos de lata de sardinha, e aviões com retalhos de madeira –, foi criando outros modelos: helicóptero, trator, fusquinha, caminhonete, trenzinho etc.

Entre seus brinquedos está o caminhão de tora, popular entre os meninos de Rondônia, acostumados a ver caminhões desse tipo, de verdade, passando nas rodovias. Alguns meninos rondonianos, inclusive, fazem seus próprios caminhões de tora, cortando com machado ou foice caules mais finos da bananeira para fazer de tora, e lá vão eles puxando o brinquedo estrada afora.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Os grandes caminhões de transporte (alimentos, objetos, animais etc.) sempre chamaram a atenção das crianças, tanto pelo tamanho, quanto pela capacidade do que podem carregar numa viagem. Com atenção a esta observação, podemos escolher caminhões para o acervo lúdico das escolas e mesmo procurar confeccioná-los para que as crianças possam brincar de transportar pequenos objetos em quantidade: areia, brinquedos de parque, tocos de madeira e por que não livros da biblioteca para a sala de aula!

Podem-se adaptar caixotes, colocando rodízios, pregando madeira para fazer a cabine e, ainda, contar com a ajuda de pessoas que entendam de construção de brinquedos, para ajudar as crianças a conhecer o processo de confecção de carrinhos, caminhões e outros meios de transporte.



JIPE, AVIÃOZINHO E HELICÓPTERO DE BURITI

Renato da Silva Moura | TO

Desde menino, Renato Moura, 57 anos, fazia carrinhos de lata. Vendia-os aos amigos e com o dinheiro comprava lanche na escola. Há 25 anos, começou a fazer seus brinquedos profissionalmente, vendendo-os em lojas de artesanato. Com muita habilidade, faz desde engenhocas como o boneco Mané-Gostoso, bonecos de papel-machê em tamanho miniatura e gigante, piões de madeira, até carrinhos e aviõezinhos de buriti. Esses últimos são de uma palmeira muito comum na Região Norte do Brasil, mas também presente em Tocantins, de onde o artesão retira matéria-prima para dar vida a seus veículos.

Além da profissão de técnico em edificações, Renato fez teatro e concilia seu trabalho artesanal com a venda desses brinquedos. E ainda encontra tempo para representar os artesãos do Brasil lutando por melhores condições de trabalho e divulgação do ofício artesanal. É conselheiro nacional de política cultural, no seguimento de artesanato do MinC (Ministério de Cultura).

Hoje em dia, o artesão faz jipes e aviõezinhos de buriti, como apresentados no livro, apenas sob encomenda, pois em sua cidade é difícil vendê-los. Por isso, acaba fazendo outros artesanatos que são mais procurados.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Renato Moura nos conta que, com uma simples serrinha, uma lixa e qualquer faca ou estilete consegue cortar e modelar o buriti para seus novos modelos de carrinho e aviãozinho. Esse tipo de material, por ser tão mole, assemelha-se à consistência do isopor. Renato diz que antes era muito comum a meninada de 8 ou 9 anos saber manusear essas ferramentas para confeccionar seus brinquedos, mas hoje é bem menos frequente onde vive, em Palmas – Tocantins. Além de as crianças não terem habilidade com as ferramentas, poucos adultos as ensinam a arte de fazer brinquedos.

E para que as crianças não percam o interesse e a habilidade em construir seus próprios brinquedos, o bom é desde cedo, na escola, aproximarem-nas desta arte. Um bom início é procurar fazer carrinhos e aviõezinhos com materiais que possam ter disponíveis: madeiras, embalagens de papelão, isopor grosso que vem como proteção de caixas e tudo o mais que encontrarem. As crianças também podem investigar e descobrir que é possível fazer rodas de carro com tampinhas, borracha de chinelos, carretéis etc. As oficinas de construção podem contar com o apoio de familiares e de pessoas da comunidade que saibam construir esses brinquedos, além de uma bibliografia que ajude nesse passo a passo.

As crianças vão se aproximando da construção de brinquedos, ora observando o adulto a confeccioná-los, ora ajudando-o, ora fazendo por conta própria aquilo que podem desenvolver com autonomia. E nessas ações vão aprendendo que o ato de confeccionar brinquedos por si só já é uma grande brincadeira que envolve muita autoria.





CARRINHO DE CORRIDA, PRANCHA DE WINDSURF E JANGADA

Guara (Guaracy da Costa Silva) | RR

Os brinquedos que Guaracy faz hoje guardam relação com sua infância. Um dos brinquedos que mais apreciava era o carrinho de corrida que sabia fazer, tanto no tamanho miniatura como no tamanho que desse para brincar em seu interior: o carrinho de rolamento (carrinho de rolimã). Brincava de corrida dos dois jeitos. Lembra que fazia uma travessura com os amigos – pegavam cavaletes de manutenção da prefeitura para fechar viadutos só para brincarem de corrida. Assim, os carros eram obrigados a dar passagem às brincadeiras infantis.

Em seu tempo de infância, todos os seus amigos com sete ou oito anos tinham uma faquinha, instrumento importante para confeccionar brinquedos. O carrinho que vemos na foto é um modelo muito próximo do que confeccionava quando menino. Selecionava madeiras moles que pudessem ser trabalhadas com a faquinha. Usava cabo de vassoura para fazer o eixo do carro com rodas, fazia uma fissura no centro da rodinha e passava um pedaço de arame para travá-la.

Brincadeira com jangadas e pranchas também era comum nos igarapés ou mesmo em qualquer poça em época de chuva. Brincar com água era, para o menino Guaracy, um exercício sensível de proximidade com a natureza, brinquedo molhado, à altura de seus brinquedos habilmente confeccionados com faquinha!

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

As brincadeiras em poças de água, em época de chuva, tão bem aproveitadas por Guaracy, mesmo tendo rios fartos à disposição em sua infância, nos convidam a pensar se os espaços de parque contemplados para as brincadeiras reservam essas possibilidades. Temos espaços na escola com chão de terra, poças de água, brinquedos ancestrais da alma?

Guardamos metros quadrados de terreno fértil para brincadeiras sensíveis com a natureza: tanques de areia, gramado, árvores para subir? Atualmente fala-se tanto em preservação ambiental, mas pouco se pensa na educação em um currículo que considere as necessidades de interação lúdica da criança com a natureza. Afinal, se estão afastadas desse convívio com gramas artificiais, jardins cercados, longe da possibilidade de buscar folhinhas, terra, pedrinhas, como poderão entender o sentido de algo que não vivem na pele? Nesse sentido, um cuidado com o espaço e propostas que contemplem essas questões parecem muito oportunos.

O ato simbólico de a criança fechar as ruas para carros, a fim de recuperar o espaço perdido das brincadeiras inaugurado pela turma de amigos de Guaracy, é uma travessura de criança que tem lá seu sentido de vida. Devemos estar atentos na escola para não podar o convívio lúdico e lúcido das crianças com o ambiente. Devem-se valorizar certas brincadeiras telúricas que aflorarem dentro do espaço escolar para manter o frescor de quem está inaugurando tantas descobertas de mundo.





AVIÃOZINHO DE CAIXA DE MADEIRA E AVIÃOZINHO DE PAPELÃO

Magão (Ronaldo Batista de Sales) | RN

Ronaldo Batista de Sales, conhecido como Magão, quando era criança inventava seus próprios brinquedos com materiais reaproveitados. Um, especial, era o aviãozinho com rabiola que fazia com o papelão de embalagens e papel de embrulho. Preso a um fio, era só girá-lo por cima da cabeça para que saísse voando!

O aprendizado de menino, de dar asas à imaginação, de aproveitar tudo o que encontrava pela frente para transformar em brinquedo se manteve na vida adulta. Hoje, dá aulas de artesanato para crianças em projetos sociais e as ensina a inventar seus próprios brinquedos. Boa parte deles de sucata, como o avião de papelão que ganhou nova versão feita com ripas de madeira de caixa de frutas e rabiola de saco plástico.

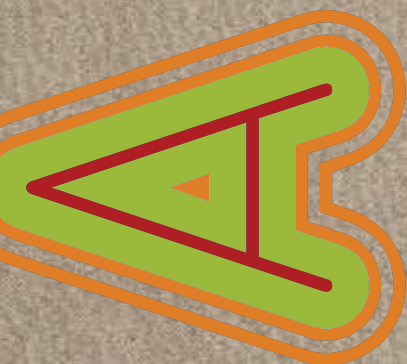
Magão já foi marceneiro, carpinteiro e lustrador e, atualmente, como instrutor de artesanato, compartilha brinquedos que sabe fazer com sobras de materiais: carrinhos de lata, bonecas bruxinhas, mamulengos, bonecos gigantes para brincar no carnaval, entre outros tantos.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Vale propor às crianças a confecção dos dois modelos de aviãozinho feitos por Magão quando criança e quando adulto (aviãozinho de papelão e de ripa de madeira). No primeiro caso podem montar o brinquedo sozinhas; e no segundo, montá-lo com a ajuda de um adulto: podem desenhar seus modelos de avião para que um marceneiro corte a madeira seguindo seus moldes. Depois podem colar as asas ao corpo do avião e finalizar o brinquedo pintando e decorando-o como quiserem.

As crianças podem, ainda, inventar novos modelos de avião com outros materiais e procurar entre as sucatas quais as possibilidades para se fazer aviõezinhos. Será que conseguem fazer aviões recortando embalagens plásticas e sobras de materiais como o isopor que embala equipamentos eletrônicos? Não importa se alguns projetos não levantarem, efetivamente, voo – o que importa é o desafio de brincar com as crianças, de enxergar novas possibilidades nas sucatas que possam ter disponíveis para criar brinquedos. E, claro, comemorar brincando quando o projeto de avião voar de fato, como o do sonho de Santos Dumont!



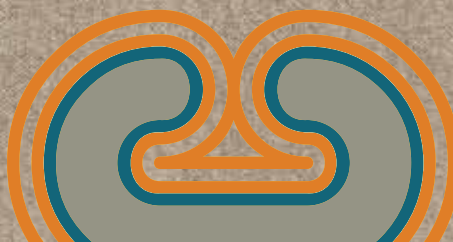
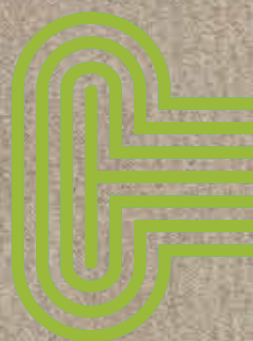


BONECO JANEIRO
Mestre Miro
(Ermirio José da Silva) | PE

**FANTOCHES DE PERSONAGENS
DO BOI DE MAMÃO**
Mônica Marcon | SC

BONECOS DE CAIXA DE FÓSFOROS
Joba Tridente | PR

TEATRO DE BONECOS
Juliana Bollini | SP



FAZ DE CONTA

DE MAMULENGOS,
MARIONETES
E FANTOCHES



Quantas histórias são capazes de colecionar os inúmeros personagens criados por adultos e crianças que se encantam com o mundo de faz de conta de mamulengos, marionetes e fantoches!

Esses brinquedos que guardam íntima relação com o universo dos livros, histórias e narrativas não podem faltar na vida das crianças, em especial nas escolas, que deveriam ter lugar especial para eles em suas bibliotecas e baús de faz de conta.

A arte de criar bonecos é quase inseparável da criação de enredos, o corpo do brinquedo parece que já nasce com alma falante, querendo inventar histórias! E na maioria das vezes os recursos estão disponíveis muito facilmente, como veremos a seguir, com os diversos artistas. Em alguns casos, os recursos para criar bonecos estão literalmente à mão, como é o caso do artista Mario Mariotti, mestre italiano especializado em criar diversos personagens e animais usando somente as mãos pintadas. Realmente não há desculpas para não se brincar e inventar histórias ao mesmo tempo! Basta olhar para a infinidade de possibilidades que a humanidade oferece em relação a esse gênero de brinquedos e sair por aí recriando velhas histórias e inventando outras tantas novas.



BONECO JANEIRO

Mestre Miro (Ermírio José da Silva) | PE

Para mais informações do autor, ver pp. 167 e 193.

Pernambuco, sem dúvida nenhuma, é a capital dos mamulengos no Brasil. Essa forte tradição é cultivada em terreno fértil, de geração em geração, pelas mãos de sábios mestres brincantes e de um público que aceita o convite à brincadeira, ao mundo animado dos bonecos. O divertimento popular de interagir com os mamulengos, seja do ponto de vista do artista que os cria e os manipula, seja do ponto de vista da plateia que assiste às suas representações dramáticas em palcos improvisados, é um convite sensível ao mundo simbólico, de fantasia e imaginação.

São infinitos os personagens criados com mamulengos, que podem ser de três tipos: os de vara, manipulados por hastes, os que são movimentados por cordas (marionetes) e os mamulengos de luva, em que a mão do artista serve de corpo para o fantoche.

Miro dos Bonecos, como é conhecido Ermírio José, faz irreverentes mamulengos dos três tipos. Desde criança quis aprender essa arte, e não esperou muito para começar. Fez seus primeiros bonecos quando tinha sete anos, usando cabo de vassoura, mangueiras, meias velhas e sua faquinha inseparável de descascar laranja; mas sobretudo com muita imaginação, enriquecida pela observação dos mestres bonequeiros com quem tinha contato. O menino cresceu, mas a vontade de fazer bonecos e brincar com eles continuou. Passou a fazê-los sempre dividindo a profissão de artesão de bonecos com outros trabalhos que precisava fazer para completar a renda e hoje vive somente de sua arte e apresentações em muitos lugares. Faz cerca de 100 bonecos por semana, de madeira de mulungu e chita, com a ajuda de esposa, filhos e genro. Já esteve até representando o país no ano Brasil-França. Lá levou vários dos seus bonecos e uma personagem ilustre, da qual nunca se separa: a boneca Maria Grande, do tamanho dele e com a qual bailava, dando vida à dançarina mamulenga presa a seu corpo.

Só de pegarmos um de seus brinquedos podemos sentir o quanto Miro se diverte em seu ofício de artesão. São plenos de humor, como o boneco Janeiro, que tem um pescoço retrátil que estica, aumentando cerca de 60 cm. Diz Miro que o nome vem do mês de chuva que é janeiro, e o boneco é um procurador de água – usa o pescoço para buscar esse precioso líquido.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Na escola, é muito interessante as crianças terem acesso a esses tipos de brinquedos, experimentar gestos e trejeitos divertidos dos mamulengos, criar histórias, aprender a confeccioná-los. Por estarem numa instituição que tem compromisso com a ampliação do universo cultural, podem pesquisar mais sobre a cultura dos bonecos em vários países, sempre tendo a pesquisa como instrumento com o intuito de ampliar o universo da brincadeira. Assim, seguem algumas dicas por onde partir para a busca da família de bonecos pelo mundo: *Guignol* (França), *Fantoccini* (Itália), *Petrushka* (Rússia), *Vidouchaka* (Índia), *Karagós* (Turquia), *Bunraku* (Japão), *Múa Rô'i Nu'óc*: Teatro Aquático de Fantoches (Vietnã) e Mamulengo (Brasil).





FANTOCHES DE PERSONAGENS DO BOI DE MAMÃO

Mónica Marcon | SC

A criança que não brinca não é criança, mas o homem que não brinca perdeu para sempre a criança que nele habitava e lhe fará muita falta.
(NERUDA, [20??])¹

Mónica Marcon cria seus fantoches de Boi de Mamão e outros tantos personagens com tamanho envolvimento que seu trabalho mais parece uma gostosa brincadeira. Afinal, ela compartilha o pensamento do poeta Pablo Neruda, a quem admira, de que é fundamental o adulto poder brincar.

Formada em Belas Artes em Córdoba, Argentina, passou a utilizar seus conhecimentos artísticos para fazer brinquedos. Na faculdade, criava fantoches para as amigas que faziam teatro. Quando se mudou para Florianópolis, em 1989, começou a fazer personagens do Boi de Mamão em quebra-cabeças, dedoches e fantoches.

A ideia de confeccionar personagens de um importante folguedo de Santa Catarina não foi planejada e intencional – veio ao acaso, inspirada na reação do público infantil aos fantoches que fazia. Inicialmente havia criado um boneco-fantoches que sempre era identificado pelas crianças como a Bernúncia, personagem importante no Boi de Mamão.

Em resposta ao entusiasmo das crianças, começou a caracterizar seus fantoches como tal e resolveu ampliar a linha para abranger outros personagens que participam desses folguedos de Santa Catarina. Entre eles, o Boi de Mamão, a Mãe Catarina, a Maricota, o Mateus, a cabra, o cavaleiro, o urso, o urubu, o cachorro, e, claro, a própria Bernúncia.

¹ Tradução livre de Mónica Marcon.

“El niño que no juega no es niño, pero el hombre que no juega perdió, para siempre al niño que vivía en él y que le hará mucha falta”. NERUDA, P.

Una entrevista imaginaria. Chile:

Universidad de Chile, [20-?]. Disponível em: <neruda.uchile.cl/entrevista/23.htm>. Acesso em: 15 nov. 2017.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

As crianças brincam inspiradas pela cultura, e quanto mais conhecerem a respeito da manifestação cultural Boi de Mamão, mais rica será sua brincadeira com os fantoches que representam personagens deste festejo típico da região litorânea de Santa Catarina. Como é o caso dessa versão do tradicional Bumba meu Boi, com muitas cantorias e com a novidade de uma personagem participante temida e querida das crianças, a Bernúncia.

Nos festejos de Boi de Mamão, as crianças aguardam com expectativa a Bernúncia, espécie de bicho-papão, mescla de dragão com cobra gigantesca que engole gente. É guiada por várias pessoas que ficam fazendo o movimento de serpente debaixo do seu corpo de pano comprido. A Bernúncia tem sempre uma enorme boca de papelão, que abre e fecha na tentativa de engolir os brincantes presentes. Quem é comido passa a fazer parte da Bernúncia, aumentando seu tamanho.

Vale a pena lançar o desafio de as crianças criarem os seus próprios fantoches Bernúncia e até mesmo uma Bernúncia gigante, do tamanho das que são feitas nessas festividades. Para tanto, podem se inspirar em vídeos facilmente encontrados na internet, para ver diversos tipos de Bernúncia e, no caso dos fantoches, inspirarem-se na criação de Mônica.

A artista usa, para confeccionar os seus fantoches, cones de linha reaproveitáveis, nos quais faz um trabalho de papel e papelão por cima, para fazer a cabeça. Para o corpo, reutiliza tecido de capa de guarda-chuva. Começou a ter essa ideia para aproveitar os muitos tecidos coloridos de guarda-chuvas e sombrinhas quebradas devido aos fortes e constantes ventos da ilha de Florianópolis. Como em matéria de criação muitos materiais se prestam ao mesmo fim, procure também novos jeitos de criar fantoches usando caixas de leite, de ovo, luvas, tecidos, plásticos etc.





BONECOS DE CAIXA DE FÓSFOROS

Joba Tridente | PR

Quem diria que uma simples caixa de fósforos pudesse falar? Nas mãos de Joba Tridente, artista, bonequeiro, inventor de brinquedos e contador de histórias, ela não só fala como se transforma no personagem que ele imaginar. Usando recortes de revista, restos de embalagens, tesoura, cola e materiais que podem ser reaproveitados, compõe rostos originais para seus bonecos-caixa de fósforo.

Há mais de 12 anos, Joba enxergou no formato móvel da gaveta da caixa de fósforos a articulação da boca de um boneco. Desde então, cria, recria e ensina a adultos e crianças o seu invento. O mecanismo é aparentemente simples depois que o segredo é revelado; por isso, genial, e envolve um olhar atento e inaugural de quem consegue conversar com os materiais e enxergar possibilidades que não estão dadas neles, *a priori*. Isto, certamente, tem a ver com o seu olhar perspicaz para as artes, mas também com sua diversificada formação como artista gráfico e plástico, contador de histórias e escritor que, por suas várias leituras de mundo, consegue rapidamente tirar história de tudo o que vê.

Para ele, nada é lixo; tudo vira arte. Não é à toa que o endereço de seu blog é lixoquevirarte.blogspot.com. Lá, ele expõe suas criações com material reciclável e ensina o passo a passo de muitos de seus brinquedos, inclusive os bonecos animados com caixas de fósforos, com pregadores de roupa e outras técnicas mais, além de apresentar seus muitos filhos de criação, como as bonecatrizes e os bonecadores que vivem pelos palcos da vida.



POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Brincar com caixinhas de fósforos personagens, seja para contar e recontar histórias conhecidas, seja simplesmente para desfrutar uma boa brincadeira, já é um bom pretexto para estarem presentes no dia a dia das crianças na escola. São ótima opção para os cantinhos de faz de conta que devem ser incrementados tanto com situações em que as crianças atuam como personagem como naquelas em que dão voz aos personagens.

É interessante que se façam oficinas coletivas, convidando adultos da escola ou familiares a participarem de uma sessão de inventos de personagens. A mescla de crianças e adultos permite uma boa troca e viabiliza algumas etapas mais delicadas da confecção para as crianças. Além disso, os adultos ganham, em troca, o aprendizado da forma solta de criação dos pequenos grandes artistas, que sabem melhor do que ninguém inventar sobre a invenção alheia, não se restringindo ao modelo.

Para preparar a oficina de bonecos animados inspirados nos que Joba ensina em seu site, vale uma preparação prévia de revistas que tenham muitos olhos, bocas e narizes, além de embalagens de pasta de dente, gelatina, achocolatados, bombons etc. As crianças podem brincar – como Joba faz – de buscar na tipografia de letras das embalagens as que possam servir de olhos, sobrancelhas e nariz para os bonecos. E, ainda, criar personagens inusitados pelo próprio uso do material selecionado. Assim, ao usarem a caixa de gelatina, podem ter ideia de fazer um cabelo em formato de cubos de gelatina ou de letras impressas, recriando o inusitado que é ter uma caixa de fósforos falante.



TEATRO DE BONECOS

Juliana Bollini | SP

Juliana Bollini, artista plástica argentina que mora no Brasil há 20 anos, adotou São Paulo como sua cidade, e se define como artista visual, sucateira (*chatar-rera*) e louca por papel. Coleciona uma diversidade deles, de todas as texturas e gramaturas, para compor sua arte.

A artista habilidosa em transformar papéis em arte trabalha com o universo da criação bidimensional e tridimensional em papel. Seu ateliê é repleto de esculturas lúdicas, uma infinidade de bonecos, objetos oníricos e brinquedos para a imaginação do olhar. Fazendo uso de técnicas mistas que mesclam papel, diferentes objetos e sucatas, cria diariamente seu mundo imaginário, que dialoga, inevitavelmente, com o faz de conta, o sonho e a fantasia.

Juliana também participou de várias exposições coletivas em São Paulo, em outras cidades do Brasil e no exterior, e tem feito ilustrações para jogos e livros no Brasil e na Espanha.

Não é à toa que foi escolhida para preparar, especialmente para este livro, um teatro de fantoches, por onde tanta imaginação transita ao abrir e fechar de suas cortinas. Naturalmente, o teatro feito é de papel, matéria-prima eleita em seu trabalho artístico. De fácil manuseio, poderá inspirar a criação de outros teatros e, até mesmo, cenários para as encenações teatrais das crianças.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Quem for curioso(a) para apreciar as criações da artista Juliana Bollini, em seu blog Barco de Papel: julianabollini.blogspot.com e flickr: flickr.com/photos/julianabollini terá, certamente, muitas ideias inspiradoras para compartilhar com as crianças.

Além de apreender o valor da sucata para a criação, verá os usos precisos que a artista faz com elas, transformando os sentidos dos objetos. Assim, temos bonecos com óculos feitos de embalagem de comprimido; rodas de carro feitas com tampinhas amassadas de lata; corpos de bonecos feitos com pincéis usados e assim por diante.

As sucatas, esses objetos carregados de história e memória de outros usos, é material propício para as brincadeiras. É de certa maneira brinquedo para aguçar a imaginação. Dessa forma, faz o maior sentido organizar sucatários bem equipados na escola, para colecionar verdadeiros achados do descarte cotidiano.

Para quem quer se inspirar nesses meandros, vale conhecer a experiência italiana do Centro de Reciclagem Criativa de Reggio Emilia (Remida), para acentuar o que as crianças fazem com grande desenvoltura, que é transformar em preciosidades pedrinhas e resíduos de toda a ordem.







CAVALO PANTANEIRO

Micheli Sierra | MT

CAVALO DE BALANÇO

Manoel Severino dos Santos | DF

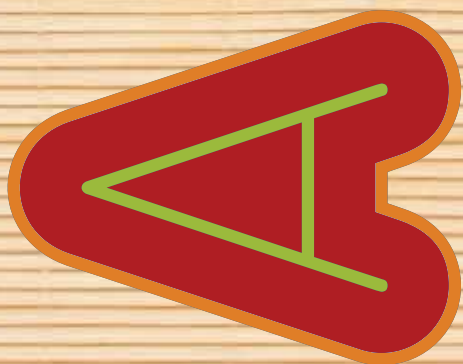
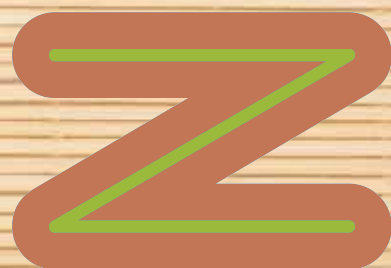
CAVALINHO DE CAULE

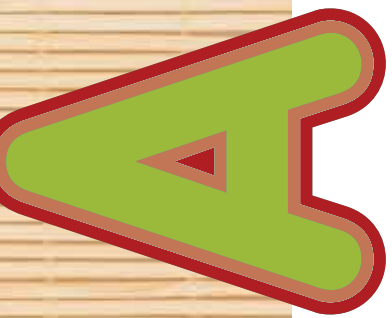
DE PÉ DE MILHO

Divino Jesus Moreira de Pinho | GO

CAVALO DE MIRITI

Valdeli Costa Alves | PA





FAZ DE CONTA

QUE CORREMOS O MUNDO POR MUITAS LÉGUAS

Sair a galope pelo pátio da escola pode ser uma aventura para experimentar a velocidade da imaginação que transforma cabos de vassouras, talos de palha de coqueiros ou qualquer pedaço de pau em velozes cavalos de corrida.

Familiares e artesãos locais podem ajudar na elaboração dos brinquedos para que a cavalaria possa conviver perfeitamente bem com as crianças no pátio escolar, criando brincadeiras bastante movimentadas. Vamos povoar a escola com meios de locomoção imaginários!



CAVALO PANTANEIRO

Micheli Sierra | MT

O cavalo de pau é um brinquedo que exerce fascínio no mundo infantil desde a época em que esse animal era o principal meio de transporte e de tração. Não é porque hoje o automóvel tomou as cidades, e mesmo o campo, que o cavalo de pau deixou de ter importância no imaginário das crianças; basta tê-lo para experimentarem a liberdade de correr soltas por diferentes paradas.

Ainda há adultos atentos à infância que confeccionam esses brinquedos. Micheli Sierra, natural do Centro-oeste brasileiro (Mato Grosso), é uma dessas brincantes que se dedica a pesquisar e fazer brinquedos artesanais desde 2002, levando brincadeiras por onde passa. Gosta daquelas antigas para estimular ainda mais o campo criativo das crianças.

Sua infância em Alta Floresta, com quintal de quase 1 hectare de pés de frutas variadas e uma floresta exuberante ao lado de casa, a despertou para a natureza. Atribui a essa experiência o fato de gostar de fazer brinquedos com elementos naturais, como madeira, algodão e sisal, usados para confeccionar o cavalo pantaneiro. Considera importante o contato com esse tipo de matéria-prima:

Por serem nossos primeiros objetos de contato, os brinquedos deveriam ser feitos de material natural, para oferecer uma troca orgânica de qualidade com a pele. É só lembrar por que a roupa do bebê é de algodão: há troca, podemos sentir os carinhos que faz no corpo; é mais fácil de entender um objeto que tem troca orgânica. Para se ter uma relação inteligente com os objetos, é preciso que haja trocas orgânicas, naturais. Nossa pele é natural, e a troca é mais sincera quando é de natural para natural. Quando o brinquedo é orgânico, a troca e o aprendizado são inteligentes.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

É interessante considerar as observações de Micheli para se pensar que tipos de brincadeiras possibilitam essas trocas mais orgânicas: brincar com areia e terra; fazer massinha de farinha de trigo; usar retalhos de madeira para brincadeiras de construção e confeccionar brinquedos com tecido e jornal.

Além da qualidade e riqueza natural do brinquedo, é igualmente importante atentarmos na escola para a sua riqueza cultural. Crianças próximas ou distantes das cavalgadas de adultos podem compartilhar da mesma brincadeira de seus antepassados. Pode ser que seja inspirado pela cultura regional, mas o faz de conta não se baseia somente nas cenas do dia a dia local e no seu tempo. É também inspirado por um imaginário mais longínquo ou ficcional, como no caso dos mitos e lendas.

Montados em seus cavalos de pau, os pequenos cavalgantes podem estar caminhando como tropeiros, cangaceiros, desbravadores, corredores, cavaleiros medievais, heróis e guerreiros em tempos que não o seu, e tudo o mais que a imaginação permitir. Na brincadeira, o cavalo feito pelo adulto como pantaneiro pode até virar Pegasus (o cavalo de asas) e sair para corridas aladas. Assim, um singelo cabo de vassoura, com pano e enchimento costurado em forma de cabeça de cavalo, torna-se um brinquedo poderoso para estimular amplamente o imaginário infantil.





CAVALO DE BALANÇO

Manoel Severino dos Santos | DF

O Sr. Manoel Severino dos Santos, paraibano, 65 anos, mora em Brasília há mais de 40, dos quais 30 dedicados à confecção de brinquedos. Todos os sábados, domingos e feriados leva, com sua esposa Zezé, seus brinquedos à feira de artesanato da Torre de TV de Brasília para vendê-los. Sua especialidade são os brinquedos de madeira que retratam meios de locomoção: moto, bicicleta, carrinho, aviãozinho, helicóptero, cavalinho, carro de boi, entre outros.

Desde pequeno, o artesão trabalhava na roça pela manhã e à noite fazia seus brinquedos usando lata de óleo e caixa de sabão feita de ripa de madeira. Na sua infância uma parte do que produzia era para brincar e a outra para ajudar no orçamento. Acompanhava sempre seu pai na feira; enquanto este vendia frutas, ele vendia seus brinquedos.

A habilidade para confeccionar e comercializar brinquedos tornou-se naturalmente uma profissão. Quando começou a confeccionar cavalo de balanço, fazia-o com a base em semiarco parecida com cadeira de balanço, que levanta os pés de um lado a outro; depois adotou a forma atual de base deslizante para as crianças terem a sensação do galope.

Brincadeiras como esta, de galopar cavalinhos, são posteriores ao descobrimento do Brasil, uma vez que os cavalos só foram introduzidos no país a partir de 1534.

Tornando-se posteriormente o principal meio de transporte até o surgimento do carro, é de se imaginar que as brincadeiras com cavalos de pau faziam o maior sucesso entre as crianças, como montar em outra criança, usar cavalos de pau feitos com talo de alguma planta ou pedaço de pau ou mesmo brincar com cavalos mais elaborados tipo os de balanço. Mesmo após tanto tempo e com a invenção de outros meios de transporte, o fascínio pela conquista humana de domesticar animais para se locomover com mais rapidez perdura nas brincadeiras.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Certamente, a introdução de um ou mais cavalos de balanço na escola chamará a atenção das crianças e provocará a disputa pelo uso, tal como acontece com os balanços na hora do parque. Pensando nisso, podemos propor ao grupo a construção coletiva de outros cavalos. Para tanto, basta arrumar tábuas para fazer o “esqueleto” do cavalo, cuja estrutura será muito parecida com um banco de tábua simples, mas com um pescoço e uma cabeça. Finalizada essa parte, será a vez de preparar o corpo do cavalo, com jornal amassado, camadas de folhas de jornal para envolver esse recheio e fita crepe para juntar tudo até modelar o corpo do animal por inteiro. Depois é só pintar e sair cavalgando por aí!





CAVALINHO DE CAULE DE PÉ DE MILHO

Divino Jesus Moreira de Pinho | GO

Para mais informações do autor, ver p. 118.

O Sr. Divino Jesus é um homem abençoado como o próprio nome o define, vive a alegria e a harmonia no seu dia a dia. Em suas sábias palavras diz: “A gente nasceu para brincar.” De fato, quando esquecemos nossa natureza primeira que é a brincadeira, a vida fica um bocado chata. Quem não brinca com o conhecimento, com a profissão, com a vida, tem menos a criação e a alegria presentes em seu cotidiano.

Por isso, o espaço da escola é um espaço privilegiado, onde a brincadeira é lembrada a todo momento pelos iniciantes na vida que têm a sabedoria bem aivada. Vamos aprender com as crianças e com este mestre de brinquedos que nos convida a olhar para brincar como proposta de vida.

Façamos uma viagem no tempo quando o menino Divino foi iniciado nas artes da brincadeira por seus avós:

Na roça sempre teve a hora do trabalho e a hora da invenção. Meu avô sabia mostrar o lado do viver para a sustentação e o lado cidadão, o lado de compartilhar e de criar. A criatividade era nossa tecnologia da época. Na roça eu ajudava a plantar milho e a colher. Brincava de cavalo de caule de milho pelo milharal como se fosse cavaleiro correndo pelo pasto. Aos 9 anos, aprendi a aperfeiçoar meu cavalo com uma invenção, uma tecnologia de fazer brinquedo: dobrava o caule, cortando em chanfrado por baixo para fazer as orelhas do cavalo. Quando a orelha ficava maior, virava burro; quando ficava menor, virava cavalo pangaré. Cheguei a estragar muitos caules de milho, mas consegui chegar num jeito de fazer o cavalo que chamava a atenção dos meus amigos. O gostoso de fazer o brinquedo é ver que os colegas se interessavam, então eu ajudava eles a aperfeiçoar os cavalos com a tecnologia da época: a criatividade.

O menino inventor virou homem crescido e aprimorou os jeitos de brincar:

Hoje faço brinquedos, ensino os outros a fazerem brinquedos em oficinas, sou também palhaço profissional, brinco em festa, trabalho com teatro. Tô brincando na vida! Fazer brinquedos e brincar é uma terapia e tanto!

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

O Sr. Divino se lembra muito dos avós em suas brincadeiras, que são para ele fonte de imensa sabedoria e afeto. O saber e o sabor da brincadeira criam laços fortes para a constituição humana e para o nosso maior patrimônio que é nossa sensibilidade. Pensando assim, por que não estimular na escola o vínculo entre avós e netos, pais e filhos, unindo as gerações para brincar e compartilhar? Dessa proposta certamente sairão brincadeiras inéditas ou jeitos de fazer brinquedos inusitados que surpreendam crianças, professores e adultos, usando, por exemplo, palha de milho como ferramenta para amarrações. Sim! Era este um dos truques aprendidos que o menino Divino Jesus usava para dar forma a seus burricos e pangarés.

Foi com a avó que aprendeu a usar trança de palha de milho molhada para fazer as amarrações de seu cavalo quando não tinha cordão. O processo de fazer a trança, ensinado por ela, é o mesmo que se faz com fumo em corda e com corda de sisal. Seus avós baianos sempre davam muitas dicas e se orgulhavam do neto. O artesão lembra com carinho da forma como seu avô costumava comentar sua vivacidade de garoto da roça: “Ó Maria, este menino ladino cheio de estripulias, cheio de invenções!”.

Pudera! As invenções sempre foram fruto da educação desses sábios avós que souberam como ninguém recheiar e valorizar ao máximo a curiosidade e o desejo do neto em conhecer e brincar. Devemos lembrar que brincar é, por definição, estabelecer vínculos com os outros e com o conhecimento, é a base de todo processo criativo e da socialização. Façamos uso da brincadeira como ferramenta para ricas trocas afetivas e culturais!





CAVALO DE MIRITI

Valdeli Costa Alves | PA

Para mais informações do autor, ver p. 155.

Muitos meninos já brincaram tirando da natureza matéria-prima fértil para aguçar a imaginação. A riqueza infinita de brinquedos que brotam dos mais inusitados e simples materiais lapidados pela imaginação não pode ser mensurada pelo sistema de avaliação convencional, mas sabemos o quanto é fundamental para a constituição simbólica e subjetiva das crianças.

Quem diria que uma palmeira de miriti poderia virar cavalo? Na imaginação, nosso maior patrimônio, tudo é possível! Valdeli, ao ver um cavalo de miriti no Museu do Folclore Edison Carneiro, lembrou-se de sua infância brincando de cavalo e, ao mesmo tempo, vislumbrou uma possibilidade de usar seu talento de construtor de brinquedos para que muitas crianças possam viajar montadas no que a terra oferece.

Valdeli sempre usou com criatividade o miriti, material do qual eram feitas as paredes de sua casa. Quando criança, fazia barcos e jangadas com miriti, mas seu sonho mesmo era ser DJ e ter aparelhagem de som, então usava o próprio miriti para fazer seus aparelhos e se tornar um profissional no faz de conta.

Da intimidade com a matéria desde a infância, hoje Valdeli tira seu sustento. Tem uma grande demanda de trabalho criativo para transformar o talo da folha do miriti, que mede cerca de 3 metros e meio, em diferentes brinquedos. Para fazer o cavalinho, separa um pedaço do talo com cerca de 5 cm de diâmetro e outro pedaço deste mesmo talo para esculpir a cabeça, encaixada com cola branca, silicone ou cola de isopor, esta com maior aderência para o tipo de material conhecido como “isopor amazônico”.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Que tal uma investigação na natureza para encontrar brinquedos como os cavalos de miriti? Seja na região litorânea, no sertão, na caatinga, na imensa floresta Amazônica ou Atlântica, este Brasil exuberante está farto de brinquedos 100% orgânicos! Assim, é possível buscar fazer cavalos com talo de palha de coqueiro, talo da carnaúba, folha do açaí, galho da jurema, vara de bambu e demais vegetais-brinquedos disponíveis para quem tem um olhar voltado às inúmeras possibilidades e a inventar brincadeiras com as crianças.



BRINQUEDOS

DE HABILIDADE E DESTREZA

CORRUPIO

Divino Jesus Moreira de Pinho | GO

PETECA

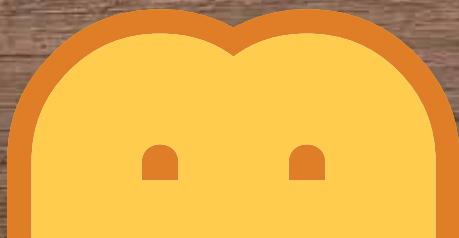
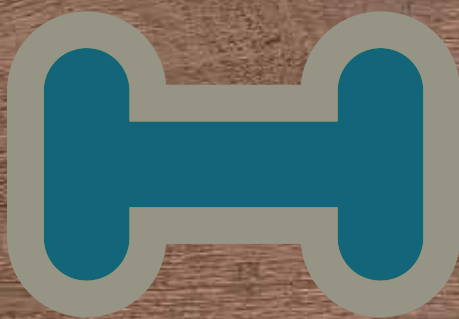
Magali Aparecida Ono | MS

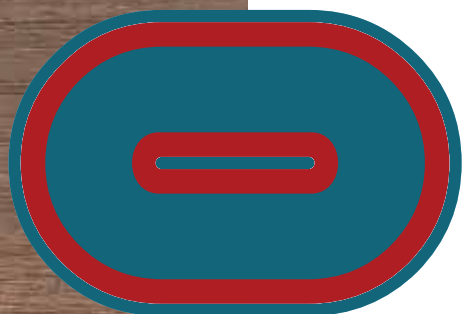
PERNA DE PAU E ESQUI DUPLO

João Carlos Nascimento Mogarte | RS

ESTILINGUE (BALADEIRA)

Demestre da Silva Bezerra | AC





As crianças são hábeis e exigentes consigo mesmas na superação de desafios. Constantemente estão exercendo maneiras de ir além do que sabem, conhecem e podem fazer usando sua capacidade física. Não é à toa que passam horas aprimorando-se em pular corda, jogar pião, bolinhas de gude e tantos outros brinquedos que exigem habilidades específicas. Gostam de ser desafiadas pelo brinquedo.

Os pequenos iniciantes na vida são generosos consigo mesmos em relação ao aprendizado de diferentes habilidades. Um adulto que brinca pela primeira vez com brinquedos que exigem grande destreza como o bilboquê ou o diabolô, frequentemente, desiste nas primeiras tentativas frustradas. A criança, ao contrário, é capaz de passar dias ou mesmo meses para superar desafios como esses.

Sabendo disso, podemos incentivá-las com novas provocações e desafios. Se já sabem brincar com o corrupio sozinhas, por que não testá-lo em duplas? Se já aprenderam a jogar peteca, será que conseguem jogar recitando o alfabeto inteiro sem deixá-la cair? Se já sabem andar de pé de lata, por que não tentarem se equilibrar sobre um pé de lata mais alto ou uma perna de pau?

Na escola, em vez de poupar esforços das crianças, devemos ser parceiros exigentes e confiantes em suas conquistas, atentos a todo apoio necessário. Assim, podemos ajudar a subir na perna de pau, dando dicas de apoiar-se na parede, como faz uma criança que começa a andar. Estar presente no aprimoramento da brincadeira é uma forma delicada de dizer o quanto acreditamos em sua competência.



CORRUPPIO

Divino Jesus Moreira de Pinho | GO

Grafado como corrupio, currupio e corropio, é um brinquedo extremamente simples de confeccionar, porém desafiador para fazê-lo funcionar. Basta ter um fio firme e uma peça central com dois furos (botão, papelão, tampinha de metal ou plástico, ou qualquer objeto arredondado com furos no meio). Passa-se o fio fino e resistente pelos furos da peça, amarram-se as pontas... E está pronto!

O corrupio requer ritmo dos dedos polegares, que devem segurar as extremidades do fio para reger a peça central em contínuo movimento de rotação, proporcionando um som inconfundível: um zumbido que vai aumentando conforme o fio é tensionado e relaxado com maior frequência. Para dar início à partida, no entanto, é preciso segurar as pontas do fio e fazer a peça central girar num mesmo sentido, como se estivesse dando corda para o brinquedo funcionar com a posterior regência das mãos que se aproximam e se afastam.

Quando tinha 6 anos, o Sr. Divino aprendeu com seu avô a fazer esse brinquedo secular, confeccionado com um pedaço de cabaça. Aproveitava o barbante que vinha no saco de juta do café para usá-lo no brinquedo e assim o confeccionava com materiais que encontrava por perto.

Passou-se o tempo, mas a vontade de brincar e o prazer de partilhar o brinquedo com outros permanecem na vida do Sr. Divino. Vejamos o que diz a respeito:

Minha vivência de 6, 7, 65 anos brincando com este brinquedo é a mesma; o que foi mudando foi o jeito de confeccionar. Hoje, por exemplo, ensino meus alunos nas aulas de marcenaria a fazer o corrupio; gosto de ensiná-los a criar, inventar, estilizar, criando seu próprio modelo. Para tanto, usamos como base um pedaço de compensado ou Duratex com dois furos centrais, como os de um botão por onde se passa o fio. Faço alguns furos a mais para o brinquedo assobiar mais alto: vrur, vrur, vrur. Eta som bom. Hoje gosto de fazer o corrupio para alegrar meu neto.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Como o corrupio deve ser um brinquedo de conhecimento de muitos pais das crianças, vale uma pesquisa entre eles para descobrir diferentes materiais com os quais podem ser confeccionados e mesmo convidá-los para essa criação conjunta na escola.

Além dos informantes da cultura lúdica que estejam por perto, pais e comunidade educativa podem também pesquisar em livros que contam a história dos brinquedos. No livro *Jogos e brincadeiras do povo Kalapalo*, de Marina Herrero, edições Sesc SP, podemos ver que no Alto Xingu o corrupio, conhecido lá como “holá”, também é feito com um pedaço de cabaça furado no meio e com bordas dentadas, só que o fio é feito com corda de buriti. Podemos apreciar no DVD que acompanha o livro como os kalapalos brincam com o holá. Várias outras etnias indígenas brasileiras também fazem esse brinquedo. Os índios Ticuna também o conhecem pelo nome de *Tchera i mucü*, confeccionado com elementos da natureza e fio de tucum. Recentemente, têm usado lata recortada com fios dentados para cortar folhas ou frutas moles e ainda caçar pequenos insetos.



Podemos descobrir com as crianças outros jeitos de brincar, não só individualmente, mas em duplas, o que requer coordenação do movimento para fazer o corrupio girar. E por que não conhecer outros brincantes que recriam esse brinquedo, como é o caso de Chico dos Bonecos (Francisco Marques), que criou uma versão gigante do corrupio feito com papelão e fio de mais de metro de comprimento presos por um cabo no qual cada participante segura com as duas mãos? E ainda uma versão do corrupio no qual se prende uma parte do fio no pé e a outra é segura pela mão, permitindo brincar ao mesmo tempo em que se anda? Imagens da criação desse brinquedo estão em seu livro *Muitos dedos, enredos*, da editora Peirópolis.

Outro livro com boas histórias e sensível registro fotográfico desse brinquedo, confeccionado com escamas, ossos e conchas, é o *Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil*, de Renata Meirelles (editora Terceiro Nome).

Se procurarmos, vamos descobrindo sempre novas formas de fazer o brinquedo, como na obra *Barangandão Arco-íris e outros 36 brinquedos inventados por meninos de Adelsin*, editora Peirópolis. E o melhor de tudo é se inspirar no conhecimento ancestral do corrupio para inventar um modo próprio de recriá-lo nos dias de hoje.



PETECA

Magali Aparecida Ono | MS

A peteca, brinquedo genuinamente brasileiro, ensinado de geração em geração pelos primeiros habitantes do país, chega até os nossos dias como herança lúdica para continuar voando pelos ares das praças, praias, terreiros, quintais, quadras esportivas, pátios de escola e onde mais encontrar espaço para reunir crianças e adultos em prazerosas partidas.

De origem indígena-brasileira, a peteca, do tupi *Pé teka*, significa “bater com as mãos, golpear”. Tradicionalmente é confeccionada com palha seca de milho e penas naturais de aves. Nos últimos tempos vem sendo substituída por penas sintéticas, borracha, couro, tecidos; o que importa é que não deixe de existir.

Em sua infância, a artesã fazia peteca com palha de milho e pena de galinha de angola ou galo índio. Lembra que era comum na cultura indígena mato-grossense fazer petecas usando penas de tucano, papagaio e arara. Hoje, afastada da roça, faz petecas costurando corino, napa ou couro ecológico e usando penas de pato tingidas, compradas especialmente para a confecção dos brinquedos.

Aprendeu a fazer peteca por volta dos 10 anos, quando se interessou por esse jogo. Brincava com suas amigas ou mesmo sozinha batendo a peteca para superar o tempo que ficava no ar sem cair no chão. A depender de Magali, a brincadeira passa sempre de geração a geração. Continua partilhando o jogo por meio da confecção de suas petecas. De mão em mão, a expressão “não deixar a peteca cair” ganha vida na habilidade e agilidade da prática desse divertimento.

Como a brincadeira passa de mão em mão, é bem provável que os portugueses que chegaram ao Brasil em 1500 tenham levado a peteca para a Europa. Hoje, tornou-se brincadeira e esporte mundialmente conhecidos.

A modalidade esporte de peteca, criada em território nacional, teve origem em 1975 com a criação da Federação Mineira de Peteca (Fempe). Outras federações internacionais continuaram divulgando a brincadeira que virou esporte, conhecida no mundo como “indiaca”, nome internacional da peteca, uma junção do termo “índio” com “peteca”.



POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

O jogo de peteca ainda existe no Brasil, mais fortemente em algumas localidades, porém outras carecem desse traço cultural. Nesse sentido, compartilhar a brincadeira e até mesmo fazer o brinquedo à moda antiga, usando trançado de palha de milho, é uma maneira de não perder o ensinamento dos primeiros habitantes do Brasil. Para tanto, podemos até reservar um espaço da horta escolar para o milharal e, assim, ter matéria-prima para o brinquedo, já que alguns tipos de peteca podem ser feitos usando somente palha de milho. É interessante que se convidem pessoas que saibam confeccioná-las na escola, registrando esse aprendizado em foto de passo a passo e vídeo, para o brinquedo não cair no esquecimento e para compor o acervo histórico das brincadeiras.

Podemos ainda encontrar novas formas de jogar peteca, conhecer melhor as regras do jogo preconizadas pela Federação de Peteca e pesquisar os desdobramentos criados com jogos de peteca, como o badminton, esporte praticado numa quadra de tênis em que se joga peteca usando uma raquete, cuja origem vem da recriação de um jogo chinês do século V a.C. no qual se utilizavam os pés. Enfim, podemos descobrir que a humanidade vai inventando brinquedos e formas de brincar muito semelhantes e complementares.



PERNA DE PAU E ESQUI DUPLO

João Carlos Nascimento Mogarte | RS

João Carlos Nascimento Mogarte é artesão de brinquedos há 20 anos. Gosta de fazer brinquedos que ofereçam desafios corporais às crianças. Com a ajuda de um auxiliar na produção, constrói brinquedos de parque: balanço, gangorra, ponte pênsil de 8 metros de comprimento, escada de corrente, escalada etc. Dentre os brinquedos que produz, a perna de pau e o esqui duplo fazem grande sucesso nos pés de crianças e adultos. Estimulam, respectivamente, o equilíbrio individual e o equilíbrio coletivo, já que para andar é preciso coordenar os passos e segurar nos ombros de quem vai à frente.

É oportuno lembrar que, embora hoje em dia a perna de pau seja considerada um brinquedo, nem sempre foi assim. Ela servia de instrumento para diversas atividades do mundo adulto: atravessar áreas alagadiças, colher frutas nos galhos fora do alcance das mãos, auxiliar os pastores na visualização de seu rebanho e ainda, era usada em algumas cerimônias religiosas. Enfim, nasceu com outros usos e foi ganhando novos, como a prática em artes circenses e mesmo as brincadeiras de crianças.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Tendo em vista a história do brinquedo, é interessante que as escolas tenham pernas de pau em tamanhos adequados para adultos e para crianças. Assim, pais, crianças, equipe docente e funcionários podem usufruir da brincadeira, trocar dicas para se equilibrar nas alturas. Afinal de contas, a brincadeira embala a criança para a vida e o adulto para encontrar sua natureza primeira.

Vale recuperar com as crianças alguns brinquedos que possam ajudar a quem ainda tem dificuldade de manter-se equilibrado sobre pernas de pau, fazendo pés de lata ou de coco, adequando os desafios de caminhar nas alturas!



ESTILINGUE (BALADEIRA)

Demestre da Silva Bezerra | AC

Estilingue, baladeira, badogue ou badoque, seta, setra, funda são vários nomes para um mesmo brinquedo de pontaria feito com uma forquilha (galho bifurcado em Y), tira elástica e couro, que usa munição encontrada facilmente no meio ambiente como pedras, sementes de mamonas, caroços de frutas etc.

Como boa parte dos brinquedos que iniciaram sua trajetória nas mãos de adultos, com o estilingue não foi diferente. Em sítios arqueológicos na Turquia, foram encontrados exemplares de estilingues que datam do período neolítico (8.000-4.000 a.C.). Como a história indica, nasce como arma de caça ou defesa para atirar um projétil num alvo.

No Brasil, o estilingue trazido pelos portugueses com objetivo semelhante, acabou chegando às mãos das crianças, que encontravam nas goiabeiras, nas jabuticabeiras e em outras tantas árvores matéria-prima perfeita de galhos em Y para suas pequenas armas de brinquedo.

Atualmente, esse brinquedo vem literalmente perdendo terreno em parte do país, principalmente nas cidades, devido a ser um brinquedo que precisa de espaços amplos, por se tratar de uma “arma” de brinquedo tradicionalmente de caçada de pequenos animais em mata, tanto é que Monteiro Lobato descreve essas aventuras de meninos com suas pequenas forquilhas em seu livro *Caçadas de Pedrinho* (1933). Sem dúvida, durante muito tempo, foi um dos principais brinquedos, especialmente de meninos. Se hoje todo menino tem uma bola, até pouco tempo atrás era difícil encontrar meninos sem seus respectivos estilingues.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

O Sr. Demestre da Silva Bezerra, quando era pequeno, como outros meninos de sua geração, fez muitos estilingues e participou de pequenas caçadas, principalmente a passarinhos, que depois eram depenados, assados e degustados como recompensa ao esforço. Lembra que as caçadas eram complemento alimentar não só a ele, mas para a família, que dependia delas para ter carne à mesa. Com os tempos mudados, temos menos mata e mais cidades, açougues e, por consequência, menos passarinhos e menos animais silvestres e necessidade de caçada. Claro, surge a discussão se devemos ou não matar passarinhos, mas no passado isso não estava em questão, mesmo porque, em geral, não se matava para desperdiçar a caça.

Interessante lembrar que muitas histórias e lendas, inclusive, instruem os meninos desde cedo a não desperdiçar suas caças. Assim, temos a cai-pora, o caboclinho da mata, o curupira e muitos outros seres da mata que punem caçadores que matam com outro objetivo que não o de conseguirem o seu sustento por meio da caça ou que não respeitam o período de procriação dos animais.

Essas questões e a história do brinquedo podem ser compartilhadas com as crianças de hoje em dia nas escolas, para que possam também reavaliar usos para esse brinquedo em outros contextos, inclusive pensando na segurança.

Na mata ampla, dificilmente uma mira errada acertava alguém desavisado; já no pátio de uma escola, as estatísticas de munição perdida por estilingues poderiam comprometer a segurança de outras crianças. Entretanto, sabendo desses perigos e falando abertamente sobre eles é que podemos pensar com a garotada em soluções para que o brinquedo não caia no esquecimento e adaptar formas possíveis de uso para o contexto escolar. Talvez até propor fazerem alvos específicos para tiros, longe da passagem; usar munição que não machuque, como bolinhas de papel-alumínio ou, num dia de calor, brincar com munições de bexigas pequenas com água; ou, ainda, preparar um alvo sonoro com latas, tampas de bateria e outros objetos

que possam produzir som quando se arremessam munições com estilingue. Na escola, podem-se combinar horários específicos de uso do brinquedo, quando o pátio não está sendo muito utilizado. Enfim, encontrar novas possibilidades, dentro do ambiente escolar, diferentes do contexto da mata.

Vale ainda convidar os pais ou crianças mais velhas para ensinar a técnica de fazer estilingues e buscar materiais ou adaptação deles para a confecção. No lugar da mangueira de látex, conhecida como “tripa de mico” ou “tubo de látex” de cor âmbar, vendida em farmácias para uso médico, usar tiras de câmara de pneu encontradas em bicicletarias ou borracharias. Enfim, não deixar em completo esquecimento um instrumento inventado há tanto tempo.

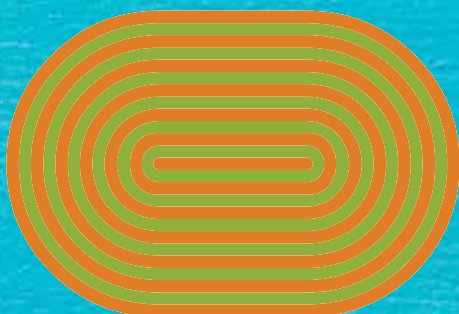
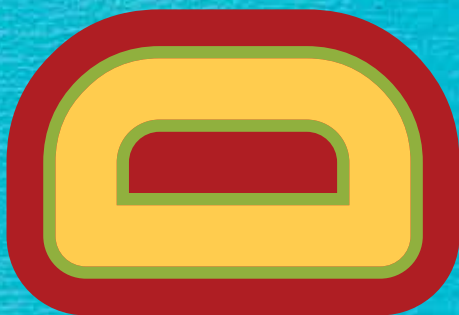
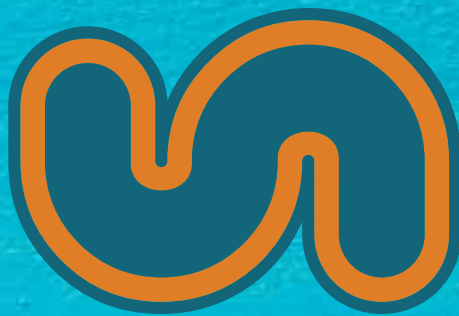
SOBRE RODAS

Se voltássemos ao tempo em que a roda foi descoberta, certamente comemoraríamos a grande invenção que nos dá de presente o fácil deslocamento, mesmo carregando algo pesado a tiracolo. As crianças, ao brincarem com carrinhos em que possam dirigir ou entrar, certamente revivem essa experiência inaugural da humanidade com intensidade. Brinquedos sobre rodas não podem faltar de maneira alguma nas escolas.

Uma boa forma de criar brinquedos com rodas é adaptar rodízios ou mesmo rodas usadas como as de carrinhos de bebês, malas de viagens ou velocípedes para a criação de novos brinquedos, como faz o artesão Carlos Antonio Alves, que cria carrinhos super-resistentes com rodas encontradas em sucatas. E na falta dessas rodas, há um jeito muito fácil de criá-las, e mesmo eixo de carrinhos, usando papelão ondulado; basta cortar o tamanho desejado, passar cola no sentido da dobra e enrolar até que a roda fique de tal tamanho, servindo, inclusive, para aguentar o peso de duas crianças.

Construir tais brinquedos com a criançada ajuda a que entenda os mecanismos de funcionamento deles e a construir gradativa autonomia na criação de seus próprios. E, por que não, reinventar a roda!





CAMINHÃO ITINERANTE
João Luiz de Souza Silva | SE

**CARRINHO DE ROLIMÃ, CARRINHO
DE MÃO E BRINQUEDO DE EMPURRAR**
Carlos Antonio Alves | MG



CAMINHÃO ITINERANTE

João Luiz de Souza Silva | SE

João Luiz, artesão de profissão há 22 anos, passou a se envolver completamente com o mundo dos brinquedos quando recebeu há seis anos uma encomenda para produzi-los para uma escola; desde então não conseguiu mais parar. Seu envolvimento foi tanto que resolveu estudar Pedagogia para pesquisar melhor os jogos e brinquedos que são instigantes às crianças. Uniu conhecimento teórico às criações para o divertimento.

Entre tantos brinquedos que confecciona, João tem em seu acervo o caminhão itinerante, dirigido pela criança ao empurrá-lo por meio de sua torre de direção, acoplada ao fundo da carroceria. Uma corrente por baixo do veículo liga a torre de direção às rodas da frente, permitindo que a criança faça as manobras ao empurrá-lo. O criativo brinquedo permite que a garotada se transforme em verdadeiros motoristas de caminhão!



POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Brincar com brinquedos artesanais que apresentam o processo de construção, como o caminhão itinerante e sua torre de direção ligada ao eixo das rodas dianteiras, dá a noção clara de como as coisas funcionam.

Quando criança, João Luiz brincava com um brinquedo semelhante a este, que aperfeiçoou devido à sua experiência profissional. De tanto brincar na infância, construí-lo na vida adulta não foi difícil. Assim acontece com muitos artesãos, cuja intimidade tão grande com o brinquedo na infância os leva a construí-lo com engenhosidade quando adultos.

O brinquedo antigo ganha nova vida e continua inspirando um brincar rico em possibilidades. O bom, nisso tudo, é que os brinquedos tradicionais de determinadas gerações continuam existindo graças a pessoas dispostas a fomentar a cultura lúdica e pela demanda de quem ainda os procura. E assim novas gerações podem transportar um tanto de carga nas carrocerias de seus caminhões, incrementando seu faz de conta e interação com os amigos nessas brincadeiras.



CARRINHO DE ROLIMÃ, CARRINHO DE MÃO E BRINQUEDO DE EMPURRAR

Carlos Antonio Alves | MG

Para mais informações do autor, ver pp. 205.

Carlos Antonio Alves aprendeu a fazer seus próprios brinquedos quando criança e retomou essa prática quando nasceram seus filhos. Em casa, sempre fez brinquedos para eles e para presentear a escola em que estudavam, além de atender a encomendas específicas. Embora o talento para artesanato seja evidente e mantenha um espaço em sua casa dedicado à sua pequena oficina “Amigo Gepeto”, sempre exerceu outra profissão.

Quem conhece suas criações logo vê que Carlos gosta muito dos que se movimentam com o uso de rodas. Seus brinquedos se caracterizam pela robustez – aguentam o tranco do uso intenso das crianças – e pela criatividade em reaproveitar materiais que consegue em sucatas, como rodas de carrinho de bebê, de velocípedes, de patins, alça de mala de viagem e rodo, entre outros.

A tradição de reaproveitar materiais para construir brinquedos faz parte da cultura lúdica dos brinquedos artesanais, como o carrinho de rolimã, que nos Estados Unidos eram feitos com caixas de sabão (*soap box cars*).

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Alguns brinquedos vêm perdendo seu uso, principalmente em grandes centros urbanos, em que os carros ocupam cada vez mais o lugar das brincadeiras de rua, como é o caso dos carrinhos de rolimã que, tradicionalmente, precisam de ladeiras íngremes para a disputa de boas corridas. Não tendo a opção da rua, podem-se adaptar na escola espaços para outras brincadeiras com os carrinhos de rolimã, sem deixar de compartilhar com as crianças as formas corriqueiras de utilização deste brinquedo. Na internet, há vídeos inspiradores sobre disputas de carrinho de rolimã até mesmo em universidades. Uma dessas disputas tradicionais ocorre na Universidade de São Paulo, na ladeira da Rua do Matão, dentro do campus, organizada pela Poli, faculdade de Engenharia (GP NSK Poli – USP de Carrinhos de Rolimã), na qual podemos observar muito mais adultos do que crianças brincando com seus rolimãs.

Pode ser uma boa ideia a escola manter contato com alunos de Mecânica e Engenharia, para um projeto compartilhado com a universidade com o fim de desenvolver inusitados brinquedos sobre rodas. Por exemplo, colocar rodízio no fundo de uma caixa de água, transformando-a num barco rolante; adaptar rodas em móveis velhos, estrados de cama; inventar novas formas de fazer patinetes, carrinhos de empurrar e muitos outros.

A matéria-prima pode ser encontrada em sucatas ou casas especializadas em rodas e rodízios, mas a inventividade fica por conta das crianças e dos jovens que gostam do desafio de criar brinquedos especiais.



BRINQUEDOS DE MIRITI

MÓBILE DE PÁSSAROS

Raimundo do Socorro Vasconcelos | PA

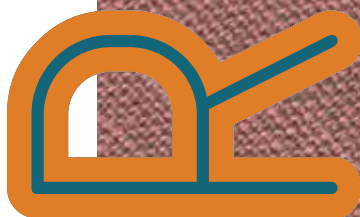
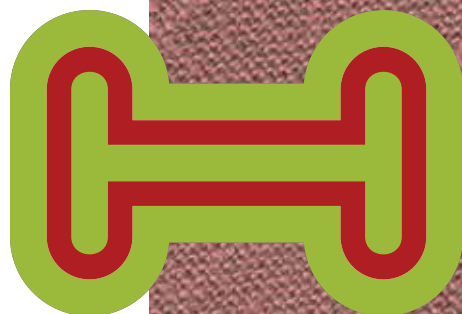
COBRA ARTICULADA, TATU

ARTICULADO E BARQUINHO DE MIRITI

Vamilson Costa Alves | PA

COME-COME, ALIMENTANDO, RIBEIRINHO NA CANOA, BOTO ARTICULADO, SOCA-SOCA, SERRA-SERRA E DANÇARINOS

Valdeli Costa Alves | PA





Escolher brinquedos frágeis para o acervo lúdico das escolas não deixa de ser um exercício de sensibilidade e delicadeza, já que todo o cuidado é pouco para que não sejam danificados durante o ano.

Brinquedos de miriti nas escolas do Brasil são um sonho. Um sonho de uma escola que aposta na delicadeza das crianças ao manusear brinquedos que precisam de cuidado. Delicadeza no uso da matéria, no não desperdício, sobretudo no desfrute de poderem brincar com a tradição de seu país, que inventa brinquedo até de palmeira!

Vamos experimentar o uso de brinquedos de miriti na rotina escolar? Compartilhar como e por quem são feitos e de onde vêm?

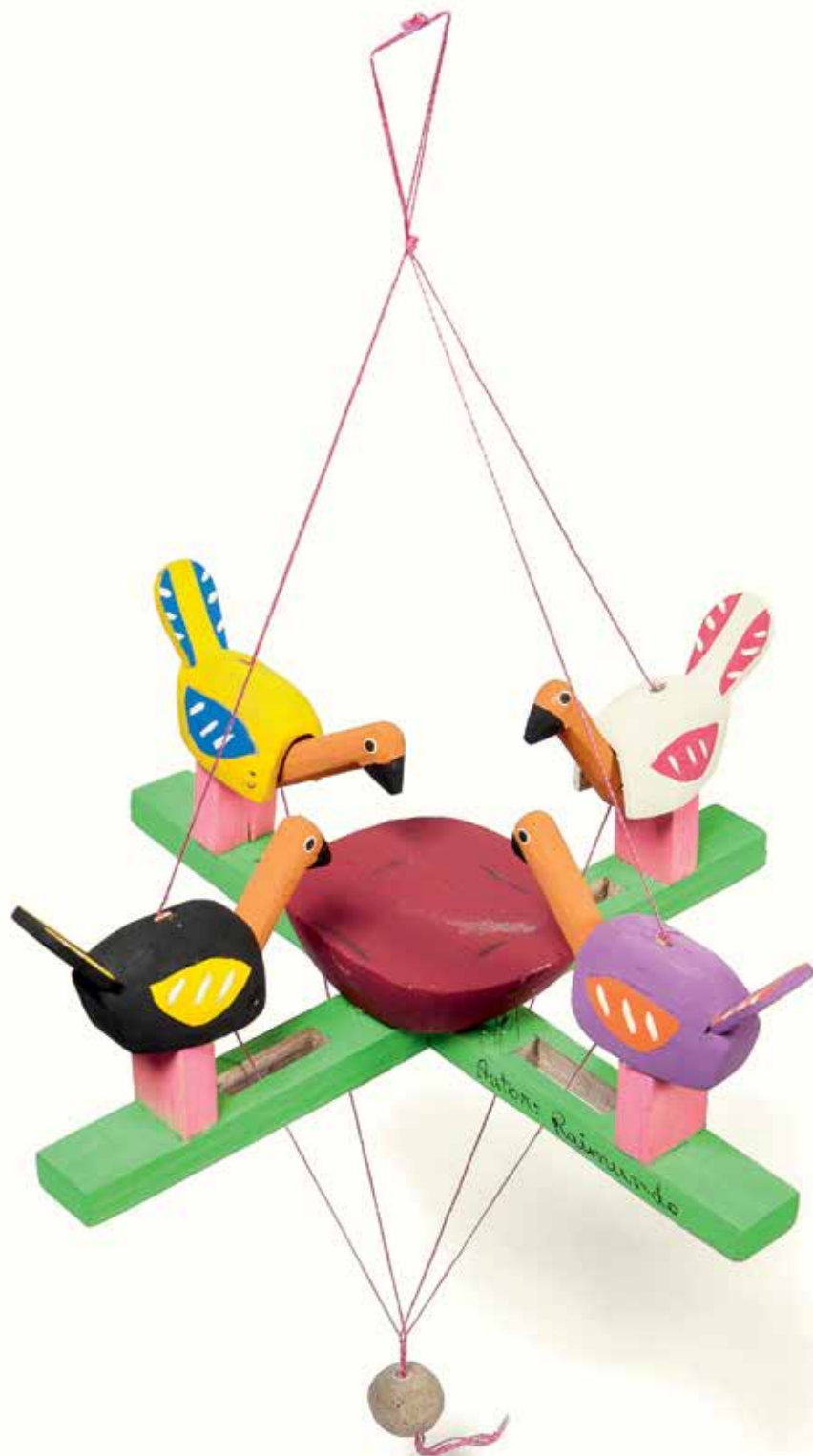


MÓBILE DE PÁSSAROS

Raimundo do Socorro Vasconcelos | PA

O termo “móbile” foi cunhado pela primeira vez na História da Arte em 1932, quando Marcel Duchamp o utilizou para nomear as esculturas móveis criadas pelo artista Alexander Calder, compostas por placas planas de metal suspensas no ar e equilibradas por finos fios de arame. A partir daí, passaram a ser assim chamadas várias estruturas que brincam com o equilíbrio, criando inclusive um novo sentido para a palavra “móbile”, de origem latina, que já existia há muito tempo com o significado de movimento.

Hoje em dia, o termo está bastante associado a brinquedos para bebês, confeccionados para quartos, berços ou berçários.



POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

O móbile é feito para o olhar; é um dos primeiros brinquedos dados às crianças quando ainda estão no berço, a fim de que possam se distrair e ter uma experiência estética e sensível de acompanhar o movimento harmônico das formas. Excelente para crianças e adultos de qualquer idade brincarem de olhar!

Há diversas possibilidades de planejar oficinas de criação de móveis. Pode-se iniciar com uma bem simples, usando palitos de churrasco e amarrando com fios de *nylon*, em cada ponta, embalagens pintadas e desenhadas pelas crianças ou figuras de papel-machê, massa de *biscuit*, argila, dobraduras etc. Vale ressaltar que ao montar este brinquedo é preciso estudar se os tamanhos e pesos se equilibram, para que possam ter um movimento harmônico. Estudar como o próprio Calder encontra soluções é uma possibilidade para incrementar as novas criações.

Interessante também contar com o apoio da comunidade, que pode ajudar a criar outros estilos de móveis com diferentes elementos estruturais: fios de arame galvanizado, bambus finos, cabides flexíveis, armação de guarda-chuvas sem o tecido, bambolês cortados ao meio e assim por diante. Estes servem de apoio para se prender diferentes penduricalhos.

Para quem conseguir obter a fibra do miriti, conhecida como “isopor da Amazônia” e usada no Pará na confecção dos famosos brinquedos de miriti, vale a pena a experiência de criar um móbile com o mesmo material utilizado por Raimundo nos pássaros que compõem o seu brinquedo. Outra alternativa é usar como substitutas as sobras do isopor volumoso que costuma acompanhar algumas embalagens de eletrodomésticos.



COBRA ARTICULADA, TATU ARTICULADO E BARQUINHO DE MIRITI

Vamilson Costa Alves | PA

O miriti, também chamado de miritizeiro ou buriti do brejo, é uma palmeira brasileira abundante em regiões mais alagadiças da Amazônia.

Os talos dessa palmeira (braços em que estão as folhagens) escondem uma preciosa matéria-prima para a construção dos tradicionais brinquedos de miriti – a bucha do miriti, de polpa macia e muito leve. Para conseguir este material, é preciso um cuidadoso trabalho de retirada das fibras duras que o envolvem, seguida de secagem ao sol para que esteja pronto para ser usado na confecção de brinquedos, como é o caso da cobra de miriti articulada, apresentada neste livro.

O bom desse processo é que não precisa cortar a árvore! Novos braços do miritizeiro crescem para poderem virar brinquedos futuramente!

Não se sabe ao certo quem teve a brilhante ideia de confeccionar esse tipo de brinquedo. O fato é que são parte fundamental da tradição da maior festa religiosa paraense, o Círio de Nazaré, que acontece há mais de duzentos anos em Belém do Pará. Nessa ocasião, são comercializados inúmeros desses brinquedos, expostos em girândolas que parecem carrosséis erguidos nos ombros dos artesãos-vendedores.

Nessa época festiva, podemos encontrar uma riqueza incrível de brinquedos de miriti: miniaturas de barco a vela, canoas, casas, galos, casais de dançarinos, soca-soca no pilão, galinhas que se movimentam para bicar milho, cobras que se mexem etc.

E por falar em cobras que se mexem, o processo de articulação da cobra de miriti é tão engenhoso, que já virou tese de mestrado em física, e seu modelo foi copiado por fabricantes de brinquedos industrializados, tendo sido criada sua versão em plástico.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Ter na escola brinquedos tradicionais do Brasil, como os de miriti, permite às crianças tanto o conhecimento da cultura lúdica do país – engenhosa em transformar a natureza – como favorece as brincadeiras de faz de conta. Estas são ampliadas pelo simbolismo das histórias que as crianças escutam sobre cobras e/ou por sua vivência com este animal e com muitos outros representados neste tipo de brinquedo.

Fica aqui a dica para que acompanhem o noticiário (jornal, rádio ou TV) sobre a festa do Círio de Nazaré, que acontece no segundo domingo de outubro, para obtenção de mais conhecimento acerca dos diferentes brinquedos de miriti e seus artesãos. Também podem procurar no mapa onde fica a cidade de Abaetetuba, principal polo de produção de brinquedos feitos com este material por artesãos como Vamilson.

É ainda interessante propor o desafio, às crianças e a seus familiares, da confecção de uma cobra de brinquedo que tenha engenhosidade de movimentação semelhante à da cobra articulada de miriti, com sua curiosa movimentação sem a necessidade de pilhas e baterias. Para tanto, vale usar materiais diversos, como garrafas PET, caixas de leite, cabos de vassoura cortados, rolos de papelão etc. É interessante estudar o mecanismo do corte que é feito no miriti para dar o movimento e chegar a novas ideias, como confeccionar mecanismos de dobradiças simples, feitas de pedaços de pano unindo embalagens de pasta de dente pintadas como cobras. Vale lançar o desafio da criação, tal como tiveram as crianças ou adultos que imaginaram que de um talo de palmeira pudesse sair tanta criatividade!



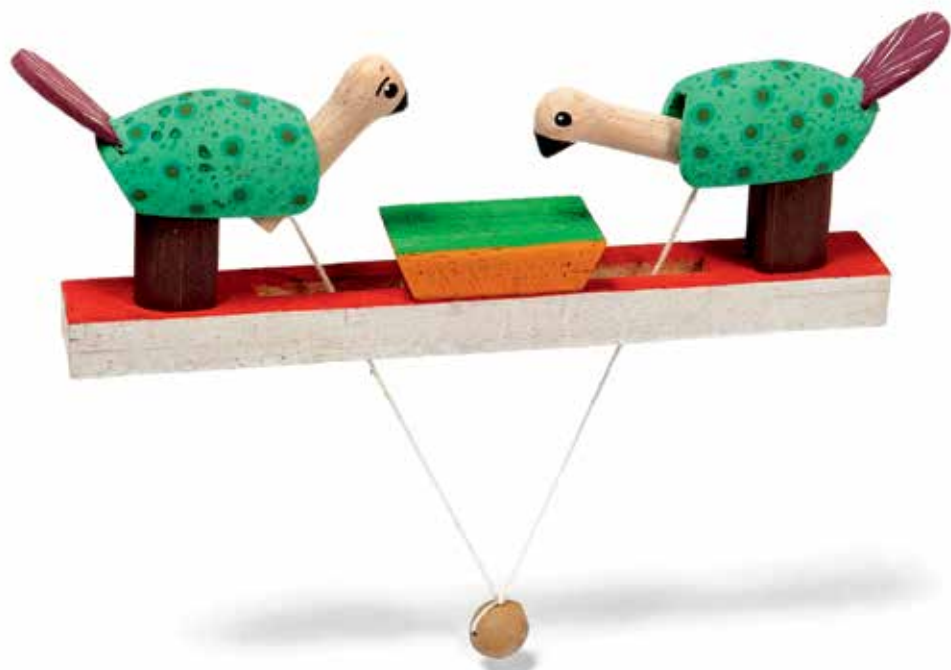


COME-COME, ALIMENTANDO, RIBEIRINHO NA CANOA, BOTO ARTICULADO, SOCA-SOCA, SERRA-SERRA E DANÇARINOS

Valdeli Costa Alves | PA

Valdeli Costa Alves faz brinquedos de miriti desde os 12 anos e como profissão começou em 1999. Antes, trabalhava em fábrica de vassouras e na construção civil. Quando ficou desempregado, começou a fazer os brinquedos profissionalmente e daí em diante nunca mais parou. Participou de uma exposição no Rio de Janeiro, no atuante Museu do Folclore Edison Carneiro, e desde então fornece suas peças para venda na loja desse museu e para muitos outros lugares. Depois disso, fez exposição em vários aeroportos do Brasil, cruzando o oceano para uma exposição em Paris. Na ocasião levou brinquedos – alguns grandes, como uma cobra de duas cabeças de cerca de 2 metros – e esculturas de miriti de mesma metragem. Foi um sucesso a exposição: todas as criações foram vendidas.

Apesar do interesse de países da Europa pelos brinquedos de miriti brasileiros, não é possível a venda para exportação ao exterior, pois é necessária uma certificação da matéria-prima utilizada na confecção do brinquedo (o miriti), garantindo que a sua comercialização não causa danos ao desenvolvimento da palmeira da qual é extraída. Para isso, será necessário um estudo de órgãos responsáveis no setor, como Embrapa, Museu Emílio Goeldi, Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra). Entretanto, essa pesquisa está atualmente parada por falta de verbas que eram conseguidas pelo Centro Internacional de Pesquisas Florestais (Cifor). E esta é uma exigência do mercado internacional para proteção das árvores, embora, no caso da palmeira da qual é tirado o miriti, não seja necessário cortá-la, pois só se utiliza o cabo de sua folha. Na verdade, coletam-se as folhas maduras e a planta continua crescendo.



Valdeli aprendeu cedo a fazer brinquedos de miriti para brincar com os amigos. Morava, inclusive, numa casa de madeira com paredes de miriti. Chegou até mesmo a usar a parede de casa como matéria-prima para suas produções!

Hoje não mora mais em casa de parede de miriti, mas vive cercado por esse material. Participa da Associação Arte Miriti de Abaetetuba (Miritong), que agrega jovens de baixa renda que aprendem a trabalhar com o miriti para gerar renda para a família, ao mesmo tempo em que preservam a cultura. Gosta de lembrar que o brinquedo de miriti é biodegradável e não agride o meio ambiente; ao contrário, contribui para melhorar a terra onde ele apodrecer. E que adquirindo um brinquedo totalmente feito à mão, diferente daquele de plástico, feito por máquina, ajuda-se a gerar renda para famílias que precisam.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Valdeli sempre buscou materiais de seu entorno para fazer seus brinquedos: madeira, raízes, braço de palmeira, encontrando no meio a riqueza para sua criação. Tal experiência de reconhecer no entorno matérias-primas em abundância para a confecção de brinquedos pode servir de exemplo para que as crianças façam um levantamento na escola quanto ao que o meio ambiente lhes oferece para construção deles. Podem, por exemplo, fazer uma lista de A a Z das sucatas que possam inspirar suas criações e mesmo elementos da natureza que possam virar brinquedos... Mãos à obra para tratar de transformar matéria-prima em matéria-lúdica!



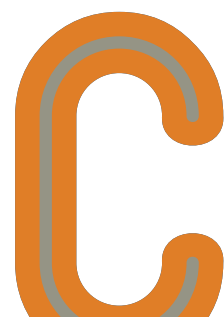
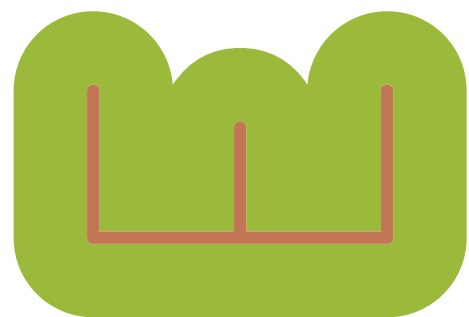


Eu penso assim: criança gosta de movimento – numa peça parada ela se distrai; já o movimento a deixa abismada, quer voltar a encontrar o brinquedo.

José Cícero da Silva (mestre Zezinho)

O desejo de “voltar a encontrar o brinquedo” tão bem colocado pelo artesão Mestre Zezinho cai como uma luva ao escolhermos brinquedos para fazer parte do acervo escolar. É preciso antes de tudo que a criança tenha o desejo de visitar a brincadeira, encontrar-se novamente em intimidade com o lúdico.

Os brinquedos-engenhocas que envolvem movimento são convites certos à curiosidade infantil em apropriar-se de seus mecanismos para produzir seus próprios brinquedos. Nesse sentido, a parceria da escola com artesãos locais é sempre bem-vinda para que o encontro entre crianças experientes na brincadeira e artesãos experientes no fazer possam trocar de papéis. Vamos ensinar para brincar e aprender para brincar!



N

CARRO BATE-BATE E GALINHAS

Paulo Socha | MA

MANÉ-GOSTOSO

Mestre Miro

Ermirio José da Silva | PE

MANÉ-GOSTOSO

E CATA-VENTO

BONECOS NO PILÃO

Mestre Zezinho

José Cícero da Silva | AL

VIOLATA

Kaju e Junai

(Leonardo Coutinho de Souza

e Luis Gonzaga

Araújo e Costa Junior) | DF

PIÃO GIGANTE À MANIVELA

Dim

(Antônio Jader Pereira dos Santos | CE

ENGENHOCA DE MANIVELA

Alberto Bernardo

(Carlos Alberto Bernardo de Souza) | CE

ENGENHOCAS

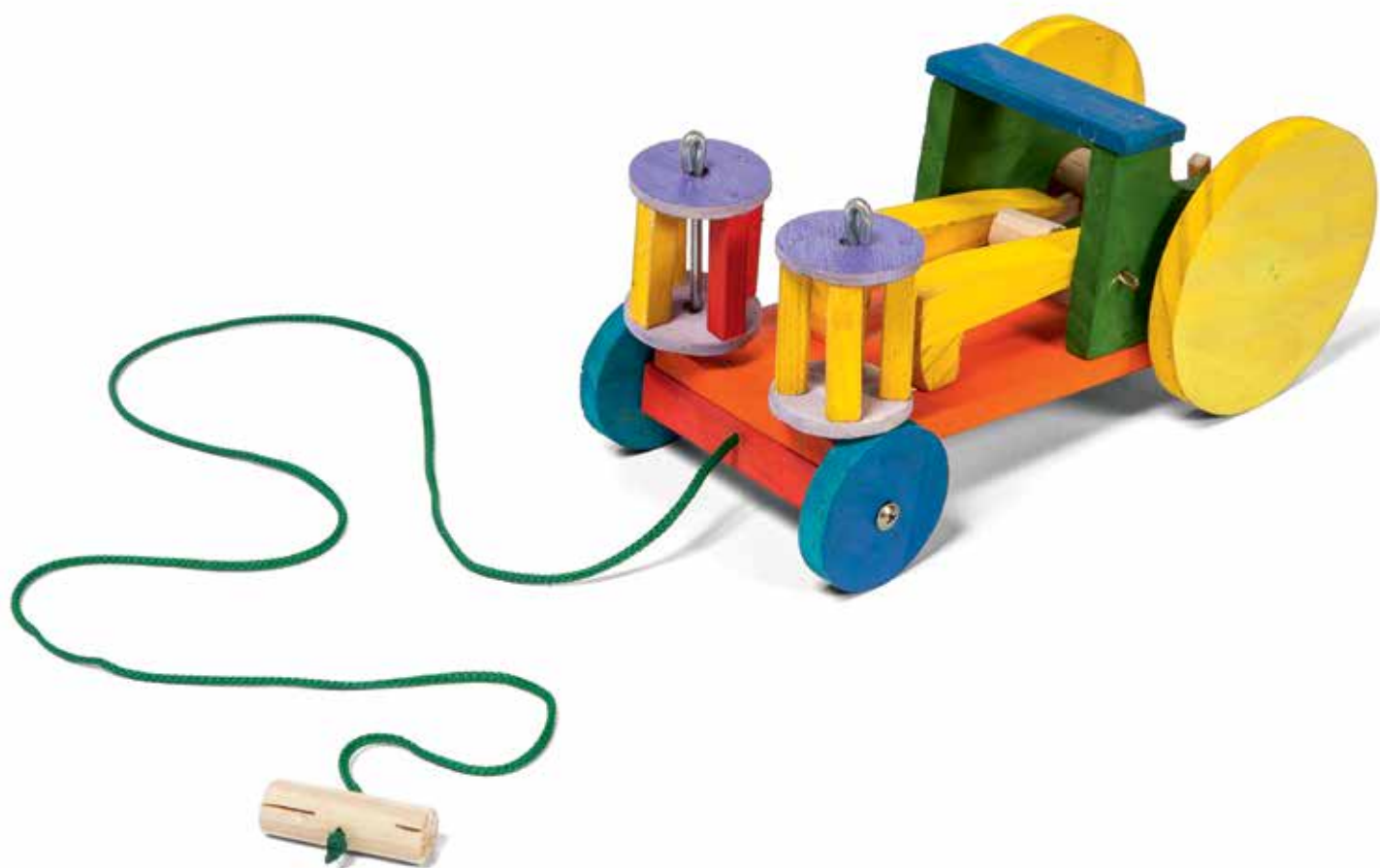
Z

H

O

A

S



CARRO BATE-BATE E GALINHAS

Paulo Socha | MA

Para mais informações do autor, ver pp. 17 e 201.

Paulo Socha brincou muito de confeccionar brinquedos em sua infância, principalmente usando a matéria farta disponível na marcenaria de seu pai.

Lembra que não havia plástico disponível, material amplamente usado pela indústria de brinquedos atual. No seu tempo de infância as matérias-primas para confeccionar brinquedos basicamente eram o couro, a madeira, o ferro e o chifre de boi, que quando esquentado pode ser moldado, semelhante ao plástico.

A presença de materiais, ferramentas e adultos que pudessem servir de inspiração contribuiu para que este garoto crescesse inventando uma centena de engenhocas. Chegou até a construir no pátio de sua casa uma cidade inteira onde tudo funcionava, tinha energia elétrica, posto de gasolina e o mais interessante é que as engenhocas feitas com fio de luz davam vida à sua miniatura da imaginação gigante.

Depois de adulto, Paulo encontrou-se na profissão de fotógrafo. Foi com o nascimento de seu filho que surgiu o pretexto para voltar a confeccionar brinquedos para presentear-lo. E para que o filho pudesse seguir o caminho do avô e do pai que o ensinaram tanto sobre criação, um dos primeiros brinquedos que deu para o pequeno foi uma caixa de ferramentas de plástico. “Não dá para construir nada mas já vai se acostumando!” E claro, o filho cresceu sabido dos ensinamentos da arte de fazer brinquedos. Afinal, é cria de um pai que acredita no valor do brincar. Como diz: “Educar e brincar é uma coisa muito séria, tem que levar a sério!”

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Inspirando-se na arte da criação de brinquedos de Paulo, podemos lembrar das sobras fartas de retalhos de madeira que temos em marcenarias por todos os cantos do Brasil, para incluir este material no planejamento de construção de brinquedos.

As crianças podem escrever uma carta coletiva de pedido às marcenarias, quanto à doação de sobras de tocos de madeira para suas construções e agradecer com outra carta, com fotos de alguns usos lúdicos que fazem com o material solicitado.

E, quem sabe, convidar algum marceneiro para um projeto de construção de brinquedos em conjunto ou, então, artesãos que possam conhecer. É bom lembrar que o aprendizado de fazer brinquedos de muitas crianças, como o do menino Paulo, se dá pela observação de adultos por perto, que confeccionam brinquedos, partilhando, assim, o aprendizado que é possível transformar as matérias-primas!





MANÉ-GOSTOSO

Mestre Miro (Ermirio José da Silva) | PE

Para mais informações do autor, ver pp. 83 e 193.

Miro leva a vida construindo brinquedos, contribuindo, assim, para que as crianças continuem a brincar com brinquedos tradicionais do Brasil, como é o caso do Mané Gostoso, que virou até verbete no *Dicionário do Folclore Brasileiro*.¹

Mané-gostoso: Boneco de engonço, com movimentos nas pernas e braços puxados por cordões. Brinquedo infantil. Antigo personagem do bumba meu boi. Homem tolo, imbecil, palerma, aparvalhado, sem vontade. É um mané-gostoso! O mesmo que mané-coco, mané-besta, mané de sousa, pai-mané. Beaurepaire Rohan (Vocabulário de Língua Brasileira - Rio de Janeiro, 1889), fixando mané, diz ser apócope de manema, significando, no tupi-guarani, mofino, frouxo, pusilânime. Ocorre, naturalmente, a apócope do português “Manuel”, dito popularmente, Mané, mané-tolo, mané-bestalhão, manezinho, etc. Beaurepaire Rohan informa que manembro é idêntico a mané no vale do Amazonas.

¹ CASCUDO, L. da C. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1988

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Ao brincar com o Mané-Gostoso e observar atentamente seu mecanismo de funcionamento, fica fácil se arriscar a fazer tal brinquedo-engenhoca. É possível adaptar materiais, usando papelão para a confecção do corpo do boneco, arames encapados ou fechos plásticos (aqueles que fecham pacote de pão de forma) para fazer as articulações do boneco, unindo partes de seu corpo. Também podemos encontrar boas dicas do passo a passo da montagem deste brinquedo no livro: *Brinquedos & Engenhocas de Luise Weiss*, Ed. Scipione.

Enfim, as crianças podem contar com a ajuda de adultos que se prontifiquem a trabalhar em conjunto, para dar acabamentos que requerem o uso de ferramentas, como cortar varas de madeira, por exemplo. Terminado o brinquedo, é só testar as acrobacias que ele é capaz de fazer!





MANÉ-GOSTOSO E CATA-VENTO BONECOS NO PILÃO

Mestre Zezinho (José Cícero da Silva) | AL

José Cícero da Silva (Mestre Zezinho), 47 anos de idade, faz brinquedos desde menino, mas somente há 17 anos descobriu-se na profissão de artesão de brinquedos e hoje não imagina a vida sem fazê-los.

Em 2009, Zezinho recebeu o prêmio de melhor artesão do ano de Alagoas e o título de mestre pelo Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore, em Maceió.

Para fazer seus brinquedos, Mestre Zezinho procura imaginar do que a criança gosta. “Eu penso assim: criança gosta de movimento – numa peça parada ela se distrai; já o movimento a deixa abismada, quer voltar a encontrar o brinquedo.” Assim, naturalmente seus brinquedos envolvem movimento. Tem feito vários cata-ventos que movimentam brinquedos como rodas-gigantes com bichos, jogadores de futebol, socadores de milho, cavalinhos correndo, casal dançando etc. A hélice do cata-vento é que sempre dá movimento às suas peças. Atualmente, tem até um cata-vento que movimenta uma bicicleta, ou seja, movimenta as pernas do boneco que a pedala. Fez tal brinquedo inspirado no desejo de infância de fazer uma bicicleta para si mesmo, de madeira, já que não podia comprá-la.

Todos os seus brinquedos são feitos à mão, com a ajuda de ferramentas simples: faca amolada, serrinha, foice, escopo, esquadro. Só usa máquinas, como serra tico-tico, para fazer peças curvas, mas o acabamento de seu trabalho é todo manual. Assim, orgulha-se dizendo: “Estou para descobrir uma máquina que faça um bicho destes que uso em minha roda-gigante ou estes bonecos que vou esculpindo na madeira!”

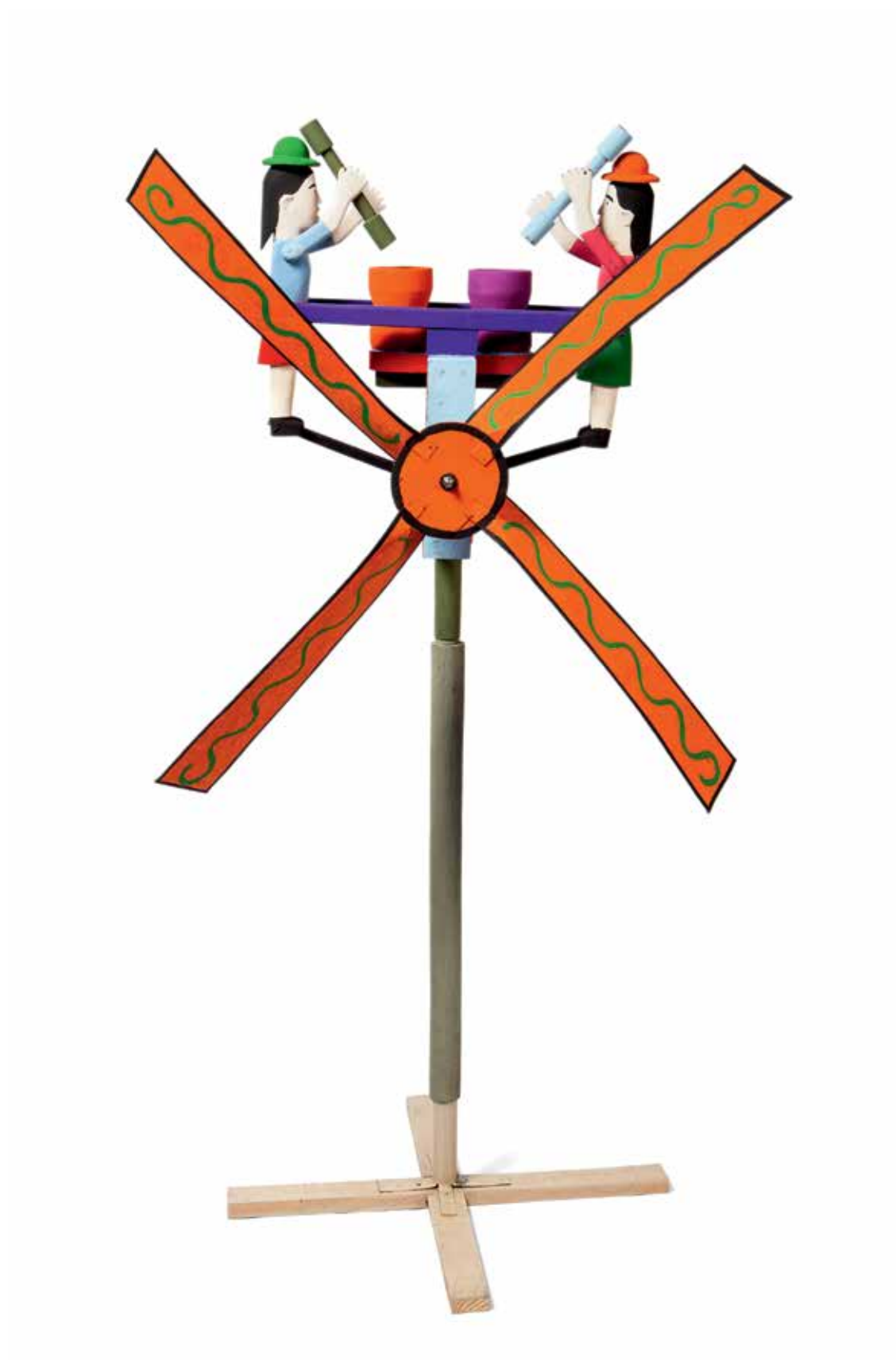
POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Ter brinquedos-engenhocas cata-ventos como os de Mestre Zezinho pelo pátio da escola é uma maneira prazerosa de apreciar a brincadeira dos ventos, senti-la ao seu menor indício. Agora, confeccioná-los parece um tanto difícil, já que requerem certa habilidade com a madeira. Mas se atentarmos à psicogênese da criação desses cata-ventos de Zezinho, veremos que podemos experimentar com as crianças a confecção de outros tipos de cata-ventos, sejam eles feitos com papel ou com outros materiais sugeridos pelas lembranças de infância desse artesão alagoano.

Quando era criança, Zezinho fazia seus cata-ventos de folha de manga. Pegava a folha do pé da mangueira, tirava o talo maior, cortava um pedaço da folha de um lado e de outro e no meio espetava um cabinho: “Era só arribar a mão no vento para girar as hélices do cata-vento-folha.” Esta lembrança é tão boa que até hoje, quando está debaixo de um pé de mangueira, brinca com a folha da planta. Em diversas partes do Brasil, meninos e meninas ainda brincam com esse cata-vento rudimentar feito com diferentes tipos de folha.

Outra modalidade que sabia fazer quando menino era o cata-vento de lata. Usava lata de óleo quadrada. Sentava-se num cantinho, cortando sossegadamente a lata com uma faquinha afiada. Uma das etapas bem delicadas deste processo era empenar a lata dos dois lados para fazê-la girar bem. O cuidado em fazer as hélices simétricas era essencial para que o brinquedo não ficasse mais pesado de um lado que do outro. Mas a precisão não ficava só nisso. Era preciso que continuasse vigente, para que o conjunto de pás fosse preso por um ponto central a um eixo. Sendo assim, para fazer o buraco no centro do cata-vento, era preciso medir muito bem antes de bater um prego com a ajuda de um toquinho de madeira que tinha a função de martelo. Depois, só faltava passar arame e prender o brinquedo a um cabo de madeira.

Esses segredos de engenharia, verdadeiros tratados de precisão que requerem o máximo de habilidade, o menino Zezinho aprendeu cedo, na prática da brincadeira de confeccionar o brinquedo. E o acompanham até hoje!





VIOLATA

Kaju e Junai (Leonardo Coutinho de Souza
e Luiz Gonzaga Araújo e Costa Júnior) | DF

O instigante instrumento musical “violata” é mais um de uma série de brinquedos musicais inventados pelos músicos Kaju e Junai, que gostam de brincar com os sons e construir diferentes instrumentos musicais com sucatas e materiais acessíveis. Em sua pesquisa sonora, trabalham basicamente com instrumentos de corda, sopro e percussão, além dos idiofones, que são instrumentos musicais em que o som é produzido por sua vibração, sem necessidade de tensão, como, por exemplo, xilofanes, reco-reco, caxixi, ganzá, agogô, triângulo, sino, maracas, xequerê etc.

Como toda criação parte de referenciais já conhecidos, a violata é parente próximo do violino e da rabeca. Só que no lugar de uma caixa de ressonância de madeira está uma lata e, em vez de tocar com arco feito com fio de crina de cavalo, toca-se com arco de bambu feito com vários fios de nylon de 0,3 mm esticados.

A dupla de amigos, que trabalha junta há 20 anos inventando instrumentos, tem dois CDs gravados com som experimental afro-tribal brasileiro (uma mistura de sons tribais africanos e indígenas), feitos com 70% de instrumentos musicais alternativos e 30% de instrumentos convencionais, tocados em conjunto com a banda Ha-Ono-Beko, que em dialeto africano significa “siga o Sol e vá em frente”.

Embora os dois sejam formados pela Escola de Música de Brasília, no que se refere à construção de instrumentos são autodidatas, o que significa dizer que brincam e descobrem sons por conta própria. Claro, sempre tendo como referências músicos que admiram, como Hermeto Pascoal, Naná Vasconcelos, grupo Uakti, Anton Walter Smetak e Famoudou Konate.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Começando pelas referências musicais da dupla, podemos compartilhar com as crianças vídeos de músicos que inventam instrumentos e sons, como os de Hermeto Pascoal, grande inventor e brincante musical, que tira som até mesmo de chaleira! Há, inclusive, um livro destinado ao público infantil, que conta sua história e ensina a fazer alguns instrumentos musicais. Trata-se de *O menino Sinhô - vida e música de Hermeto Pascoal para crianças*, São Paulo: Ática, 2007. Compartilhar o patrimônio musical de nosso país e de outros contribui para que as crianças tenham uma riqueza de repertório musical que as instigue em suas invenções sonoras.

Podemos continuar a pesquisa procurando também por livros em universidades ou espaços dedicados à música, para encontrar boas referências de pesquisa, como é o caso do livro *A música dos instrumentos - das flautas de osso da pré-história às guitarras elétricas*, São Paulo: Melhoramentos, 1994.

Outra possibilidade que pode ajudar as crianças a inventar seus brinquedos musicais é convidar músicos, e mesmo estudantes de música, para compartilhar suas experiências criativas com som.

Kaju, por exemplo, quando criança, gostava de tirar sons de instrumentos não convencionais, como tampas de panela e, ainda, aventurar-se em suas primeiras criações sonoras, como o reco-reco de bambu, que fez quando tinha 7 anos e o guarda até hoje. Já o Junai estudou numa escola que tinha banda marcial, na qual os instrumentos eram emprestados aos alunos. Quando saiu dela, ficou sem seu instrumento e a partir daí começou a transformar resíduo urbano em instrumento musical.

Tais experiências podem nos instigar a criar, com as crianças, uma banda alternativa com instrumentos idiofônicos e mesmo ensiná-las a construir seus próprios brinquedos sonoros.





PIÃO GIGANTE À MANIVELA

Dim (Antônio Jader Pereira dos Santos) | CE

Para mais informações do autor, ver pp. 189.

“Brinquedim, brinquetu, brincamos nós!”¹

Dim faz uma diversidade de brinquedos: João-teimoso, rói-rói, trapezista de brinquedos de empurrar, de entrar, de tocar e seus incríveis brinquedos de manivela, que fazem carrosséis girar, casais dançarem, piões rodarem etc.

E, por falar em piões, Dim inventou não só uma caixa de piões à manivela, como também um pião gigante de 80 centímetros, que pesa quatro quilos e meio, confeccionado em isopor, tecido, madeira e resina acrílica, e... o melhor de tudo: ele roda!

Dim confecciona piões desde criança, quando começou a fazê-los atendendo a pedidos de amigos, embora nunca tenha aprendido a rodá-los. Lembra que a primeira vez que tentou acabou acertando o pião na testa, desmotivando-o a novas tentativas, o que não o impediu de encontrar formas criativas de brincar com o pião e fazê-lo rodopiar, mesmo que movido à manivela.

O interesse por fazer brinquedos movidos por manivela tem sua origem num carrinho de algodão-doce, da infância. Conta ele que desde criança estuda mecanismos e um, em particular, que o encantava: uma espécie de maqui-ninha à manivela do carrinho de algodão-doce. Tamanha era sua curiosidade que acabou desvendando o mistério daquele mecanismo que fazia nuvens de açúcar e o adaptou para seus brinquedos terem um gosto de quero-mais, como o doce desejado da infância.

Para compartilhar 40 anos de criação de brinquedos, Dim criou o Museu Brinquedim (www.museubrinquedim.org.br), com cerca de 500 peças, situado em um sítio em Pindoretama, Ceará.

¹ Título de uma animação com brinquedos do artista plástico de Camocim – CE, Antônio Jader Pereira dos Santos (Dim). BRINQUEDIM, brinquetu, brincamos nós! Direção: Rui Ferreira. Ceará: Instituto Brinquedim, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aeGWBetccJU>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Para Dim, o brinquedo é o resultado da brincadeira:

Tudo o que eu faço é resultado de minha brincadeira, do que brinquei, do que brinco. O brinquedo é o que inventamos. Durante minha infância inteira, brinquei com cavalo de pau, que, na minha fantasia e na de outros amigos, se transformava de fato em cavalo! E não há melhor brinquedo para uma criança do que outras crianças. Quando se juntam duas ou mais, num instante o brinquedo surge, sempre estão a inventar. O brinquedo é só um pretexto para estar junto, compartilhar.

Seguindo as reflexões de Dim, só nos resta brincar mais com as crianças, aprender com elas a avivar a fantasia, a curiosidade, as descobertas do mundo. E retornar ao simples, para que se possa, junto com a meninada, criar com caixas de papelão, retalhos de madeira, pedrinhas, terra, água, panos e tantos outros materiais, pretextos para partilhar uma vida mais inventiva.





ENGENHOCA DE MANIVELA

Alberto Bernardo (Carlos Alberto Bernardo de Souza) | CE

A vivência no interior do Ceará, num cotidiano artesanal em que os adultos confeccionavam e preparavam seus utensílios e as crianças, seus brinquedos, trouxe um aprendizado inestimável a Alberto Bernardo, que desde pequeno fazia carros de lata, piões, cavalos de pau, arraias, formando suas mãos a brincar de habilidades e sua imaginação a voar alto.

Tanto que o menino não pôde mais parar de criar e hoje coleciona um vasto repertório de brinquedos para imaginar, em sua maioria, peças interativas e brinquedos autômatos, engenhocas que dão movimento de seres vivos a corpos inanimados, como é o caso dos brinquedos que se movem ao se girarem manivelas (capoeiristas, forrozeiros, dançarinos etc.) e, ainda, muitos brinquedos de mão, como ele próprio chama os brinquedos de empurrar (Pássaro Bate-Bate, Cavalo Alado, Helicóptero, Monociclista e outros que podem ser vistos no site www.albertobernardo.com.br).

Essa experiência infantil, aliada também a estar numa cidade rica em brinquedos artesanais, com representantes como Dim, Gandhy Piorski e Mestre Zezito, o ajudou a aperfeiçoar sua técnica e a encontrar um caminho autoral. Soma-se a estas condições favoráveis a sua curiosidade, que vem sendo alimentada desde cedo, tanto pelo que vem de fora, como pela vontade interna de encontrar vazão de conhecer o mundo. Exemplo disso ele mesmo nos conta, ao dizer que foi atraído pela mecânica do movimento dos brinquedos quando, ainda garoto, encantou-se com uma caixinha de bonecos russos de corda, e a partir daí aprimorou a profissão de desvendar segredos lúdicos.

Este tipo de brinquedo que se movimenta pelo acionamento de uma engrenagem tem seu espaço no Brasil graças a artesãos que brincam com os mecanismos de tais engenhocas, como o fez tão ricamente mestre Molina, representante nacional importante dessas geringonças. Entretanto, os primórdios deste tipo

de brinquedo têm suas raízes na Europa; afloraram no Iluminismo, no século XVII, com a arte da relojoaria aperfeiçoada, criando escola de inventores de autômatos que, inclusive, contribuíram para a Revolução Industrial, sendo precursores de grande parte da tecnologia atual.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

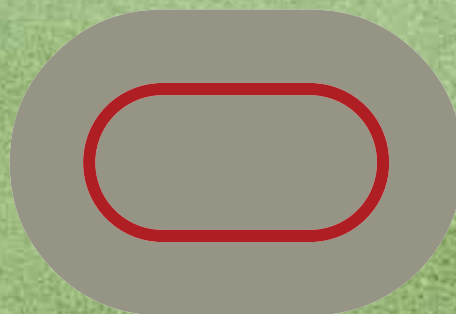
Vale a pena conhecer, com as crianças, a história de alguns destes artistas e artesãos de brinquedos autômatos no Brasil e no mundo, recuperando, inclusive, a história dos brinquedos. É interessante compartilhar a existência de um museu dedicado a este tipo de brinquedo – o museu de brinquedos autômatos de Barcelona (Museu de Joguets i Autòmats de Verdú) –, que pode ser visitado no site www.mjoguets.com

Além de brincar e conhecer de perto brinquedos artesanais como os de Alberto Bernardo, vale conhecer sua origem e mesmo vê-los funcionando em vídeos na internet; basta pesquisar pela palavra-chave “brinquedos autômatos” para encontrar uma diversidade deles em funcionamento.

Fica aqui a sugestão de alguns nomes importantes nesta linha de brinquedos autômatos que fizeram história no mundo: Jacques de Vaucanson, Pierre Jacques-Droz, Jean Frederic Leschot, Roullet-Decamps, Leopold Lambert, Blaise Bontems, Friedrich Von Knauss, o barão Von Kempelen, Pierre e Henri Louis Jaquet-Droz, o abade Mical e Kintzing, Early Théroude, Jean Marie Phalibois.

E, quem sabe, a partir da pesquisa, as crianças não possam realizar em parceria com artesãos ou estudantes de Arquitetura e Engenharia alguns projetos de invenções de pequenas engenhocas?





**PÁSSARO BATE-BATE,
CAVALO ALADO,
HELICÓPTERO E
MONOCICLISTA**
Dim (Antônio Jader
Pereira dos Santos) | CE

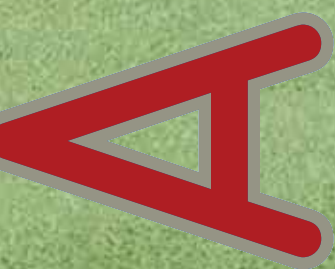
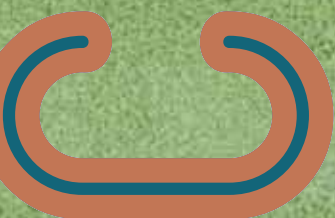
JACARÉ
Mestre Miro
(Ermirio José da Silva) | PE

**JACARÉ E BORBOLETA
DE EMPURRAR**
João Luiz de Souza Silva | SE

PÁSSARO BATE-BATE
Paulo Socha | MA

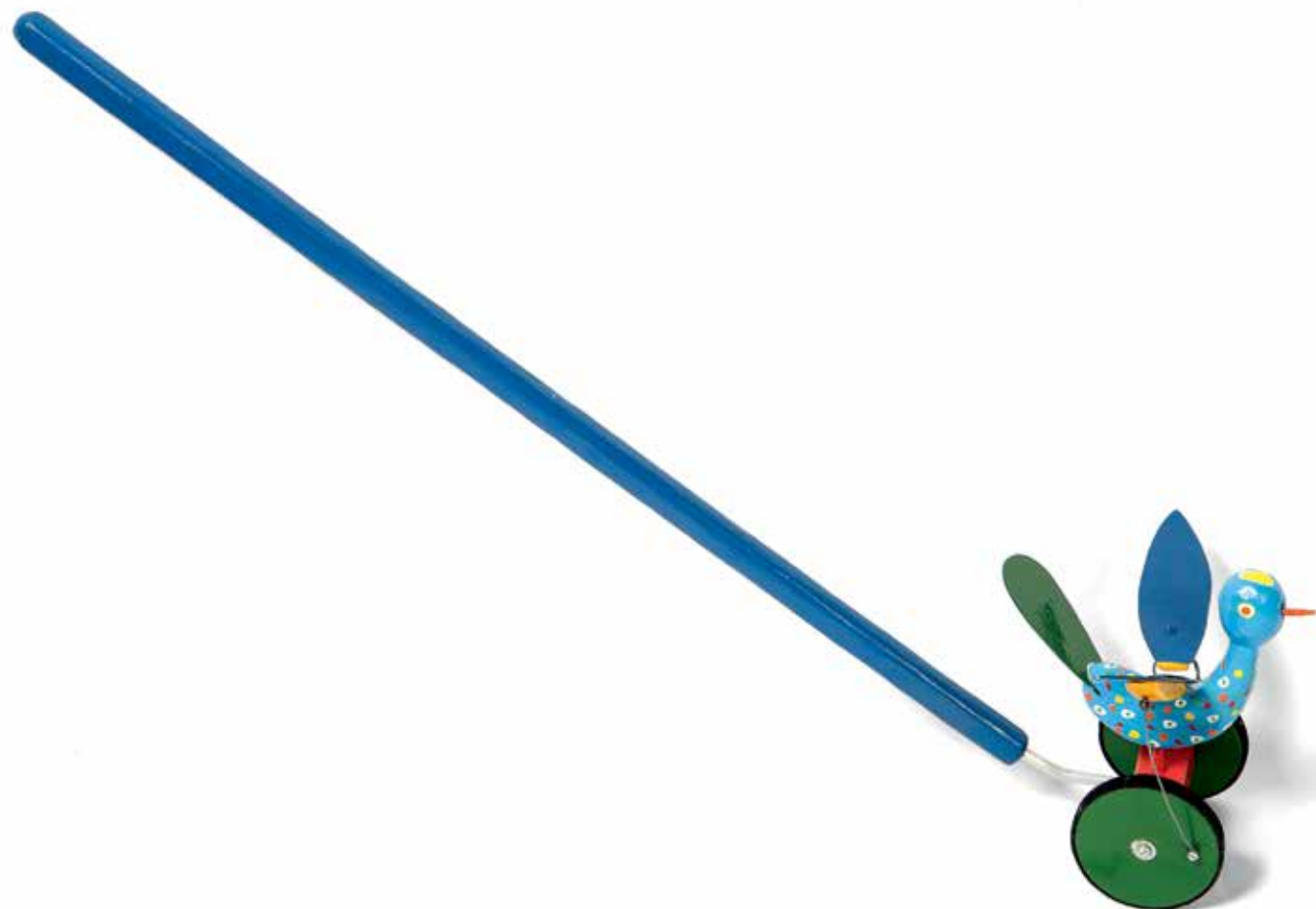
**ENGENHOCA
DE EMPURRAR**
Carlos Antonio Alves | MG



A large, stylized orange letter 'S' with a thick outline, positioned on the left side of the page against a green textured background.A large, stylized red letter 'A' with a thick outline and a grey shadow, positioned on the left side of the page against a green textured background.A large, stylized orange letter 'C' with a thick outline and a blue shadow, positioned on the left side of the page against a green textured background.

ENGENHOCAS DE EMPURRAR

O que será que Zé Matutos, cavalos alados, pássaros, helicópteros, borboletas e jacarés têm em comum? Ora! Todos gostam de ser levados a passear! Vamos dar um empurrãozinho para esta brincadeira virar realidade também nas escolas?



PÁSSARO BATE-BATE, CAVALO ALADO, HELICÓPTERO E MONOCICLISTA

Dim (Antônio Jader Pereira dos Santos) | CE

Para mais informações do autor, ver pp. 179.

Interagir com brinquedos que têm uma sensibilidade estética e visão poética do mundo, como o monociclista, o cavalo alado e o pássaro bate-bate, é brincar com os sentidos, enriquecer a sensibilidade. E o melhor de tudo é convidar a própria alma brincante a animar-se. Lembrando que a palavra “ânimo” vem de *anima*, que significa alma. Brincar é, de certa forma, dar alma a coisas inanimadas. É, portanto, colocar sua própria *anima* em movimento!

E não é preciso ser criança para dar alma aos brinquedos; quem se dispõe a entrar no jogo, brinca de dar vida às coisas, dar sentido, usufruir da brincadeira. O brincante Dim não só faz seus brinquedos, mas, sobretudo, brinca com eles. Diz ele:

Brinco de fazer brinquedos há 40 anos. A brincadeira sempre foi minha inspiração, porque na verdade nunca deixei de brincar, sou ainda um menino que tudo observa com admiração, aí eu canalizo este brincar e observar em meu trabalho, e a brincadeira da vida se estende nele. O mais sério da vida para mim é o brincar, levar a vida a sério é considerar seriamente que o objetivo maior da vida é a felicidade.¹

¹ SANTOS, A. J. P. dos. Museu Brinquedim. Ceará, [20--?]. Disponível em: <<http://www.museubrinquedim.org.br/biografia.html>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Por que não considerar na escola a felicidade como importante indicador de aprendizado, como Dim nos inspira a rever nossos objetivos didáticos? Afinal, não só ele pensa assim, há até mesmo um país que se baseia nesta premissa de Dim: o Butão. Nele foi desenvolvido um indicador sistêmico: o FIB (Felicidade Interna Bruta), partindo da premissa de que a riqueza da comunidade ou nação deve considerar aspectos além do desenvolvimento econômico. Este conceito de desenvolvimento social criado em contrapartida ao Produto Interno Bruto (PIB) busca uma harmonia e integração do desenvolvimento material com o psicológico, o cultural e o espiritual.

Que tal criarmos o LIB (Ludicidade Interna Bruta) e nos inspirarmos no próprio indicador do Butão (felicidadeinternabruta.org.br) para levantarmos critérios de como anda o brincar na educação? Como podemos considerar o brincar como indicador de bem-estar e desenvolvimento infantil? Para tal desafio da equipe educativa seria interessante consultar a publicação: *Indicadores da Qualidade na Educação Infantil* – Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica – Brasília, 2009. Disponível no site: portal.mec.gov.br/dmdocuments/indic_qualit_educ_infantil.pdf





JACARÉ

Mestre Miro (Ermirio José da Silva) | PE

Para mais informações do autor, ver pp. 83 e 167.

O artesão ganhou o título de Mestre Miro pela inventividade com que faz seus brinquedos que agradam crianças e adultos aficionados por essas criações. Dentre estes, muitos colecionadores de brinquedos do Brasil, como David Glat e Roberto Avritchir, que provavelmente têm mais peças suas do que os poucos museus de brinquedos espalhados pelo país.

Em 2011, Miro participou, em Pernambuco, da XII Fenearte, uma das maiores feiras de artesanato do Brasil, tendo sido artesão homenageado naquele ano com um estande repleto de elaborados brinquedos, dignos de estarem em qualquer museu de brinquedos do mundo.

Os brinquedos deste artesão têm viajado bastante por este país afora. É comum vê-los espalhados em muitas lojas de brinquedos artesanais ou então em casas de artesanato brasileiro. Quem conhece suas peças saberá reconhecer um brinquedo de sua autoria, sinal que suas criações têm um estilo próprio, de quem leva uma vida dedicada a fazer o que gosta.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Já que temos pouquíssimas iniciativas de museus de brinquedos no Brasil, uma forma de valorizar esta cultura é criar minimuseus na própria escola. As peças podem ser adquiridas sempre em mais de um exemplar para que as crianças possam brincar e algumas podem fazer parte do acervo a fim de serem expostas em ambientes da escola que permitam maior visibilidade. Podem-se fazer armários expositores ou prateleiras protegidas para guardar estes tesouros. E junto com o acervo ter um caderno ou fichário com o contato dos artesãos para compartilhar com a comunidade educativa um jeito de valorizar o brinquedo artesanal brasileiro. Os pais podem ter mais opções de escolha para presentear seus filhos com boas alternativas ao brinquedo industrializado. O acervo também poderia ser fonte de inspiração para pais e educadores criarem brinquedos artesanais a partir da observação da diversidade de soluções interessantes que cada arteção dá para suas criações.

Vale consultar algumas boas iniciativas de museus do brinquedo no Brasil; dentre elas está um museu de bonecas que contém a maior coleção da América Latina:

- museudasbonecas.com.br
(Museus das Bonecas e do Brinquedo – Cuiabá, MT)
- museudosbrinquedos.org.br
(Museu dos Brinquedos – Belo Horizonte, MG)
- museodobrinquedodailhadesc.blogspot.com.br
(Museu do Brinquedo da Ilha de Santa Catarina – SC)
- museodobrinquedopopular.com.br/contato.asp
- meb.fe.usp.br

E para incrementar a pesquisa sobre o brincar, há disponível online a Biblioteca Internacional do Lúdico (versila.com/ludilib).





JACARÉ E BORBOLETA DE EMPURRAR

João Luiz de Souza Silva | SE

João Luiz de Souza Silva é pedagogo, artesão e pesquisador de jogos e brinquedos artesanais em madeira. Usa seu acervo para a divulgação da cultura lúdica.

Artesão há mais de 20 anos, teve uma encomenda específica para escola e se encantou com o mundo dos brinquedos. Foi por conta do brinquedo que fez Pedagogia há 6 anos. Hoje faz recreação em escolas e constrói jogos para instituições educativas e de lazer, com um repertório de mais de 70 modelos.

No Brasil e no mundo todo, há curiosos brinquedos de empurrar, com cabos de madeira, roda e alguma simples e genial engenhoca que faz com que o brinquedo produza movimento quando acionado pela força mecânica da criança que o empurra. São pássaros, borboletas e outros animais voadores que batem asas. Também jacarés que abrem e fecham a boca ao serem empurrados, ciclistas que pedalam e carrosséis que giram, dando oportunidade para que as crianças que ensaiam os primeiros passos brinquem de fazer andar e movimentar com uma infinidade de engenhocas divertidas feitas por João Luiz e também por muitos outros artesãos de brinquedos brasileiros, como Dim, Mestre Saúba e Miro.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Brinquedos de empurrar são muito especiais para se ter como acervo lúdico da primeira infância, principalmente para que crianças que aprenderam a andar possam se movimentar cada vez mais de forma ágil. Brinquedos que instigam o movimento dos pequenos e novas possibilidades como correr, guiar outros brinquedos e divertir-se com as novas conquistas de equilíbrio e coordenação são mais do que bem-vindos.

Tais brinquedos se prestam, antes de tudo, ao encantamento que geram ao serem manipulados pelas crianças. Elas observam curiosas os mecanismos das engenhocas que os fazem funcionar e que envolvem destreza para deslocar-se no espaço por meio da possibilidade de andar, correr, desviar.

Vale ter na escola uma coleção dessas preciosidades que temos no Brasil e também procurar ver com os familiares das crianças se conhecem novos brinquedos de empurrar e se sabem confeccioná-los para elas. Em enquetes como essa, podemos descobrir divertidas engenhocas feitas com sobras de caixa de madeira de frutas, cabos de vassoura, rodos, rodas de carrinhos de bebês que perderam a utilidade ou de algum brinquedo quebrado.

E para os pais que não fazem brinquedos como esses vale essa socialização, a fim de que estejam atentos às qualidades daqueles feitos para empurrar quando levarem os filhos a parques infantis, feiras de artesanato e lojas de brinquedos artesanais. Do mesmo jeito que algumas escolas sugerem bons livros de leitura, por que não sugerir também bons brinquedos para o desenvolvimento e a experiência sensível com o mundo?





PÁSSARO BATE-BATE

Paulo Socha | MA

Para mais informações do autor, ver pp. 17 e 163.

Paulo Socha, catarinense radicado no Maranhão, tem a brincadeira no gene. Segundo sua definição, seu avô era “inventor e fazia coisas muito loucas, às vezes quando não dava certo uma invenção, voavam coisas pela janela. Seu perfeccionismo alemão fazia seu humor esquentar em busca da resolução das engenharias que bolava”. Já seu pai tinha uma marcenaria que habitava um arsenal maravilhoso de todas as ferramentas de mestre inventor. Chegou até a construir um carro de madeira, uma espécie de jipe em tamanho natural que acoplou motor e rodava pela cidade. Paulo Socha sempre teve um trânsito livre pelos espaços de criação adulta. Seu avô e pai compartilhavam o ambiente de trabalho com o menino inventor que desde cedo aprendeu o ofício dos dois.

Neste meio fértil em conhecimento, ferramentas, materiais e adultos disponíveis em compartilhar seus afazeres e brincadeiras é que o menino Paulo vive sua infância de plena invencionice: confeccionando brinquedos, engenhocas e até mesmo instrumento musical. Com 10 anos fez um violão no qual aprendeu a tocar. Até hoje confecciona instrumentos musicais, como Kalimba e inusitados instrumentos de sopro e corda.

Foi ainda na marcenaria de seu pai que, além de gostar de brincar de olhar atentamente os objetos para ver no que eles iriam se transformar, descobriu o gosto também pela fotografia aos 15 anos. Deixaram uma câmera fotográfica empenhada pela troca de um trabalho que transformou a vida de Paulo; da brincadeira de olhar nasceu também a profissão de fotógrafo. Seu trabalho correu exposições no Brasil e na Europa.

Na década de 1970, mudou-se para São Luís – MA, onde até hoje faz seu trabalho como fotógrafo e construtor de brinquedos e instrumentos musicais.

No contexto em que viveu, criar tornou-se algo natural em sua vida. Sua escola estava no cotidiano de sua casa.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Inspirados no ambiente altamente propício à criação da vida familiar de Paulo, por que não aproximar mais a família e a escola no sentido de conviver em um espaço do brincar criativo, no qual adultos e crianças compartilham seu fazer? Por que não fazer oficinas de criação frequentes para que o fortalecimento do vínculo familiar via construção de brinquedos e o compartilhamento de brincadeiras possam ser um dos pilares da escola?

Com a invenção da indústria de brinquedos, cada vez mais as famílias vêm perdendo o conhecimento de fazer brinquedos, às vezes até de um trivial papagaio ou pipa. Por isso, torna-se ainda mais relevante o papel da escola em compartilhar a construção de brinquedos não só com as crianças mas também com os adultos.





ENGENHOCAS DE EMPURRAR

Carlos Antonio Alves | MG

Para mais informações do autor, ver pp. 141.

Criar brinquedos não é apenas um sonho de criança. Muitos adultos são animados a criar brinquedos seja para comercializá-los, presenteá-los ou mesmo como satisfação pessoal.

Carlos Antonio, embora tenha outra profissão, é um apaixonado pelo antigo ofício de criar brinquedos. Renovado a cada nova criação e generoso que é, muitas vezes doa parte do que faz para a escola pública, em Uberlândia, onde mora. O retorno de seu trabalho está no uso animado de cada criança e no próprio sonho de seguir criando.

Conhecer o mecanismo de engenhocas como estas, usando sistema de engrenagem simples para movimentação de seus brinquedos, é mais do que brincar, é conhecer os processos de transformação dos objetos que estão no mundo, é aprender que as coisas não nascem prontas – é antes de tudo, fruto de desejos da alma humana, brincante por natureza.

Carlos Antonio, tal como o Gepeto da história do Pinóquio, está sempre a imaginar o que retalhos de madeira podem virar, no que um simples toco de árvore sonha ser.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

E como será que andam os sonhos de construção de brinquedos nas escolas do Brasil? Temos, no planejamento, uma organização para tanto, selecionando, para começar, um sucatório onde guardar matéria-prima para a criação? Buscamos ter um acervo de livros e hemeroteca que ensinem a fazer brinquedos? Temos uma listagem com os contatos de artesãos da cidade, que poderiam ser convidados a visitar a escola ou outros informantes da cultura lúdica? E como está nosso acervo de brinquedos artesanais, que inspirem outras criações? Tudo isso, se já não estiver previsto no planejamento do brincar na escola, poderá rapidamente ser organizado, a fim de que o sonho de se fazer brinquedos possa conviver num mundo em que cada vez mais temos brinquedos prontos e menos se conhecem os processos usados em sua construção.

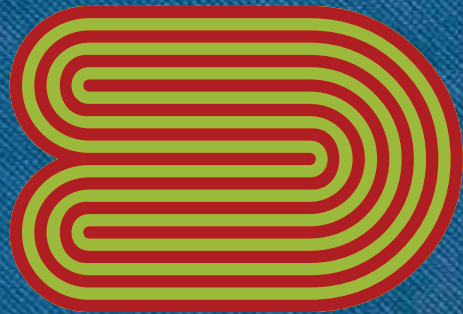


O caleidoscópio, brinquedo das imagens infinitas, traduz um pouco a ideia da brincadeira como encontro de possibilidades.

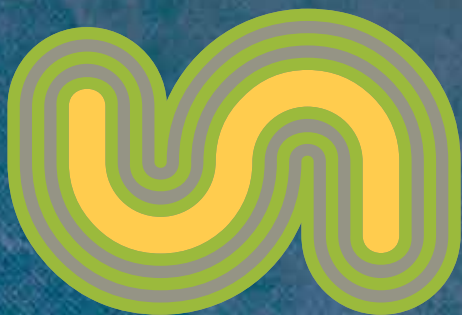
Girar o caleidoscópio e surpreender-se com a continuidade do movimento de rotação, com suas múltiplas visões de cores e formas, tem tudo a ver com o olhar atento das crianças: olhar grávido de harmonia e de qualidade estética.

Vamos, então, brincar de dança do olhar? Quer dizer: de olhar o mundo na ótica do caleidoscópio ou, melhor dizendo, na lógica brincalhona das crianças, para a qual a vida é uma constante transformação e possibilidade de encontro?

CALEIDOSCÓPIO ACQUA,
LINEA, POP STAR, POP
BOX, POP ACQUA,
TETRIS E ALEGRIA
Heidi Xavier | PR



BRINQUEDOS
PARA VER O BELO





CALEIDOSCÓPIO ACQUA, LINEA, POP STAR, POP BOX, POP ACQUA, TETRIS E ALEGRIA

Heidi Xavier | PR

Heidi Xavier divide seu trabalho entre dar aulas de história e fazer caleidoscópios que aprendeu com seu pai, quando era criança. Hoje, encanta muitas pessoas que passam, aos domingos, pela feirinha do Largo da Ordem, em Curitiba. Tem admiração por este brinquedo óptico, porque forma infinitas imagens que nunca se repetem.

Mesmo que alguém pudesse viver milhões de anos, ainda assim não conseguiria visualizar todas as combinações de formas e cores que um caleidoscópio é capaz de proporcionar. Seu nome vem das seguintes palavras gregas: *kalos* (bonito), *eidos* (forma ou imagem) e *scopeo* (ver). Pode ser traduzido como visualizador de belas imagens, ou instrumento para ver o belo. Esse nome poético foi batizado pelo inglês David Brewster, que patenteou essa invenção em 1816.

Há inúmeras formas de fazer caleidoscópio hoje em dia, até mesmo aqueles dentro dos quais podemos entrar. Só a Heidi faz oito tipos de caleidoscópio:

- › Linea: desenhos geométricos em preto e branco.
- › Pop Star: tradicional, com belas cores enriquecidas com metais e rendas.
- › Acqua Pop: tradicional, com cores que se movem suavemente em líquido.
- › Acqua: cores vibrantes, em líquido, dentro de um tubo, formando lindas mandalas.
- › Tetris: formas verticais e horizontais se alternam, formando belos barrados.
- › Alegria: bolinhas multicoloridas formam desenhos, subindo em líquido.
- › Pop Box: efeitos coloridos com peças em caixa de acrílico.

E assim, cada um vai acrescentando novas invenções para este instrumento que já tem quase 200 anos! A própria Heidi continua ampliando sua coleção de formas de construir caleidoscópios e, atualmente, está estudando um novo tipo – o caleidoscópio-mandala.

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Quem quiser conhecer melhor como Heidi Xavier prepara seus caleidoscópios poderá consultar o vídeo *Artesão da Alegria: o antigo ofício de criar brinquedos*, do grupo Malasartes, que pode ser acessado pelo link [youtube.com/watch?v=f0N5JmES3tQ](https://www.youtube.com/watch?v=f0N5JmES3tQ).

Nele, ela ensina como fazer caleidoscópios, mas há muitas outras maneiras de construí-los, usando, por exemplo, régua translúcida no lugar de espelhos, lâminas espelhadas de plástico ou de CDs. Na internet, encontramos vários vídeos que ensinam formas caseiras de construir este brinquedo óptico.





Para fazer um caleidoscópio, precisamos basicamente de três espelhos planos com a mesma dimensão, por exemplo, 20 cm × 3 cm. Com a ajuda de uma fita adesiva, unimos os espelhos, formando um triângulo equilátero com a superfície espelhada voltada para dentro. Só com esta operação já poderemos olhar o mundo através destes espelhos e ver o princípio da repetição das imagens.

Entretanto, para completar o brinquedo, é preciso, ainda, acrescentar algumas formas e cores e o corpo externo do caleidoscópio, que pode ser feito utilizando um tubo circular ou triangular com duas aberturas; numa delas fazemos um visor para ver as imagens; e na outra, colocamos formas coloridas, de modo que não caiam para o interior do triângulo dos espelhos ou para suas laterais. Fechamos o fundo do tubo com um anteparo translúcido que permita entrada de luz, mas não completamente, pois sem luz não vemos nenhuma imagem.

Podemos convidar as crianças a buscarem cores e formas diferentes para compor seus caleidoscópios: miçangas, cortes minúsculos de garrafa PET colorida, celofane, fios de arame etc. Tal como a Heidi, podem dar nomes para suas criações.

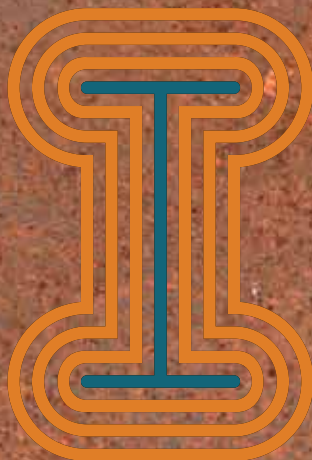
E por que não convidá-las também a fazer uma arte caleidoscópica, desenhando e fotografando as imagens criadas por seus respectivos caleidoscópios? Afinal, desde a invenção desse artefato óptico, há inúmeros artistas, estampadores de tecidos, bordadeiras, decoradores que usam essa fonte de inspiração para seus trabalhos, como é o caso de M.C. Escher, com sua obra *Caleidociclos*.

**CARRO DE LATA DE ÓLEO E
DE SARDINHA COM RODA
DE CHINELO HAVAIANA**

Ricardo Silva (Demestre
da Silva Bezerra) | AC

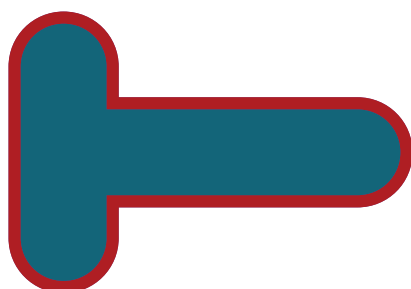
**CARRO DE BOI E BONECOS DE
SABUGO DE MILHO, CARRO DE BOI DE
MADEIRA E CARRINHOS DE SUCATA**

Divino Jesus Moreira de Pinho | GO





ANTIGAMENTE BRINCAVA-SE ASSIM, HOJE TAMBÉM!



A escola é também um espaço de conhecimento da cultura lúdica da humanidade e da possibilidade de vivenciar toda a emoção à flor da pele das brincadeiras de agora e outrora. Espaço para criar diversão, sem deixar cair no esquecimento brincadeiras, brinquedos e jogos que fizeram parte da vida de nossos antepassados. Sendo assim, o antigamente se transforma em agora! Que tal brincar também à moda antiga?



CARRINHO DE LATA DE ÓLEO E DE SARDINHA COM RODA DE CHINELO HAVAIANA

Ricardo Silva (Demestre Silva Bezerra) | AC

Nas mãos de crianças e adultos que não se distanciaram de sua natureza primeira, como é o caso de Demestre, toda sobra do mundo vira um prato saboroso para alma brincante. E não é que resto de lata de óleo e de sardinha destinadas ao lixo e ainda chinelo velho podem virar um engenhoso carrinho para andar por muitas estradas?

Quando não havia lojas de brinquedos, era muito comum estes improvisos lúdicos maravilhosos que juntam latas com chinelo para formar automóveis. Eixo, carroceria e rodas são montadas com o que se acha pelo caminho e o combustível para andar é o que se tem de sobra no mundo infantil. O que não falta para as crianças é sobra de energia para colocar muita coisa em movimento!

POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

As crianças que têm a possibilidade de estar mais em contato com a natureza acabam aproveitando a matéria-prima oferecida para a incorporarem na brincadeira, buscando refugos e sobras para construir seus brinquedos. Na escola temos que ter uma atenção especial para oferecer materiais menos estruturados, como sucatas e elementos da natureza, a fim de que as crianças tenham oportunidade de realizar seus improvisos lúdicos. Assim, quem sabe não possamos ser coautores na construção de infinitas rodovias pelas quais a infância transita!



CARRO DE BOI E BONECOS DE SABUGO DE MILHO, CARRO DE BOI DE MADEIRA E CARRINHOS DE SUCATA

Divino Jesus Moreira de Pinho | GO

O carro de boi confeccionado com sabugo de milho e carregado com pedaços de madeira era um dos brinquedos preferidos do Sr. Divino Jesus Moreira quando criança, na década de 1950. A sabedoria de tirar brinquedos da natureza, “coisa vivida e inventada”, como diz, era algo corriqueiro na vida deste artesão que aprendeu cedo a escolher a natureza certa para cada brinquedo: a melhor textura de sabugo para as rodas de seus carrinhos, as frutas que mais se pareciam com determinados animais e assim por diante. Frutas do terreno, como coco de bacuri, manga, abacate e goiaba viravam bois, porcos, vacas, brincando com a imaginação do menino inventor de brinquedos.

A roça, na cidade de Avelinópolis, Goiás, foi o grande acervo de possibilidades para o menino Divino. Na época de suas boas brincadeiras, o meio de transporte comum era o carro de boi que seu pai usava para arar o terreno e para transportar carga pesada na fazenda. Claro que, em vez de brincar com miniaturas de automóveis ou caminhões, Divino Jesus brincava com carrinho de boi que construía com material que encontrasse: sabugo de milho seco, gravetos e barbante.

Também aprendeu com seu avô carpinteiro a fazer carrinhos de boi e mesmo a esculpir bois com madeira de bálsamo, cheirosa e boa para a confecção desses brinquedos. Diz ele que é preciso conhecer a ciência deles para fazê-los com precisão. E isso aprendeu na faculdade da vida.

Na convivência com a natureza, o Sr. Divino, que hoje trabalha com madeira, aprendeu que existe tempo certo para cortá-la: horário e lua. É na lua minguante que se tira madeira de qualidade, época em que “a Lua força tudo a ficar minguado”. A água da madeira e também os bichinhos que nela possam existir ficam minguados e assim evitam-se madeiras com carunchos ou que rachem ou entortem com facilidade. Quanto ao horário, é pela tarde, entre 13 e 16 horas, que se consegue obter o melhor corte de madeira na mata fechada, pois, desidratada, tem menos água quando é cortada.

Essa sabedoria ele aprendeu por acompanhar os adultos em seus afazeres, no caso, o seu avô, que o ensinou a fazer carro de boi e bois esculpidos de madeira de bálsamo, que faz até hoje. Entretanto, no que diz respeito aos brinquedos que criava de improviso, todo tempo é tempo de brincar, tanto faz: qualquer hora é hora de brincar – encontrou o material, brincou! Não encontrou, é substituído por outro!

Hoje, o Sr. Divino mora em Goiânia e trabalha realizando oficinas de reaproveitamento de madeiras com crianças e adultos. Entre outras coisas, ensina a fazer carro de boi confeccionado com madeira reaproveitada no lugar de madeira de bálsamo e sabugo. Mas vez ou outra ainda gosta de fazê-los à moda antiga e tem o maior prazer de poder ensinar às crianças da era do videogame as raízes das brincadeiras vindas da terra; sobretudo, sonha em ter uma escola na qual ensinasse a construir os brinquedos artesanais que fizeram tanto sentido para a sua vida, compartilhando as muitas histórias desses brinquedos.





POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

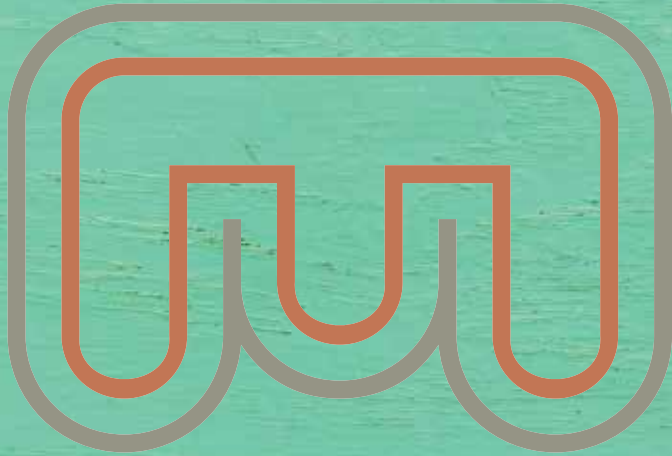
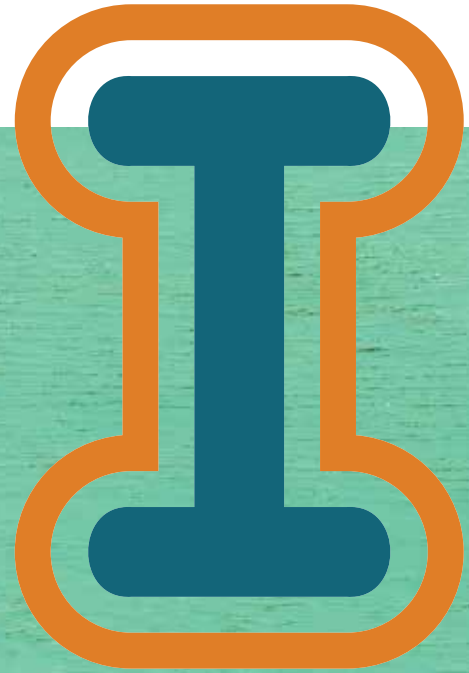
Diante da história de vida e de tantos ensinamentos do Sr. Divino Moreira, só nos resta, na escola, ter a sabedoria e a sensibilidade de encontrar, na comunidade, quais são os informantes da cultura lúdica de outrora, que possam ensinar a simplicidade de brinquedos tão raros e ainda tão essenciais para as crianças de hoje e de sempre. Afinal, é um presente para a imaginação compartilhar as histórias dos brinquedos e de vida de onde eles surgem. Assim como a história da orquestra para acalmar boi, o som ancestral de todos os carros de boi, que inspirava a construir carros de boi cantantes de brinquedo. Vejamos um pouco dessa história, pelo relato do Sr. Divino:

Uma coisa importante ao fazer um carro de boi é ele poder fazer barulho; afinal, os carros de boi tradicionais têm um som inconfundível, à medida que se movimentam a uma toada de 4 a 10 km por hora: iooooooooo uommm ioooooo... O barulho que o carro de boi faz ao andar é muito importante.

Quando criança, ouvia esse som como se fosse uma orquestra; meu pai e avô contavam que o som contínuo servia para acalmar os bois, que se esqueciam do cansaço. Quanto mais bonito cantasse o carro, melhor o desempenho dos bois. Assim, era importante que o eixo em atrito com a mesa do carro de boi cantasse. Quando aprendi a fazer carro de boi de madeira, também colocava um som nele; não era igual, porque o tamanho era muito diferente de um de verdade, mas fazia questão de colocar no meu brinquedo um ruído que imitasse e que cantasse também, à sua maneira.

Eu sempre fui muito curioso e perguntava: por que todo carro canta? Foi aí que aprendi que a origem do barulho era outra: o carro de boi canta para se saber se ele está em movimento ou não. Em tempos antigos, servia para os senhores de engenho controlarem de longe se seus escravos estavam trabalhando. Enquanto ouviam o som de seu carro de boi, sabiam que o solo estava sendo arado. Era um modo de o patrão reconhecer se o empregado trabalhava.

PIÕES DO BRASIL





PIÕES DO BRASIL

Autores de vários estados do Brasil

A energia das mãos da criança usada para colocar o pião em movimento faz um mundo dançarino rodopiante acordar. Aos seus olhos, o movimento de rotação da Terra se traduz no giro do brinquedo. Por isso é tão encantador, por isso, por anos a fio, o convite ao movimento dos piões de cabaça, sucata, plástico, semente, marfim, que continuam a rodar incansavelmente nas mais variadas culturas. Não vamos quebrar esta tradição, não é? Vamos colocar muitos piões na roda para dar continuidade ao movimento harmônico inventado pela humanidade!

Para andar lhe pus a capa
E tirei-lhe para andar,
Que ele sem capa não anda,
Nem com ela pode andar,
Com capa não dança,
Sem capa não pode dançar;
Para dançar se bota a capa,
Tira-se a capa para dançar.¹

A adivinha de Teófilo Braga brinca com a metáfora do cordão como sendo a alma que dá vida ao corpo do pião. Acionado o cordão pela mão humana, o brinquedo dançarino encontra seu ponto de equilíbrio num giro contínuo até deitar-se no chão, cansado dos rodopios.

O pião, que acompanha as brincadeiras infantis e de adultos, há muito está presente na memória lúdica de poetas e escritores. O poeta grego Calímaco (séc. v a.C) foi um dos primeiros a deixar um registro escrito deste brinquedo, falando de sua popularidade desde seu tempo. Depois vieram muitos outros, que cantaram em verso e prosa seu eterno rodopio.

¹ BRAGA, T. *O que é o que é?* [S.l.]: Abrinquadoteca, 2010. Disponível em: <http://www.abrinquadoteca.com.br/dicas_charadas2_impressao.asp?id=1>. Acesso em: 13 nov. 2016.

Por sinal, os piões giram na Terra há cerca de 3.000 a.C. Os primeiros nasceram, literalmente, da terra: eram feitos de argila, com decoração e/ou relevos em suas bordas. Foram encontrados na Babilônia, em túmulos de crianças.

Conhecemos, hoje, um pouco da história e origem do pião por achados arqueológicos que nos trazem amostras ancestrais do brinquedo, registradas por meio da escrita ou da imagem. Este é o caso da representação do jogo de pião num vaso grego, pintado há cerca de 2.500 anos, que pode ser visto atualmente no Museu Arqueológico John Hopkins, nos Estados Unidos.

De sua invenção para cá, temos uma diversidade de formatos e materiais dos quais os piões são feitos: madeira, casco de cavalo, plástico, metal, papelão etc. Podemos apreciar a beleza do design dos piões de diferentes culturas no belíssimo vídeo *Tops*, do casal Charles e Ray Eames, que filmaram uma coleção especial de muitos anos (www.youtube.com/watch?v=FujYoqBVf74&feature=related).

No Brasil, encontramos também uma variedade de piões de madeira, coquinho, brejaúba, cabaça, caroço de tucumã, nó de pinho, sementes, frutos verdes etc. Muitos deles são sonoros, assobiam ao girarmos. Outros vêm com acompanhamentos que oferecem desafios extras, como fazer o pião percorrer um determinado circuito ou jogos com o brinquedo em que cada partida é computada por meio de determinada pontuação. Há também um curioso pião cambalhota, que faz a proeza de mudar de posição em pleno giro. Enfim, são variantes instigantes criadas, recriadas e modificadas a partir do conhecimento de longa data deste brinquedo e da interação entre os diferentes brincantes.

Prova deste intercâmbio lúdico na confecção de piões é o próprio pião cambalhota, de madeira, que hoje é feito no Brasil, sendo uma réplica daquele de origem dinamarquesa. Este, por sua vez, foi inspirado em piões feitos com sementes bem duras da América do Sul. Na Amazônia temos vários representantes da cultura lúdica que sabem fazer este tipo de pião cambalhota usando sementes, as quais, ao girar, mudam de posição. Em suma, o brinquedo não tem fronteira de nacionalidade, é universal!







POSSIBILIDADES LÚDICAS E EDUCATIVAS

Para quem gosta de apreciar olhares poéticos acerca da beleza gerada pela intimidade com o brinquedo, fica a dica do texto “Da arte de jogar pião”, do escritor Cristovão Tezza, publicado no Caderno Mais!, da *Folha de S. Paulo*, em 4 de junho de 2004 (http://www.cristovaotezza.com.br/textos/contos/p_daartedejogarpiao.htm), e o sensível curta-metragem *Bambeia*, de Renata Meirelles e David Reeks (<https://www.youtube.com/watch?v=B5LNk3Xlrs0>).

Tanto o texto quanto o vídeo tratam do encontro verdadeiro da pessoa com o brinquedo. Versam sobre a beleza dos gestos e da entrega nesta relação, na qual pessoa e objeto parecem se fundir numa coisa só. O movimento do brinquedo torna-se extensão do corpo que o animou!

No caso do escritor, que aprendeu a jogar pião depois de adulto, vemos o resultado desta conquista em um belo texto comemorativo do feito, que traz a sensação viva da arte de rodar pião e, mais do que isso, permite vivenciar a intensidade da sensação de estar plenamente na brincadeira.

Já o vídeo do casal brincante Renata e David captura, com olhar astuto de criança, a beleza dos gestos dos meninos de comunidades ribeirinhas da Amazônia, criadores e jogadores de piões que tiram de troncos de árvores, cuidadosamente escolhidos e esculpidos com facão e lixa de língua de pirarucu. É impressionante a habilidade dos meninos no manejo tanto das ferramentas quanto do balé dos piões pelos fios e corpos!

Esses dois tratados de precisão, de quem aprendeu recentemente a arte do manejo de piões e também das crianças que cultivaram tanta intimidade com o brinquedo, nos fazem pensar se rodar pião não é desafio demais para os pequenos da Educação Infantil. Ora! Temos uma diversidade desses brinquedos, podemos começar pelos de haste, que são girados entre as palmas das mãos ou entre os dedos (piorra), sem necessidade de cordão ou fieira; ou pelos piões que têm base de apoio para soltá-los. E, ainda, convidar adultos e crianças maiores que saibam manejar os piões mais difíceis; afinal, é desta observação e do desejo de participar da brincadeira que os pequenos aprenderão esta arte e poderão passá-la adiante.

Para finalizar uma coleção de muitos piões feitos por artesãos deste imenso Brasil para terminar o livro deslizando brinquedos sobre a Terra em permanente giro!

FICHA DOS ARTESÃOS

PIÕES DO BRASIL

ACRE

Ricardo Silva (Demestre da Silva Bezerra)
(68) 99983 2856

ALAGOAS

Mestre Zezinho (José Cícero da Silva)
(82) 9663 9439

AMAPÁ

Claudenir Santos
(96) 99179 6464

CEARÁ

Dim (Antônio Jader Pereira dos Santos)
(85) 8705 1956/98603 1667
brinquedim@yahoo.com.br
museubrinquedim.org.br

DISTRITO FEDERAL

Kaju e Junai (Leonardo Coutinho de Souza
e Luis Gonzaga Araújo e Costa Junior)
(61) 3964 4976/98212 9212
leokajuarte@gmail.com
junaijr@gmail.com
Manoel Severino dos Santos
(61) 8560 8538

ESPÍRITO SANTO

Elvecio Altoe
(28) 9976 7755/9983 7611/3546 3472
elvecio2510@hotmail.com

GOIÁS

Divino Jesus Moreira de Pinho
(62) 3242 2584/99681 0213
amoreartdm@hotmail.com

MARANHÃO

Paulo Socha
(98) 98139 4226/99968 1191
paulosocha@yahoo.com.br

MATO GROSSO DO SUL

Ranulfo Martins de Oliveira
(67) 3373 3741/99287 2004/99964 7475
ranuartisanato@hotmail.com

MATO GROSSO

Micheli Sierra
(65) 9222 5492
michelisierra@hotmail.com
ciaalegris@gmail.com
alegrisbrinquedosebrincadeiras.blogspot.com/Ateliê

PIAUI

Kazé (Carlos José Pereira)
(86) 99920 5939
kzartesao@hotmail.com

RIO GRANDE DO SUL

Carlos Almindo Barbosa Guterres
(55) 9178 2412

RONDÔNIA

Vasco (Francisco de Assis da Silva Vansconcelos)
(69) 98406 8711/98488 3276/3224 4779
leudaevascoartesanatos@gmail.com

RORAIMA

Guara (Guaracy da Costa Silva)
(95) 99116 2306
guaracy20@gmail.com

SANTA CATARINA

Rafael Arpon
(47) 99610 4435

SERGIPE

João Luiz de Souza Silva
(79) 3243 5567/99992 9796
joaoartesluiz@hotmail.com/
joaoluizartes@gmail.com
brincarecoisaseria.com

SÃO PAULO

José Aparecido de Castilho
(11) 4676 4982
jacartesanatos.com.br

TOCANTINS

Renato da Silva Moura
(63) 3224 3696
artetanoponto@gmail.com

**FAZ DE CONTA: MUNDO
MINIATURA DA REALIDADE****MOBÍLIAS DE ARAME E LÃ**

Paulo Socha
Rua Santo Antônio, 96
Centro, São Luís, MA
CEP 65010 590
(98) 98139 4226/99968 1191
paulosocha@yahoo.com.br

BONECAS E MANDALA DE BONECAS DE PANO

Maria de Lourdes Alves
Rua Probo Câmara, 764
Monte Santo, Campina Grande, PB
CEP 58400 723
(83) 3339 2072/99994 1867
LOCAL DE VENDA:
Casa do Artista Popular, Praça da Independência, 56
Centro, João Pessoa, PB
(83) 3221 2267/3221 2126
casadoartistapopular.pb.gov.br

BONECAS ABAYOMI

Lena Martins (Waldilena Serra Martins)
Rua Santo Alfredo, 42, casa 10
Santa Teresa, Rio de Janeiro, RJ
CEP 20240 070
(21) 2508 5710/2224 6538/98887 5710
lena.abayomi@gmail.com
bonecasabayomi.com.br

**CASINHA DE BONECA DE
MADEIRA COM MOBÍLIA**

João de Cerqueira Silva
Rua Altos, 5.682
Alto Alegre, Teresina, PI
CEP 64006 160
(86) 99432 8872

CASINHA DE PAPEL

Jaime Correia Bilitário
Rua Viriato Lobo, 302
Centro, Santo Antônio de Jesus, BA
CEP 44570 000
(75) 99926 5161/9987 9194 (recado)
jaimebilitario@hotmail.com

ANIMAIS DE BALATA

José Batista de Aragão
Parque Ambiental Chico Mendes
Rodovia AC-040, km 7 (sentido Sen. Guiormard)
Rio Branco, AC
(68) 3221 3950/99994 9751

PARQUINHO DE DIVERSÕES DE FLANDRES

Juracy José Gomes
Rodovia A-2.928
Boa Vista de São Caetano, Salvador, BA
CEP 40385 645
(71) 3259 4726/98158 2759/99211 2478

**FAZ DE CONTA: MUNDO
MINIATURA DA FICÇÃO**

BONECOS DO SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO

Lala Martinez Corrêa
(Maria do Rosário Martinez Corrêa)
Rua Achilles Masetti, 138/52
Paraíso, São Paulo, SP
CEP 04006 020
(11) 3884 1302
lalamartinezcorrea@gmail.com

BONECOS FANTÁSTICOS DE MADEIRA

João Maurício Neiva Gilson
e Marigilda Machado Borba
Rua Professora Jurema Machado, 178
Grajaú, Rio de Janeiro, RJ
CEP 20561 180
(21) 2208 1744/99339 3993
mauricio@magoo brinquedos
magoo brinquedos.com.br

MÁQUINA VOADORA E ANIMAIS ALADOS

Gandhy Piorski
Rua da Alegria, 205
Precabura, Eusébio, CE
CEP 61760 000
(85) 3476 2432/98875 2432
gandhyz@hotmail.com

**FAZ DE CONTA: MUNDO MINIATURA
PARA SE LOCOMOVER NA
TERRA, NA ÁGUA E NO AR**

CARRINHOS DE VÁRIAS DÉCADAS

Luiz Eicardi
Rua Dárcio Nascimento de Moura, 45
Freguesia do Ó, São Paulo, SP
CEP 02842 060
(11) 3921 2737

CAMINHÃO DE TORA

Vasco (Francisco de Assis da Silva Vasconcelos)
Rua Estácio de Sá, 6.904
Cuniã, Porto Velho, RO
CEP 76824 466
(69) 3224 4779/98488 3276/98406 8711
leudaevascoartesanatos@gmail.com

JIPE E AVIÃOZINHO DE BURITI

Renato da Silva Moura
307 Norte, Al. 07, 56
Palmas, TO
CEP 77001 402
(63) 3224 3696/8404 0377
artetanoponto@gmail.com

**CARRINHO DE CORRIDA, PRANCHA
DE WINDSURF E JANGADA**

Guara (Guaracy da Costa Silva)
Rua Iugoslávia, 778
Cauamé, Boa Vista, RR
CEP 69300 000
(95) 99116 2306
guaracy20@gmail.com

**FAZ DE CONTA DE MAMULENGOS,
MARIONETES E FANTOCHES**

BONECO JANEIRO

Mestre Miro (Ermirio José da Silva)
Genesio Trajano da Silva
Cajá, Carpina, PE
CEP 55813 170
(81) 98827 6098/98614 3666/98937 9671
mirodosbonecos@hotmail.com.br

**FANTOCHES DE PERSONAGENS
DO BOI DE MAMÃO**

Mônica Marcon
Rua Acadêmico Reinaldo Consoni, 688
Santa Mônica, Florianópolis, SC
CEP 88037 100
(48) 3024 1251/99800 2099
monicamarcon9@hotmail.com
brinquedosanimados.blogspot.com

BONECOS DE CAIXA DE FÓSFOROS

Joba Tridente
Rua Dr. Faivre, 808-36
Curitiba, PR
CEP 80060 140
(41) 3319 1314
jobatridente@hotmail.com
lixoquevirarte.blogspot.com

TEATRO DE BONECOS

Juliana Bollini
Rua Capitão Alceu Vieira, 77/ap. 34
Vila Ipojuca, SP
CEP 05055 040
(11) 3862 0225/94246 0156
julianaarte@yahoo.com.br
julianabollini.blogspot.com

**FAZ DE CONTA QUE CORREMOS
O MUNDO POR MUITAS LÉGUAS****CAVALO PANTANEIRO**

Micheli da Silva Sierra
(65) 99222 5492
michelisierra@hotmail.com
ciaalegris@gmail.com

CAVALO DE BALANÇO

Manoel Severino dos Santos
(61) 98560 8538/98560 8537
LOCAL DE VENDA:
Feira da Torre de Televisão, Ala B-88
Brasília, DF
(sábados, domingos e feriados, das 8h às 20h)

CAVALINHO DE CAULE DE PÉ DE MILHO

Divino Jesus Moreira de Pinho
Rua H-10, Quadra 09, Lote 21
Residencial Hawaí, Goiania, GO
(62) 3242 2584/99681 0213
amoreartdm@hotmail.com

CAVALO DE MIRITI

Valdeli Costa Alves
Rua Padre Mario Lanciott, 1.388
Cristo Redentor, Abaetetuba, PA
CEP 68440 000
(91) 98267 5822
miritong@hotmail.com

BRINQUEDOS DE HABILIDADE E DESTREZA**CORRUPIO**

Divino Jesus Moreira de Pinho
Rua H-10, Quadra 09, Lote 21
Residencial Hawaí, Goiania, GO
(62) 3242 2584/99681 0213
amoreartdm@hotmail.com

PETECA

Magali Aparecida Ono
Rua Brilhante, 3.868
Nova Bandeirantes, Campo Grande, MS
CEP 79006 560
(67) 99158 6596/99903 6258

PERNA DE PAU E ESQUI DUPLO

João Carlos Nascimento Mogarte
Rua das Primaveras, 69
Encosta do Sol, Estância Velha, RS
CEP 93600 000
(51) 99974 5343
joaograndao brinquedos@yahoo.com.br

**AVIÃOZINHO DE CAIXA DE MADEIRA
E AVIÃOZINHO DE PAPELÃO**

Magão (Ronaldo Batista de Sales)
Rua Amaro Cavalcante, 64
Centro, Caicó, RN
CEP 59300 000
(84) 99957 1254

ESTILINGUE (BALADEIRA)

Ricardo Silva (Demestre da Silva Bezerra)
Travessa São Nicolau, 32
João Eduardo I, AC
CEP 6911 452
(68) 99983 2856

SOBRE RODAS

CAMINHÃO ITINERANTE

João Luiz de Souza Silva
Rua Francisco Rabelo Leite Neto, 351
Atalaia, Aracaju, SE
CEP 49035 240
(79) 3243 5567/99992 9796
joaoartesluiz@hotmail.com/
joaoluizartes@gmail.com
brincarecoisaseria.com

**CARRINHO DE ROLIMÃ, CARRINHO
DE MÃO E BRINQUEDO DE EMPURRAR**

Carlos Antonio Alves
Rua Zenith, 844
Jardim Brasília, Uberlândia, MG
CEP 38401 408
(34) 3223 3677
anaara_silva@hotmail.com
ana_flaviaca@hotmail.com

BRINQUEDOS DE MIRITI

MÓBILE DE PÁSSAROS

Raimundo do Socorro Vasconcelos
Rua Padre Mario Lanciott, 1.418
Cristo Redentor, Abaetetuba, PA
CEP 68440 000
(Miritong – Associação Arte Miriti de Abaetetuba)
(91) 99183 6216

**COBRA ARTICULADA, TATU ARTICULADO
E BARQUINHO DE MIRITI**

Vamilson Costa Alves
Rua Padre Mario Lanciott, 1.427
Cristo Redentor, Abaetetuba, PA
CEP 68440 000
(Miritong – Associação Arte Miriti de Abaetetuba)
(91) 99359 7478

**COME-COME, ALIMENTANDO, RIBEIRINHO
NA CANOA, BOTO ARTICULADO, SOCA-
SOCA, SERRA-SERRA E DANÇARINOS**

Valdeli Costa Alves
Rua Padre Mario Lanciott, 1.388
Cristo Redentor, Abaetetuba, PA
CEP 68440 000
(Miritong – Associação Arte Miriti de Abaetetuba)
(91) 98267 5822
valdelimiritong@hotmail.com

ENGENHOCAS

CARRO BATE-BATE E GALINHAS

Paulo Socha
Rua Santo Antônio, 96
Centro, São Luís, MA
CEP 65010 590
(98) 98139 4226/99968 1191
paulosocha@yahoo.com.br

MANÉ-GOSTOSO E CATA-VENTO

BONECOS NO PILÃO

Mestre Zezinho (José Cícero da Silva)
Rua Marechal Costa e Silva, 772
Primavera, Arapiraca, AL
(82) 99663 9439

VIOLATA

Kaju e Junai (Leonardo Coutinho de Souza
e Luis Gonzaga Araújo e Costa Junior)
SQN 114, Bloco G, 501
Asa Norte, Brasília, DF
CEP 70764 070
(61) 98212 9212/3964 4976
leokajuarte@gmail.com
junaijr@gmail.com

PIÃO GIGANTE À MANIVELA

Dim (Antônio Jader Pereira dos Santos)
Estrada da Coluna, s/nº
Capim de Roça, Pindoretama, CE
CEP 62860 000
(85) 98705 1956/98603 1667
brinquedim@yahoo.com.br
museubrinquedim.org.br

ENGENHOCA DE MANIVELA

Alberto Bernardo
Rua Tenente Eliezer Costa, 302
Barra do Ceará, Fortaleza, CE
CEP 60347 345
(85) 98749 1388/99690 1866
albertobrinquedos@gmail.com

ENGENHOCAS DE EMPURRAR

PÁSSARO BATE-BATE, CAVALO ALADO, HELICÓPTERO E MONOCICLISTA

Dim (Antônio Jader Pereira dos Santos)
Estrada da Coluna, s/nº
Capim de Roça, Pindoretama, CE
CEP 62860 000
(85) 98705 1956/98603 1667
brinquedim@yahoo.com.br
museubrinquedim.org.br

JACARÉ E BORBOLETA DE EMPURRAR

João Luiz de Souza Silva
Rua Francisco Rabelo Leite Neto, 351
Atalaia, Aracaju, SE
(79) 3243 5567/99992 9796
joaoartesluiz@hotmail.com
joaoluizartes@gmail.com
brincarecoisaseria.com

PÁSSARO BATE-BATE

Paulo Socha
Rua Santo Antônio, 96
Centro, São Luís, MA
CEP 65010 590
(98) 98139 4226/99968 1191
paulosocha@yahoo.com.br

ENGENHOCA DE EMPURRAR

Carlos Antonio Alves
Rua Zenith, 844
Jardim Brasília, Uberlândia, MG
CEP 38401 408
(34) 3223 3677
anaara_silva@hotmail.com
ana_flaviaca@hotmail.com

BRINQUEDOS PARA VER O BELO**CALEIDOSCÓPIO ACQUA, LINEA, POP STAR,
POP BOX, POP ACQUA, TETRIS E ALEGRIA**

Heidi Xavier
Rua 13 de Maio, 1.206, 13A
Curitiba, PR
CEP 80510 030
(41) 3224 0299/9994 8481
mxheidi@yahoo.com.br
milderxavier@gmail.com
espelhomagicocal.blogspot.com

**ANTIGAMENTE BRINCAVA-SE
ASSIM, HOJE TAMBÉM!****CARRINHO DE LATA DE ÓLEO E DE SARDINHA
COM RODA DE CHINELO HAVAIANA**

Ricardo Silva
(Demestre da Silva Bezerra)
Travessa São Nicolau, nº 32
João Eduardo I, AC
CEP 6911 452
(68) 99983 2856

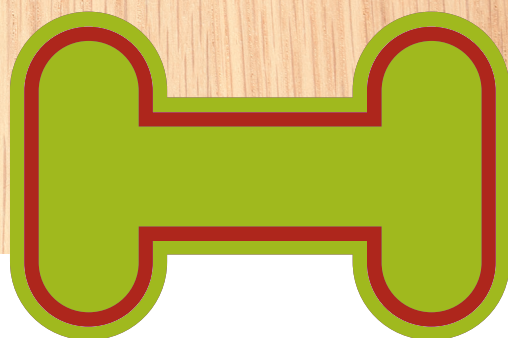
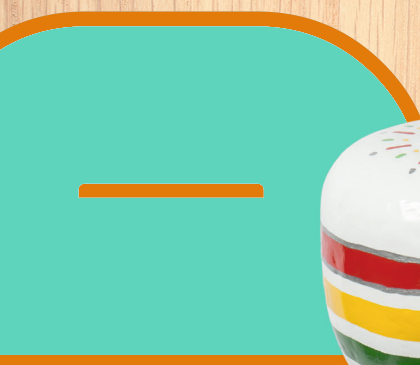
**CARRO DE BOI E BONECOS DE SABUGO
DE MILHO, CARRO DE BOI DE MADEIRA
E CARRINHOS DE SUCATA**

Divino Jesus Moreira de Pinho
Rua H-10, Quadra 09, Lote 21
Residencial Hawaí, Goiania, GO
(62) 3242 2584/99681 0213
amoreartdm@hotmail.com

FONTES	Tisa, Supria Sans e Matryoshka
PAPEL	Couché Matte 180 g/m ²
IMPRESSÃO	Rona Editora Ltda
DATA	fevereiro de 2018



www.sesc.com.br



ISBN 978-85-8254-068-8



9788582540688